ANNO XXIV — N.º 26
Rio, 28 de Junho de 1930
PREÇO: 1$000
FON FON

desapparecem em poucos minutos com dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

O DESTINO

CONCHITA CID

UM "boulevard" qualquer. Muita gente e muito luxo. Luzes. Noite clara de maio. As sombras rolam umas sobre as outras.

— E' você mesmo, Myra? Como está bonita!

— Serio? E você, como vae? O mesmo rapagão de seis annos atraz...

— Você não está sendo sincera, Myra. No seu intimo, lamenta talvez o meu depauperamento...

— Nada disso; você é demasiado severo.

— E a Myra demasiado bondosa, como sempre. Olhe os meus olhos: sem brilho. Os meus cabellos: quasi brancos.

— O mesmo exagerado.

— E quasi no meu outomno, você me volve fresca e mais garota que nunca... Estou com ciumes da sua mocidade em flor...

— Não diga tolices, Luciano. Nem você é velho com vinte e oito annos, nem eu criança com vinte e dois. Ha muito que o desejava encontrar para lhe dar os parabens pelo seu casamento, e, agora, na primeira opportunidade, ao invés disso, devo dar-lhe os pesames. Li nos jornaes de dezembro...

— E' verdade, Myra, minha mulher morreu.

— E tu a amaste de facto, Luciano?

Elle fitou-lhe os olhos, aquelles olhos que tinham sido a sua paixão na vida, "olhos sem côr", como elle os chamava. Olhos que desmentiam, muitas vezes, aquella boquinha dulçurosa. Olhos estranhos, que tomavam a côr dos diversos sentimentos.

Quando, seis annos atraz, elle beijava Myra, sua noiva, mergulhando os seus olhos nos della, encontrava-os verdes e suaves...

Si, ao contrario, os fitava num momento de raiva, estes se volviam cinzentos, quasi maus.

E, finalmente, pareciam pardos quando ella soffria.

E agora estavam pardos... Olhos pardos... olhos que exprimem dôr...

— Amou-a, não foi assim?

E uma chispa acinzentada lhe turvava o olhar.

— Myra, fui tão infeliz... Tive tantas saudades de você... Myra, minha Myra, e que me diz de si?

— Eu? Casei um pouco depois de você. Meu marido era muito bom e eu era muito sua amiga. Um dia, ao sahirmos do cinema, apanhou um forte resfriado, que lhe foi funesto. Foi inutilmente que procurou a cura nos melhores climas da Europa. Estivemos na Suissa quasi dois annos. A molestia, durante algum tempo tranquillizada, manifestou-se depois com assustadora velocidade. E foi assim que, lá longe, naquelle cantinho da poetica e hospitaleira Suissa, morreu o homem mais nobre que conheci. Viuva, tratei de voltar para o Rio, e... aqui me tem.

— Myra, você amou seu marido?

E ella, num soluço:

— Luciano, eu não sei...

Entremos neste "bar", Myra. Essa volta ao passado me abateu, essa especie de resurreição me faz estalar o peito...

— Luciano...

— *Garçon!*

— Myra, que quer tomar?

— Sorvete.

— Dois sorvetes.

Pausa.

— Ainda bem que você foi feliz. Eu tive com o casamento uma grande desillusão. Casei com uma lourinha elegante como o desejou minha familia. Julguei-a calma, ajuizada e boa. Desenganei-me logo. Uma voluvel, uma caprichosa. Pinturas, visitas, perfumes... Não era má, mas... você conhece o meu genio. Gosto do socego. Vieram as brigas. Quantas vezes não chorei por você, Myra, minha querida amiguinha... A cabeça enterrada no travesseiro, eu fazia parallelos entre a vida que poderia ter levado com você, eternos amantes os dois, e a que eu levava com aquella desmiolada mulher. Si, em vez da loura que dormia alli, bem perto de mim, fosse você, a minha Myra, eu não soffreria assim... E tudo por causa das severidades que eu tinha para com você, pobre bonequinha... E sentia uma vontade louca de lhe pedir perdão... Quando ella morreu, já não viviamos juntos. Myra, querida, você perdôa ao seu velho amigo?

E elle tomara as mãosinhas enluvadas de Myra.

Os olhos verdes, muito meigos, ella falou:

— Sim, Luciano, eu perdôo.

— E — continuou, entre séria e risonha — você se lembra daquelle dia, o ultimo em que estivemos juntos, em que eu pronunciei esta phrase: "Destinos... Qual será o nosso?" E você, muito depressa: "Certamente, o meu não é o de casar com uma mentirosa da sua especie". Você se lembra?

Luciano sorria.

— Tem razão, Myra. O nosso destino era casar um com o outro. Quizemo-nos impôr. Foi inutil. São os vae-vens da Vida...

EU E TU

Voltas-me o rosto toda vez que eu passo,
timidamente pela tua rua...
Toda gente que ri do meu fracasso
ignora que a culpa é toda tua...

Inutilmente volto passo a passo...
Seja noite de frio ou céo de lua.
Penso um verso banal. E' sempre escasso
o poder de uma phrase ingenua e nua...

Espero agora indifferentemente,
o minuto feliz em que te diga
minha canção tão timida e contente...

Olhas-me agora sempre quando eu passo,
e aquella mesma gente, minha amiga,
ingenuamente ri do teu fracasso...

QUEIROZ JUNIOR

O que nem todos sabem

Fazem-se, actualmente, nas ilhas de Feroe, experiencias com um novo processo para pescar baleias.

Levado a effeito por um barco baleeiro, consiste o novo processo em applicar ao cetáceo uma alta corrente electrica por meio do arpão, previamente cravado em seu corpo. O dispositivo é um alternador de elevada potencia, que realiza sua descarga por meio de um conductor unido electricamente ao arpão, o qual se acha dotado de um potencial elevado depois de ter passado pelo transformador a corrente do alternador.

Até agora, todas as experiencias feitas deram um resultado satisfatorio. Além de evitar o ter que marcar as baleias quando forem feridas pelos arpões, para depois realizar correrias de resultados inuteis atraz dellas, esse processo permittirá que o numero de embarcações auxiliares seja reduzido, mesmo o das propriamente chamadas baleeiras, pois, pela rapidez, será mais intensa a captura desses cetáceos.

* * *

Nem Dumas pae, nem Ponson du Terrail, nem tantos outros novellistas famosos produziram com mais rapidez e mais fecundidade de idéas, ao mesmo tempo, do que o autor inglez moderno Edgard Wallace. Uma quinta-feira, um editor procurou-o para pedir-lhe uma novella de 70.000 palavras, que devia ser apresentada na segunda-feira proxima. Wallace poz mãos á obra com uma rapidez phantastica. Começou a dictar a seu dactylographo logo que o editor sahiu, e quatro dias depois, emquanto sua mulher ia corrigindo as provas, havia terminado o seu trabalho.

* * *

Acaba de ser vendido em Londres, pela quantia de 1.020 libras esterlinas, um exemplar de *Lycidas*, obra escripta por Milton, em 1637, e publicada em 1638.

* * *

Segundo a *Gazeta de Voss*, de Berlim, o allemão é o idioma extrangeiro mais diffundido na União das Republicas Sovieticas. A Editorial do Estado, que tem o monopolio da edição para todo o territorio sovietico, editou, em 19[illegible], 440.000 livros allemães, contra 27.000 livros inglezes e 25.000 francezes.

* * *

Existem em Calcuttá 199 templos hindús, 117 mesquitas mahometanas e 31 egrejas catholicas.

* * *

Quando um membro do parlamento inglez se declara fallido, fica impossibilitado de continuar pertencendo ao mesmo e de vota[illegible]

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

dá a toda mulher uma cutis tão suave e immaculada como a de uma creança.

Essa cutis, em realidade, a possue toda mulher, immediatamente debaixo da que ostenta exteriormente. Mas, como desprender-se a cutis exterior avelhantada, gasta, defeituosa, é um segredo não muito difundido. Em algumas partes as mulheres deixam-se submetter ao

PROCESSO HEROICO DE DESPELLEJAR-SE

que consiste em fazer com que se desprenda a cutis exterior. Tal methodo, não só é muito doloroso, como tambem obriga a uma larga reclusão.

MAS A SCIENCIA TEM PROGREDIDO

a tal ponto que qualquer um, homem ou mulher, pode com absoluta confiança e commodidade fazer que se desprenda sua má cutis exterior sem dôr nem perigo algum. Tudo o que é preciso fazer é adquirir em qualquer pharmacia Cera Pura Mercolized, e applical-a ao rosto e collo.

SÃO PRECISOS APENAS 10 DIAS

para completar felizmente a transformação da cutis o que se effectua de tal modo que só é notado pelo grande melhoramento do aspecto da pelle. Não se limite a pedir cera pura, pois é mister que seja mercolized (em inglez "Pure mercolized wax).

VIDA...

ERA como um cão sem dono. Não conhecêra paes e vivia ao léo, sem lar e sem carinho. Rosto macilento, faces cavadas, olheiras profundas, onde a fome fizéra os maiores estragos. Os sapatos rôtos, maiores que os seus pés, deixavam ver os dedos magros. Cabellos em desalinho, mãos trementes de frio intenso. No olhar, a expressão morbida da desgraça das ruas. Labios finos e exangues. Os trapos que lhe cobriam a pelle eram sujos e sem côr. Andava ao accaso. O destino da sua vida era incerto e vario, como quasi todos os destinos. Nove annos era a sua idade de soffrimentos agudos. Fôra engeitada ao nascer. Desde o berço o estylete da dor marcára-lhe a fronte innocente. Creou-a uma alma caridosa. Aos dois lustros de vida perdêra a protectora, passando, então, de mão em mão como os cães vadios. Molestia terrivel e contagiosa mináralhe o organismo e por isso ninguem mais a quizéra. Mendigava uma codêa de pão, de porta em porta. Os garotos ricos tinham-lhe horror! A sua tosse continua, o seu aspecto osseo e cavado causavam-lhes medo. A miseria traz comsigo o pavor! Tinha por tecto o beiral de uma casa qualquer. Preferia as villas. Nellas, as entradas a abrigavam melhor das intemperies. No seu viver sordido, horripilante, sonhava com o que poderia ser a sua existencia si tivesse uma casinha branca onde morasse com a sua mãesinha, ignorando o quão cruel essa havia sido. Jamais sentira o affago de mãos amigas. Não sabia chorar. A dor constante, a miseria enorme, haviam-lhe seccado os olhos...

* * *

Noite de S. João. Junho friorento. Foguetes estoiram nos ares neblinados. Nos salões nobres os meninos soltam fogos caros e variados. Nas habitações humildes, hosannas sobem aos Céos em louvor a S. João. As mesas estão fartas de doces e iguarias. Os balões multicores cortam os ares em direcções diversas. A alegria boia em cada olhar; ha sorrisos em todos os labios. E' uma festa de vida, cheia de rumor, onde o pensamento não se póde toldar de tristeza. E' encantadoramente alegre a noite de S. João.

* * *

Sobre a lage fria de uma soleira a pequena tuberculosa se recostára. Os seus olhos baços contemplavam extasiados a ascensão de um balão célere. Cada vez subia mais e com elle os castellos da pequenita. Cançados, os olhos se foram fechando e o somno, amigo dos que soffrem, se apossou daquelle pequenino ser desamparado. Sonhou. Via-se vestida de branco, laço de fita nos cabellos penteados, encaracolados e luzidios, entre muitas crianças, em frente de uma mesa repleta de doces finos e fructas crystalizadas. Os fogos estoiravam fazendo-lhe arrepios de susto. Os olhinhos brilhavam de desejo, na contemplação daquella mesa cheia. Os jogos de salão causavam-lhe sensações agradaveis e estranhas. Uma senhora gorda e bonitona se aproximou della e offereceu-lhe um doce cheio de mel que ella tomou avido e levou á bocca.

* * *

Um carro em desfilada acordou-a. Uma tosse rouca e forte sahiu do seu peito debil. As mãosinhas geladas crisparam-se em convulsões. Uma golfada de sangue tingiu a calçada solitaria...

Quando, na manhã seguinte, muito cêdo ainda, o primeiro transeunte vinha em demanda do trabalho, viu, perto do ralo de esgoto, o corpo inanimado, os olhos vitreos, a bocca aberta com laivos de sangue, daquella que fôra na vida a imagem perfeita da desgraça humana.

GILBERTO VEIGA

REMEDIOS DE VALOR
DOR GRIPPE RESFRIADOS? GUARAINA
OPILAÇÃO VERMINOSES? OPILINA
FRAQUEZA MAGREZA? GUARANIL
SYPHILIS? TREPARGYL
MALEITAS PALUDISMO? MALEIZIN
COMPRIMIDOS E AMPOLAS
PURGATIVO LAXANTE ENERGICO? PURGOLEITE
CONSTIPANTE ANTIDIARRHEICO? TANOLEITE
COMPRIMIDOS
TOSSE BRONCHITE COQUELUCHE? HUSTENIL
ARTERIOSCLEROSE? IODALB
GOTTAS
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C.IA - RIO

PARA CREANÇAS
DIARRHÉAS VOMITOS? CAZEON
DYSPEPSIAS INAPPETENCIA? PEPSIL
FERMENTOS, VITAMINOSOS
SYPHILIS PEREBAS? LACTARGYL
MERCURIO - VITAMINAS
EMAGRECIMENTO CREANÇAS E ADULTOS? CAZEOMALTE
SUPER - ALIMENTO
VERMES? LACTOVERMIL
POLVVERMICIDA
FRAQUEZA MAGREZA? TONICO INFANTIL
FORMULA COMPLETA
RACHITISMO? NEO-AMINAZIN
CALCIO - VITAMINOSO
FARINHA PHOSPHATADA? NUTRAMINA
VITAMINOSA
FARINHAS DEXTRINISADAS? CREME INFANTIL
12 VARIEDADES
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C.IA - RIO

Christina

ARTHUR MILLS

ILLUSTRAÇÕES: PAULO WERNECK

ACABAVA de soar a meia noite e ainda chegavam convidados á casa de Lady Charley. Haviam sido distribuidos numerosos convites, que todos acceitaram encantados. A dona da casa estava certa do exito de seu baile. O mesmo não succedia ao mordomo. Certamente que era aquella uma das festas mais sumptuosas e bellas que se realizavam na capital londrina. Mas é que havia typos tão estranhos!...

Ali estava Betty Leyton, rodeada por uma multidão de homens, na sua maioria ex-militares. Um ou outro joven e seres que parecem interessantes unicamente por cavallos de corrida.

A mulher estreitav a mão a cada um daquelles homens, e, sem offender a ninguem, escolhia habilmente um, de accordo com seus gostos, para dançar a proxima peça musical. E todos, velhos e moços, conhecendo-a ou não, desejavam dançar com ella.

Mais longe, em uma pequena mesa, havia um casal que ceiava. O homem tinha trinta annos, mas apparentava vinte e cinco. Sua companheira tinha dezenove e representanva o typo perfeito das mulheres *post-bellum*.

Ella, durante dois annos, antes de sua pretenção official, frequentára os *dancings* e os hospitaes, isto é, conhecia os dois elementos indispensaveis para ingressar no *grand-monde*. Do homem, que se achava sentado do lado opposto da mesa, apenas sabia que se chamava Carlos e que era um joven muito sympathico. Em certa occasião lhe haviam dito o sobrenome, mas ella o esqueceu.

Seu capricho por elle nascera na noite anterior, quando se encontraram pela primeira vez.

— Acho que tambem você desejará dançar com... ella, não é verdade? — disse Christina, de repente, notando a insistencia e o interesse com que seu companhei[ro] observava a senhora Leyton.

O homem não respondeu, m[as] em seus olhos brilhava uma luz e[s]tranha, que a joven não consegui[u] decifrar.

— Asseguro-lhe que não encon[tra]rá difficuldade alguma — con[tinuou]. — Si deseja conhecel-a...

— As gatinhas de sua edade nã[o] devem ter unhas tão longas! — di[s]se o homem, mostrando-lhe um as[pargo].

Christina olhou-o quasi aborre[cida]. E ajuntou:

Pois bem: si você dançar com ella, nunca mais o olharei em mi[nha] vida.

— Deveras?... — respondeu [o] homem, levando outro aspargo [á] bocca.

Christina empurrou violentamen[te] a cadeira para traz e se dirigi[u] para o dançarino, que a esperava.

Carlos continuou olhando su[a] companheira, que girava em torn[o] do salão, e observava como roçav[a] nos que comiam, fazendo gesto[s] amistosos aos conhecidos, e desde[n]hosos aos adversarios. Dançav[a] erguida, com o pescoço, o rosto [e] os braços completamente coberto[s] de pós. Numa palavra, era o typ[o] perfeito das moças do seculo XX.

Betty Leyton tambem a obser[vava], examinando-lhe o vestido [e] perguntando-se quem seria. Ma[s] não havia malignidade em seu[s] sentimentos, e sim uma subtil in[]veja de mulher para mulher, um[a] vez que Christina era o que ell[a] fôra em outros tempos.

A senhora Leyton havia chegad[o] á festa disposta a todo evento. E[ra] feliz. Ria, dançava e conversav[a] com a vivacidade com que sabe[m] fazel-o aquelles cuja vida, depo[is] de um minuto de ventura, nov[a]mente se submergem em um ma[r] de angustias.

Os violinos afinavam para o pro[]ximo fox-trot. Carlos se apoia[va] contra a moldura da porta da sal[a].

Betty appareceu, olhou-o inte[n]samente durante alguns segundo[s]. Depois sorriu e convidou-o par[a] dançar.

Tres homens se aproximara[m] para a mesma peça. Carlos pass[ou] o braço pela cintura da mulher. [] instantes depois ambos giravam a[o] compasso de um fox.

— De maneira que já se acha de regresso...

— E' verdade. Voltei a seman[a] passada.

— Havia mais de tres annos que partira. Deve ter-se divertido muito...

— Verdadeiramente, é impossivel divertir-se em um deserto.

— Ora... Mas agora pode recuperar o tempo perdido — continuou Betty.

E, depois de breve silencio, novamente perguntou:

— Quem é aquella preciosa creatura que ha pouco celava com você?

— Esqueci-lhe o nome. Foi ella quem me convidou para esta festa.

— Sempre teve ella a habilidade de estar de accordo com as outras — ajuntou ella, entre sorrisos, emquanto elle a estreitava fortemente contra seu peito.

Terminou a peça, e o casal começou a palestrar animadamente. Christina observava de longe, com o rancor dos seres impotentes, apenas pelo facto de serem muito moços.

— Podemos tambem dançar esta peça? — perguntou Carlos, solicito.

— Como fôr de seu gosto. Lembre-se sempre que não tenho com quem dançar fora de você...

Elle nada respondeu. De novo a estreitou fortemente contra o peito, ao mesmo tempo que, com suas faces, lhe roçava os cabellos perfumados. Christina, notando que o par sahia de novo a dançar, moveu a cabeça e repelliu tres cavalheiros que foram tiral-a. Era necessario fazer alguma cousa para salvar Carlos dos manejos daquella mulher. Levantou-se e foi á procura da gentil dona da casa.

* * *

A's quatro da madrugada, muitos pares começaram a retirar-se. As mais enthusiastas damas continuavam dançando.

— Isto é maravilhoso! — murmurou Carlos, nos ouvidos de Betty, emquanto a arrastava nos volteios de uma contradança.

De repente, a dona da casa se approximou do par, e disse a Betty:

— Senhora Leyton, posso ter o prazer de apresentar-lhe uma pessoa?

Betty deteve-se, surprehendida. Mas foi á sala contigua, emquanto Carlos a esperava.

O homem viu que Christina era apresentada á senhora Leyton e que, em seguida, ambas conversavam amistosamente. Alguns minutos depois, Betty voltava para o lado de seu companheiro.

— Creio — disse o homem — que é muito tarde. Si o permitte, acompanhal-a-ei até sua casa.

— Lamento-o muito, mas lady Clarely pediu-me que acompanhe sua colleguinha de ceia até sua casa. Repito-lhe que lamento infinitamente que você fique só.

Carlos protestou. Mas, nada.

Então, tomou nota do telephone da senhora Leyton.

— Telephonar - lhe - ei amanhã cedo.

Despediram-se amavelmente e, segundos depois, Betty e Christina tomavam o carro que devia conduzil-as ás suas respectivas residencias.

* * *

Emquanto as mulheres olhavam pela janella do carro, Christina perguntou, de repente:

— A senhora dança muito?

— Não.

— Mas adora o baile.

— Muitissimo.

— Uma dama sympathica e amavel como a senhora deve receber muitos convites, não é verdade?

Betty olhou Christina com attenção: aquellas perguntas eram innocentes, ou a moça não sabia que ella era uma senhora separada do marido? Deu uma resposta evasiva:

— Quando vamos nos bailes, é uma alegria encontrar-nos com velhos amigos.

— Porventura conhece o senhor com quem dançava?

— Quem?...

— Aquelle moço com quem bailou quasi todas as peças...

— Ah! Refere-se a Carlos?

Christina surprehendeu-se pela familiaridade de que se jactava sua rival.

Afinal, o carro se deteve deante da casa da joven; mas antes de descer, Christina quiz fazer uma ultima tentativa para sondar a amizade existente entre Carlos e a senhora Leyton.

— Eu o conheço apenas de vista. Quem é elle?

— Quem, Carlos?... E' meu marido! — respondeu Betty, simplesmente.

BELLY (Capital) — Não posso attender o seu pedido. O publico só valoriza aquillo que lhe custa caro. Um artigo nacional póde ser excellente. Mas o consumidor prefere o estrangeiro, porque é mais caro.

Ora, quando eu attendia qualquer pedido de graphologia sem exigir um vale postal de 30$000 para cada estudo, ninguem acreditava na minha sciencia. E o agradecimento, quando não era o silencio, se traduzia por descompostura. Agora, que me faço pagar, os consulentes crêem que sou excellente graphologo, e não mais me retribuem com insolencias. Mas, dado mesmo que me descompuzessem, para mim seria indifferente, uma vez que estivesse com o vale no bolso. Horrivel é a gente fazer um favor a um desconhecido e receber como premio os mais bellos doestos...

ZEPPELINA (Capital) — Aqui vae a sua carta de salada idiomatica. Nella se constata uma mistura de francez, portuguez, allemão, inglez, italiano, hespanhol, latim e esperanto.

Mas vejamos o texto da missiva:

"3 de Junho de 1930. Yves. You are in my heart but come lo non capisco o portuguès, yo tengo tido mucha dificultad for writting to you. Mais l'amour de mon cœur é più forte della mia ignoranza. Et mundum ambulát a chercher des mots pour traducir tutto ció che yo siento: esta insoportable cruz. J'ai même craint d'avoir une maladie de cœur. De tri monatoj, mi ne scias, Kion fari — yo pienso solamente en vous. Du bist mein himmel. Oyé lo que te pido and believe it; veritatem puram est. Na! Non me fasciate leiden. Unbegrenzt meum amorem est. Sulfa that papier sta il mio cuore entero. Do Yves kann ich vergessen. Akceptu, kara amiko, basium, un baiser, un bacio, un baso, a kiss of the tutta vostra.

Zeppelina."

Ora, depois de ler essa exhibição polyglottica, cheguei á conclusão de que v. ex. procura a Torre de Babel, ou a porta daquelle casarão de grades de ferro, dirigido pelo professor Juliano Moreira...

JACY MENDES (Pernambuco) —Teria muito desejo em lhe ser util, publicando a fantasia literaria que me enviou. Mas, para isso, seria necessario que o sr. me ajudasse, o que não acontece, infelizmente.

Imagine que ha no seu trabalho este trecho, que o não consagra em nada como escriptor. Leiamol-o:

"E os teus olhos, esses olhos negros, fugiram-se, temidos, talvez, que pudessem ser vencidos pela tristeza e pela serenidade dos meus; fugiram-se, medrosos, para não me fazerem uma confição.

Na estrada silenciosa do destino, as duas sombras não se abraçaram, mas sim, se separam para nunca mais, nunca mais, se encontrarem..."

Deploravel, não é?

ELVIRINHA (S. Paulo) — Tenha paciencia: a minha graphologia é remunerada. Mas ha por ahi muitos jornaes que possuem secções graphologicas e dão graças a Deus que alguem lhes faça o pedido que me fez — sem exigir um real.

ALEXANDRE DEMOSTHENES (?) — O sr. me julga máo (?!) tão somente porque faço a critica da collaboração em verso que me enviam. E com uma imposição descabida no caso, declara que sou forçado a ler a sua carta.

Não nego que é a minha obrigação lêr a correspondencia que me chega ás mãos. Mas, no caso vertente, eu me podia dispensar essa estopada, e responder laconicamente: "Os seus versos foram para a cesta".

Sabe por que? Justamente porque logo no inicio da sua missiva o sr. commette erros palmares. Erros de poetastro e menino de escola.

Isso seria o bastante para me levar á convicção de que o sr. não sabe fazer uma carta. E muito menos verso que se possa ler, sem a necessidade de atiral-os á cesta.

Mas não gosto de accusar sem provar o motivo da accusação. Por isso, resolvo publicar a sua missiva, tal como o sr. a escreveu. Dois pontos:

"Yves, Como conhecedor dos homens, pois ás mulheres é impossivel conhecel-as principalmente ás intelligentes, envio-te este soneto afim que o julgues respondendo-me se póde ser publicado ou não no *Fon-Fon*. Pódes responder-me com a maxima ironia que possues, pois estou acostumado a lidar com ella diariamente. Sou muito teu amigo mas tenho pena que um homem tão intelligente seja tão mao a este ponto! Mas cada qual como Deus o fez...

Vamos Yves tenha paciencia com alguem que te procura pela primeira vez, e procura apimentar o mais perderes a critica que talvez fizeres a meu respeito. Fico aqui porque estou com somno e por delicadeza não quero importunar-te mais tempo, apesar disso não ser amolação pois não fazes mais que teu dever lendo esta carta. Um mineiro que te conhece por meio desta carta, emulo de um grande conquistador e de um grande orador. — *Alexandre Demosthenes*."

Agora o soneto:

A ESCRAVA

Quando chegaste ao pé de mim
[escrava
Quando chegaste ao pé de teu
[senhor
Eu sem olhar aquella que chegava
Implorei em vão o teu amor.

Mas tu passaste olhando para
[longe
Sem fitar o senhor que te esperava
Tive a impressão que era um
[monge
Que esperava a rainha e não
[escrava

Mas como mulher e soberana
[minha
Tão altiva e bella como uma
[rainha
Tu semeaste amores bem fatais

Já me esqueceste, e, eu por en-
[quanto
Tenho a saudade de ter-te amado
[tanto
E o soffrimento do amor que não
[vem mais

ALEXANDRE DEMOSTHENES

Mot de la fin: é por isso que o sr. diz que sou mau. E que, cada um, como Deus o fez...

E' verdaede: Deus soube que não devia fazer a nossa intelligencia da mesma massa... cinzenta...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

CYRA (?) — Peço-lhe mil perdões, si não interpretei bem a sua primeira missiva. E' que ella não era clara. A de hoje é expressiva até no desenho da letra, mais nitido e legivel. Parabens. Denota isso que a sua alma não é tão complicada como parece. E' v. ex. que a faz assim — quando quer. Do mesmo que alguem, para se divertir, embaraçasse o retroz de seda com que tivesse de fazer o seu trabalho de agulha, e depois se desse á pachorra de desembaraçal-o... Não será isso? Por que não diz tudo claramente?

O ultimo periodo de sua carta exige uma repostas confidencial. Logo, ella não lhe poderia ser dada nesta pagina.

Por Deus! Não veja ironias, "pontinhas" de ironias, onde tudo é claro, liso, recto como uma planicie onde não ha mesmo nem a *pontinha* do espinho de uma flor de rhetorica...

A. I. (S. Paulo) — Não sou graphologo. Queira dirigir-se a alguem que entenda de tal sciencia, pois nunca a estudei de modo a me sentir autorizado a fazer graphologia.

LAURA (Capital) — Dou-lhe a minha palavra em como a sua missiva me agradou plenamente. Pela nuance cinza do papel. Pelo perfume. E por ser absurda. Mas leiamol-a, antes de tudo:

"Sympathico Yves. Esta não é a primeira vez que lhe escrevo. Você certamente está achando estranho que assim sendo eu possa ainda chamal-o de sympathico, não? Pois é isto. Sympathico, sim, tal você é, com seus defeitos e qualidades! Os defeitos tambem são uma condição de encanto.

Sabe o que penso d'elles? Assim os defino: Defeitos de uma pessôa são todas as coisas que nessa pessôa não nos agradam. Só isso. E' portanto por seus defeitos que as pessôas nos fazem soffrer, não sei o que mais lhe hei de dizer. Não sei mesmo o que quero. Veio-me a vontade lhe escrever, de lhe dizer qualquer coisa, você porem é um sujeitinho muito differente de mim que certamente não me comprehenderá nada. D'ahi o absurdo desejo de lhe escrever, sem nada dizer, o que é muito difficil e talvez mesmo bobagem, não?

Emfim, como eu sympathizo muito com você ("le cœur a des rasons que, etv...") aqui estou, com bobagem e tudo.

Bem, basta. Estou plenamente satisfeita. Você o que estará? nos aborrecem, e como só a dôr, a magua são que prendem (dolorosamente, mas prendem) e preoccupam e alimentam, ahi está porque tambem os defeitos têm o seu prestigio.

A perfeição é sim o ideal, só nella estaria nosso perfeito contentamento, como porem não existe, a gente vae mesmo amando as coisas imperfeitas, numa esperança angustiosa de que talvez se venham a aperfeiçoar...

Que sublime delicia não seria a perfeição!

Sabe? Estou arrependida de ter começado esta carta. Se não está satisfeito, satisfaça-se na minha resposta, que já sei, será das bôas... (Quem é gostoso faz gostoso. Não é?)

Sua amiginha,

Laura."

Gostei da sua carta ainda por estas razões:

Primeiro — Porque não diz nada e me diverte.

Segundo — Porque me descompõe de um modo tal que considero um elogio cada descompostura.

Terceiro — Porque me trata por *você;* não emprega o *v. ex.*, nem o *v. s.* nem o *vós* — pronome que cheira a môfo e a repartição publica.

Quarto — Porque não me pede nada e, sendo absurda, procurando dizer bobagens, consegue ser original.

Quinto — Porque receber uma carta original é um encanto para mim. Para mim que estou saturado de correspondencia mediocre, sobretudo da dos poetas que se dirigem a esta secção em papel e estylo commerciaes... cheirando a cebola e a *batata*... portugueza.

Assim, agradeço-lhe com um sorriso a bizarria da sua attitude e a neurasthenia civilizada de moça (ou cavalheiro?) que, ao escrever, não diz nada, mas diz tudo...

Não sabe que ha homens que gostam de apanhar das mulheres? E dar pancada nos outros homens? Eu sou um desses... Descomponha-me á vontade!

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico:* 1º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo;* 2º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual;* 3º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica;* 4º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 28 - 6 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

PIRROT (Minas) — Apesar da sua preoccupação de fazer humorismo, os seus versos e a sua prosa foram para cesta.

Imagine que o sr. escrete "divesamos"... E' uma "pedra preciosa" que o sr. engasta no seu soneto.

Quer relel-o? La vae:

DOLOR

"Dorme, que passa logo a dor que
[te atormenta"
Nos falla, quanta vez, a Mãe
[quando em creança
E a voz amiga e toda bemaven-
[turança
Mais que a Sciencia mesmo, pare-
[ce que murmura...

Accordamos um dia. O collo que
[descançava
A innocente cabeça, cheia de ter-
[nura,
Não divesamos mais. Desceu a
[noite escura
Das nossas primeiras illusões e a
[Esperança

Na divina visão de amor, candida
[e bella
Branca, desponta, então, sorrindo
[como a Estrella,
No ceo da nossa vida, em nuvem
[multiforme.

E quando no labor intenso da
[existencia,
A dor nos vem pungindo rude,
[sem clemencia,
A Natureza a grande Mãe, nos
[falla: — dorme!...

Como vê, não é possivel attendel-o...

PETITE FLEUR (S. Paulo) — E' provavel que *A Cortina de renda*, de Luis Paula Freitas, seja exposta á venda nas livrarias de S. Paulo. E' um bello livro de contos, proprios para as jovens da sua edade.

NA BERLINDA

A berlinda daquella noite de São João, em casa do juiz de direito, passára á posteridade.

As fogueiras, symetricamente alinhadas rua a fóra, pareciam torcicolar como uma enorme cobra de coral, illuminando o casario.

A chuva, de vez em quando, empeiticava os folgazões, remittindo uma peneira rala e xemxem, só mesmo para fazer raiva.

As ultimas contas do collar de fogo estiravam-se como lagrimas dos balões que vadiavam no ar. E á distancia iam ficando tão miudas, parecendo remanescer do estoicismo de alguns tóros de lenha verde que resistiam ao fogaréo, emquanto os escombros não se transformavam em cinzas, ou a chuva, chiando nos tições, os apagava, transformando-os em carvão, para gaudio das engommadeiras que amanheciam catando migalhas e vinténs enterrados, pelas moças casadoiras, nas mandingas affectuosas e ingênuas, pelo chão das fogueiras.

A' margem dos restos comburentes, os mastros de bananeiras, ouricurys, mamoeiros machos ou imbaúbas esperavam resignadamente a investida inevitavel da meninada irreverente que no outro dia, cedinho, lhes cahia em cima, numa furia destruidora.

Lá para as bandas da egreja ia começar a furiosa batalha de buscapés de apito, travada todos os annos com o pessoal do Campo Grande. Era uma medição de forças pyrotechnicas, postas em campo raso ali mesmo no meio da rua, desde os tempos tradicionaes do coronel Sotéro Barbosa, precursor do entrudo e do carnaval e patriarcha tradicional do bom nome da formação social do Muricy.

No seu tempo, a peleja era com a rapaziada da Caatinga e todo mundo tinha de sahir de casa e vir para o campo da honra.

Era nos tempos memoraveis do campo da honra...

E todos brincavam sob o gladio feroz dos ataques e defesas inexpugnaveis. As mulheres carregavam o munimento de bocca das batalhas, para não se dizer que eram os buscapés, e as crianças mais taludas traziam as *armas de fogo*, que eram os tições.

O velho Sotéro Barbosa, não obstante a austeridade da carranca veneravel, era um folgazão de marca. Todos diziam que elle vivia do trabalho e da folia.

A arte pyrotechnica do Joaquim Paulino criára fama em toda aquella redondeza. Os seus fogos não fumaçavam, e qualquer menina de familia podia manejar os seus buscapés de limalha sem receio do menor accidente, como faziam com os craveiros, pistolões e chuvinhos.

Era um segredo profissional de sua invenção, só ensinado ao Chico Paulino, por ser o primogenito, e ao João Karfa. Isso mesmo porque elles trabalhavam, um para elevar a tradição paterna e o outro para honrar a fama do seu mestre fogueteiro.

Agora a coisa era com o pessoal do Campo Grande, a cidade do futuro e dos sonhos de Jacintho Barbosa.

Zé Burity e o Theotonio Corrêa eram agora os trunfos dos sitiantes. Já á boquinha da noite, o Burity, na sua pacholice de *dandy*, andára riscando rua acima, rua abaixo, no seu pampa passarinheiro, amedrontando a gente da cidade com os arrancos do seu calête de cabra arruaceiro, botando o cavallo por cima das fogueiras...

O Muricy nunca fôra desfeiteado, e naquelle anno a coisa ia ser mesmo uma batalha de vida e de morte.

O Leopoldino da Rita e o Valente Pinote eram os cabeças do grupo da defensiva e inimigos de fogo a sangue do Burity, desde aquella historia que elles espalharam de ter o *dandy* e o Paezinho Rodrigues *abafado* uma garrafa de vinho do Porto da primeira festa que o Ulysses Cardoso fizera quando começou a enricar...

Estavam armados até os dentes para comer de mucuvú aquella canalha do outro lado da linha de ferro, que até ali não conseguira nem fogo para o cachimbo...

— Deixa de sobrôço, *mano!* — blazonava o Valente, ao ver aproximar-se delles o Maninho Fogueteiro, que era o paiol de polvora ambulante da peleja e de toda aquella horda de combatentes fantasticos. O Maninho, soprando o tição junto á escorva do primeiro lilalha, reforçou o animo da rapaziada para a tréla que se ia travar dali a pouco em estillêtes de fogo. Já de uma feita quasi levou a breca com o incendio dos buscapés da cartucheira que trazia á cinta e a tiracollo, á maneira dos correames militares. Si não fosse tão ligeiro e não tivesse acertado logo com a fivella do cinto, teria ido, na certa, para a terra dos pés juntos. Livrou-se do perigo e a bicha chibateava tanto no chão com os estouros dos fogos, que era ver uma surucucú acuada, apagando fogo... Só o estouro das doze transvalianas feitas de côco catolé... Nem é bom falar!

— Calça as luvas, negrada! Calça as luva móde os jibú e vamo dá-lhe! Não quero vê ninguém c'as mão esbagaçada, que nem o Arthur Barbêro o anno passado... Ainda este anno aquella canzuêra do Campo Grande é traz-zaz-nó-cego! Num instante é pim-vôte passe-p'ra túia! E largou uma cusparada badéja na palma da mão para molhar a luva e ficar mais seguro o arremêsso do dardo de fogo nas hostes inimigas.

O Chico Paulino chegou o clarim do tiro de guerra á bocca e ensaiou baixinho o signal de fogo, abafando o toque com o lenço.

— Tá... tá-rá... a...a...a...

Tá... tá-rá... a... a... a...

Gritos e chacotas de lado a lado reboavam no estertor da peleja, agora formidavel, com as bombas de dynamite que o Burity atirava criminosamente para o lado de cá. O Belisario de Sinhá Tintina começou furioso, pondo logo o Emygdio Ribeiro na casa do sem geito! Aquelle amarello criára fama de valentão desde o carnaval, em que dera uma estocada no Vieguinhas, só porque o rapaz lhe arrancára a mascara do rosto...

A coisa estava feia mesmo. Era bem o espectaculo do bello horrivel para quem espiava de longe. Os toques das cornetas esganiçavam-se no ar e a cidade fazia de conta que era um reducto inexpugnavel de jagunços. As rouqueiras estremeciam o chão com o urro dos seus estampidos, e parecia que uma esquadra ancorada no Mundahú despejava os seus pharoes sobre a cidade. Os buscapés holophoteavam o espaço com a bizarria das suas limalhas, ora vermelhas, ora roxas e esverdeadas, até o pipôco que lhes esbagaçava as tabócas, depois de cambalhotas e rabanadas medonhas, ziguezagueando num vae-e-vem doido varrido!

Ao signal de fogo do Chico Paulino, numa distancia de cerca de cem metros um do outro grupo, dois ou tres dos batalhadores de cada lado avançavam pela ordem e, atiçando fogo na escôrva dos limalhas, sahiam correndo com o facho na mão, fazendo manobras e malabarismos engenhosos e estudados, cruzando ou rodando os braços. Passavam os buscapés entre as pernas, aos pinótes, e, em circumferencias de duas ou mais voltas por cima da cabeça, jogavam o torpedo.

(Segue adeante)

NA BERLINDA

(*Continuação*)

chiando, nas hostes inimigas, na occasião precisa em que a tabóca explodia, levantando estilhaços de lama.

Quando as escórvas falhavam ou um jibú estourava nas mãos, a vaia esguelava-se numa gritaria ensurdecedora e unisona:

— Cheira a mão, sebôso!

* * *

Quem havia de dizer que aquellas folganças tradicionaes, mesmo com o caracter de luta de vida e de morte, haveriam de acabar, um dia, pelo capricho e perversidade dos adventicios que estraçalharam o socego daquella gente boa e daquella terra esplendida!

A brincadeira ia tendo o desfecho de todas as tragedias canibalescas.

E começou cedo.

Vespera de Santo Antonio.

A rapaziada só esperava mesmo pelo fim da novena e pelos balões do escrivão Zélino de Souza para começar as primeiras escaramuças daquelle anno.

A Maria Joaquina e Mãe Sen já estavam nos benditos, tirando os versinhos sagrados para o côro.

A Roseira Chaves rezava baixinho o seu peditorio:

O' meu Sant'Antonio,
Dos moços querido,
Mostrae-me logo
O meu bom marido!

O Alipio de seu Nobre, com aquelle geitão de Filho de Maria, ia incensando o altar, que elle mesmo enfeitára, e ajudava o côro com a sua falinha de quem comeu aranha:

Antonho, Vós sô.... is...
Anjé.... é.... êrcô.... briante...
Que brias no céo...
Em todos instan.... te...

Antonho, Vós sô.... is...
Bom poli.... tiquêro...
Da côrte cé.... léste...
Sêis casá.... mentêro...

Antonho Vós sô.... is...
Bom alô... gôano...
Casai essas mô.... ças...
Ainda êste an.... no...

Os boatos terroristas fervilhavam na rua, de bocca em bocca, indignando a uns, retrahindo a outros.

— Ia haver até bacamartes e rifles na batalha de buscapés...

As rouqueiras iam ser substituidas pelos clavinotes bocca de sino, até ali só usados pelos tomadores de fogueiras...

O proprio delegado de policia, um sujeito aluado, chegado ali ninguem sabe de onde — havia quem dissesse que era lá daquelles mundos de Papacaça — e um cabra laranjo, mettido a sêbo, eram os mais apaixonados pelo sarceiro e prepararam os fusis para se enfileirarem á batalha de buscapés daquelle anno.

O cabra laranjo já tinha esbarrado, pelos seus maus bofes, umas tentativas do promotor publico na cata de ladrões de cavallos e o emmaranhára no cipoal dos cabrestos que entupiam os autos, deixando-o perdido no labyrinto das encruzilhadas dos coitos, por onde os inqueritos se enveredavam...

Si não fossem as consequencias da desforra pessoal que o Burity resolvera tomar com o Leopoldino da Rita, pela vergonha dos fuxicos da tal historia da gar-

safa de vinho, que fervilhava na rua e na botica do José Cansanção, tocaiando-o ali no bêco do Campo Grande, a bagaceira da cagada humana seria peor que a tragédia do amarello que matára sete de uma pebáda, com a cacerangazinha de picar fumo do finado Joaquim Sebastião, naquelle fatidico 21 de janeiro da primeira missão de Frei Cassiano...

O Burity, embuçado ali no degráo da padaria do Antonio Vieira, tocaiava o Leopoldino com um buranhen deste tamanho!

O momento não era para elegancias... Por isso substituirá a bengala de junco e castão de prata pelo buranhen barrigudo.

Um grupo parolava mais ou menos na calçada do Joaquim do Carmo e vinha agora avançando no breu impenetrável da noite. Pelo vozerio e risadas pilhericas, elle percebeu que era o pessoal da "Sociedade Dramatica Muricyense", de volta dos ensaios para a estréa do "Theatro do Muricy".

Até o diacho dos titulos das peças da estréa do espectaculo futucavam-lhe o amor proprio, offendido pela petulancia do Lapoldino.

— *Orgulho Abatido* e *Manda Quem Pode!*

Aquelles nomes tinham qualquer affinidade com o seu caso...

Um vulto esbelto, na elegancia da silhueta e na firmeza do póco-póco dos tacões, se aproximava pela calçada do Vitalino Barbosa. Ao passar na aresta da porta, meio aberta, a sêda e o castão dourado do guarda-chuva faiscaram como um vagalume na escuridão.

Era o Leopoldino...

Ia convidar o Benedicto Assumpção para uma serenata, já combinada com o Adriano Filho, o Ulysses Cerqueira e o Arthur Affonso, para aquella mesma noite, quando a lua sahisse, lá para as 11 horas, que era o mesmo que se fosse de madrugada.

Achara esplendida e decente aquella modinha que o José Pedrosa mandára de Pernambuco, e, não se contendo, antes de descer a calçada da esquina, virando-se para o Campo Grande, abriu a garganta de rouxinol romantico:

"Acorda, abre a janella, Stella"...

O Burity, com uma caçambada traiçoeira, grita-lhe pelas costas:

— Então abra a janella com esta tranca, cabra! Manda quem pode, mulato pernostico, e isto é para você não andar mais espalhando o aleive da historia da garrafa do vinho...

O Leopoldino saltou a calçada num relance e chamou o Burity ao barro com uma rasteira, levantando-se, por sua vez, do choque e do medo que o levára ao chão, com um formidavel gallo no parietal esquerdo. Suspendeu o Burity pelo gasnête e com a mão direita era um vababú feio, batendo no valentão com o guarda-chuva em farrapos.

O Jacintho Barbosa pegou o Burity, emquanto o Joaquim Vieira lhe tomava o buranhen e o José Ferreira mais o Antonio Barbosa, a muito custo, afastaram o Leopoldino para lá. O Burity foi levado para a casa do Vitalino; e, emquanto o José Cansanção ia botando arnica e esparadrapo nos ferimentos, o velho Vieira, com o buranhen na mão, ia doutrinando e verberando o mau procedimento do valentão, que ouvia o sermão, impando com as dores, espichado no sofá. Levantou-se socando a camisa e sungando a calça, e resmungando malcreações, exige a entrega do buranhen, que é muito seu...

Negado o marmello, com outras doutrinações mais incisivas, o arruaceiro insiste e destamboca novas empafias:

— Pois se o senhor está tão melloso pela moralidade social desta meléca, xovê o buranhen e salte para o campo de honra e vamos ver Deus por quem é...

— Deus por quem é o quê, vergonha da gente?

(Segue adeante)

NA BERLINDA

(Continuação)

— Campo da honra o quê, cabra? — atalha o Jacintho Barbosa. Pensas que aqui é o pé da jaqueira das *Bananeiras*, onde fizeste, com a covardia do teu parseiro, aquelle *sêrricinio* no Procopio, miseravel! O campo da tua honra é com os cabras do Lêlê ou do Amaro do Dedão...

Graças a esse incidente historico, a caçada humana que se projectava para a batalha da vespera de São João daquelle anno não se consummou, e desde então nunca mais se realizaram em Muricy as tradicionaes batalhas de buscapés de apito que a severidade do velho Sotéro Barbosa legára ás folganças incomparaveis daquelle esplendido burgo patricio.

* * *

Um tiro do bocca de sino do Chico da Ta arrancou um susto na rua toda, espalhando no éco a desmoralização da fogueira do velho Antonio Cabiló, que acabava de capitular, tomada de sopetão pelo cabra mais réles daquellas paragens.

O Mané Bonitinho, empurrando-se com os pés cheios de frieiras, entra na arenga da tomada da fogueira que elle tambem tocaiára, largando uns insultozinhos despeitados ao aventureiro victorioso. E suspira, consolando-se com os seus botões:

— Homem, o bocado não é para quem o faz!

Toda vez que uma fogueira capitulava no escandalo das investidas tradicionaes, era assumpto das rodas aquelle episodio pittoresco da celebre *tomada da fogueira* de uma das mais veneraveis figuras daquelles tempos.

Todas já haviam cahido, uma a uma, nos cochilos das sentinellas, ante as tocaias indormidas dos tomadores. Só aquella resistia, desafiando todas as rouqueiras e bacamartes das emboscadas.

Tambem daquelle geito, quem podia chegar perto?

Os dois *cabras de Pajehú*, como dizia o dono da fogueira, vindos do engenho, estavam ali, vestidos á *sertaneja*, de chapéo de couro e alpercatas, se revezando no pé do mastro, de hora em hora... De vez em quando uma bicada para espantar o frio e clarear a vista... As duas rouqueiras estavam ahi, entupidinhas de polvora, e da boa, do Joaquim Paulino, de boccas para cima, como dois boitatás encadeados, com os olhos vidrados e perdidos na escuridão do céo.

Quando um cabra estranho se aproximava da fogueira, com as partes de pedir fogo para o cigarro, a braza do tição era só coxixar no pé do ouvido da rouqueira e o tiro responder no *inferno da péda*...

E o *cabra de Pajehú* gritava logo para quem se aproximava, desdenhando da renitencia de todas as emboscadas:

— Agora pode tomar!

O Guedes, caboclo bom nas aventuras de tomadas de fogueiras, não quiz ser *cabra de Pajehú* naquelle anno, só para tirar o ranço do Zé Vermelho e do Antonio Cypriano.

Fizera uma aposta de que tomaria a fogueira do patrão naquella mesma noite, na rua. E era coisa de 9 para 10 horas da noite.

O toma-não-toma foi ajustado com a desmoralização de cada um: do tomador ou do *cabra de Pajehú de palantão*...

9 horas, nada do Guedes!

9 e quê — nada!

9 e meia, qual nada!...

9 e 50... vem cá o quê, disfarçava o senhor do engenho, chamando o Zé Vermelho para revesar o Antonio Cypriano.

Zé Vermelho, ao tomar o tição e o bacamarte da sentinella, já um tanto quente *dellas frias*, poz os olhos na rouqueira e largou uma chacota para a besteira do Guedes.

— O Guéde bebeu pórva o quê, home!

Nisso, uma cabocla roliça sahia do becco do Chico Candido e vinha no trinque, *quebrando a tijéla* do seu vestido novo de chita. Era uma cabocla chonchuda e vinha chachando num passo banzeiro e suleno que nem o trem de canna quando aponta lá na curva do Calião...

— Lá vem ella... Lá vem ella p'rá cá, seu Supriano... Lá vem madera... — delirava o Zé Vermelho, fascinado mais pela pinga que pela cabocla.

— Larga disso, Zé Vermêio! Deixa a dróga da cabôca e cuida de botá tenença nas tocaia treiçoêra, home!

— Vôte!... E' mêrmo...

E quando vae se virando para espreitar em redor, a cabocla grita-lhes aos ouvidos, com o tiro descommungado da aposta:

— Té..., bê... .êei! ....

— Conheça, *cabra de Pajehú!*

O povaréu derramou-se nas calçadas, commentando e mangando dos plantões, emquanto o Guedes, lá dentro, ia tirando o vestido novo que a senhora do engenho lhe emprestara para uma das aventuras mais pittorescas das tradicionaes historias de tomadas de fogueira...

Serenados os animos, foram servidas a melhor pamonha e a mais fina cangica de milho verde naquella ceia de São João.

O velho Cabiló, com a verbosidade que lhe era innata, foi logo observando a uma das meninas da casa, que, ao servil-o de café, entornou, casualmente, a chicara:

— O' môça! Lá a senhóra com o seu tirocinio tirou-me o amago da rubiacea..., quero dizer, do café!

Cabiló era um dos habituaes companheiros que piruavam o gamão da calçada do vigario ou do dr. Barrôca, juiz de direito.

Era quando se commentavam discretamente as novidades da terra, de entremeio com as parelhas de duques e quinas do tenente Né. O dr. Antonio Supardo sentenciava maneirosamente a rima que os seus bozós de marfim registavam, aconselhando sempre que *tres e az, casa faz*.

O Joaquim Ferreira, conhecido de todos por Guéla Larga, ia entremeando as piadas da jogatina com os chistes dos seus appellidos num e noutro passante, da menor ás maiores figuras locaes.

O vigario gostava das graçolas e da mania de botar appellido do Guéla Larga. Nos intervallos de uma ganga lisa ou de um gamão cantado do Antonio Barbosa no Paulino Correia, emquanto elles arrumavam as pedras para outra partida, o vigario ia atiçando o fraco do carcereiro

— E aquelle ali, Guéla Larga?

— Todo carraspento, com a cara enferrujada das bexigas de 77? Aquelle, seu vigario? Feião assim e arrepiado? Com aquella cara de tijolo pelo avêsso? Repare, seu vigario, se aquella cara de lixa não é mesmo uma *carranca de portão!*

A gargalhada explodia e o proprio padre José Roberto da Silva gritava em cima da fivella:

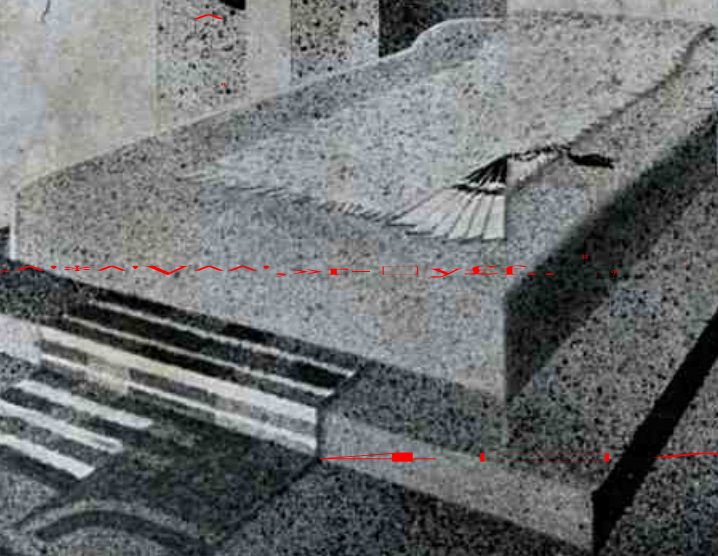
— Carranca de portão! Olá, mestre Carranca! Chegue levar um gamão cantado do tenente Né e alliviar o lombo do Antonio Rocha!

O velho Cabiló, pedindo lá para dentro, a dona Cecilia, o quarto copo dagua, justificava a razão daquella sêde com a mesma imponencia do seu vocabulario empolado:

— Ah, seu vigario! Comprei hontem uns bacalháos, mas foram uns bacalháos salientes!

Era um eximio fabricante de arreios para montaria e, nas horas vagas, dizia que tambem era armador de

(Continúa no proximo numero)

LEANDRO
MARTINS & C.
ARCHITECTURA INTERIOR
MOVEIS
DECORAÇÕES
TAPEÇARIAS
Ouvidor 93 95

A Noite de S. João

Conto de EUGENIO RIO

MANÉCO ASSUMPÇÃO, o mais sympathico matteiro de Santa Cruz das Almas, era conhecido pelo alcunha de Gaturamo e raro era o morador da villa e mesmo dos "derredó" que soubesse o seu nome de baptismo.

O que todos sabiam de sóbra é que Gaturamo era o melhor repentista e quem melhor dedilhava a viola dez leguas em volta da villa.

Além disso, deante do seu machado afiado, nenhum jatobá, aroeira ou mesmo jequitibá poderia resistir durante muito tempo.

A' tarde daquelle dia, Gaturamo parava suarento a porta da choupana em que morava e, arriando do hombro a foice e o machado, tirou o chapéo de palha grossa:

— "Sus Christo, abença minha véia!

Uma velhinha, vestida com uma saia e uma bata de algodão tão alvo como a sua cabeça e com um farrapo de chale em volta dos hombros, respondeu:

— Benção de Deus, meu filho! Então? Manéco desafivelava o cinturão, do qual pendia o facão de matto e a garrucha trochada:

— Tudo muito bem, minha véia; o melhor é que amanhã temos funcção na casa do Chico Oliveira.

— Amanhã? —

— Então? O pae delle não é seu João de Oliveira, o "véio" mais brincalhão de Santa Cruz?

— Agora é que me alembro que amanhã é vespera de S. João!

— Vou agorinha mesmo na casa do Jorge Turco, comprar uma encordoação nova para minha vióla, sem esquecer dois *traço* de fita p'ra enfeitar a palmatoria della.

— Já vae você se metter nas taes funcções que dão sempre nos desafios e nas "arrancadas" que, a não ser quando Deus Nosso Senhor quer, acabam em faca ou em garrucha!

— Minha mãe, a senhora é mulher e tem mêdo até de desafios bôbos! Si bem me parece, nunca larguei funcção nem desafio e "tou" aqui inteirinho com a graça de Deus.

— Sim, sim; a Virgem das Dôres que te guarde e Nossa Senhora do Desterro que afaste de ti os teus inimigos.

— Deus lhe ouça, mãe.

Manéco Assumpção, si bem disse, melhor o fez. Comprou cordas novas para a sua viola e não esqueceu um quarto de metro de fita encarnada, verde e amarella, para dependurar na palmatória.

No dia seguinte, pela manhã, Manéco mandou um curo de lenha para a fogueira de S. João e á noite, depois de vestir a roupa domingueira, pediu a benção a velha mãe e, sobraçando a viola, partiu para o sitio do Chico Oliveira.

Ao longe, reflectiam-se no céo negro os clarões da fogueira formidável que já ardia no terreiro do Chico

Gaturamo, em meia hora, venceu o caminho e, ao chegar á porteira do sitio, verificou que a fésta "táva bôa de doê".

Quando appareceu no terreiro empunhando a sua viola ennastrada de fitas novas, foi recebido com palmas e vivas.

— Viva o Gaturamo! Viva S. João!

— Viva toda gente! — correspondeu elle.

As morenas casadoiras da villa estavam todas alli: os vestidinhos de chita, as fitas da cintura e as flores dos cabellos dando o realce no meio dos homens ordinariamente vestidos de algodão alvejado ou de brim d'Angola.

Gaturamo, depois de "cortar" um golle de "pinga", procurou com os olhos alguem que ainda não vira.

— Inda não chegou, mas vem vindo!, disse o Chico, sorrindo.

Manéco não respondeu e sorriu tambem.

Justamente elle procurára vêr, no meio daquellas raparigas risonhas e irrequietas, os olhos pretos e grandes da mulata mais dengosa do lugar, a Jovita.

O matteiro se enamorára do typo faceiro de Jovita e desde a festa da Paschoa que os olhos scismadores da mulata não lhe sahiam da mente.

Manéco, quando descançava no seu lar, via, como em sonhos, o seu rancho barreado de novo e com sapé verde na coberta, via baloiçar-se, ao lado da sua, uma rêde que deixava adivinhar redondezas e curvas harmoniosas de um corpo esbelto.

Passava as mãos, callejadas pelo cabo do machado, sobre os olhos, e sorria pensativo:

— E se Deus não "quizé"? — perguntava a si mesmo.

Foi, pois, com o coração aos saltos que o rude matteiro viu chegar no terreiro um vestido encarnado, dentro do qual o corpo flexuoso e esbelto de Jovita se escondia.

E foi com os olhos baixos e com as mãos quasi largando a viola que elle ouviu ella dizer:

— Seu Manéco, eu vim aqui pr'a honrar o convite de seu Chico e pr'a "apreciá" sua viola! —

— Só dona; não fosse a viola e coitado do "cantadô"!

— Acho "bão"! — disse a morena, rindo — o senhor hoje vae dizer tudo o que sabe. Eu quero ouvir

Gaturamo sentiu o sangue subir-lhe ás orelhas, e disse:

— Sá dona manda e não péde; si Deus me ajudar, vancê será "sastiféita".

Não vamos descrever aqui os "rasgados" das violas, as mazurkas das sanfônas, os sapateados dos sambas, nem tampouco as "rodadas" de pinga, de café com mellado e de batatas, carás e inhames assados.

Não falaremos nas cuias onde os pedaços de porco assado emergiam do meio da farofa cheirosa, nem nas canecas onde fumegava a garapa quente.

Passaremos mesmo sobre as modinhas, trovas e

A noite de S. João

(Continuação)

"emboladas" que cantaram os violeiros e macheteiros de Santa Cruz das Almas.

Diremos apenas que Gaturamo ainda não havia empunhado a viola para satisfazer ao pedido de Jovita.

Elle notára que um "cabra", sujeito empregado no engenho do Coronel Pitanga, trouxéra uma viola nova enfeitada de flores e que olhava com "óios de cachorro sem dono" pr'a a morena Jovita.

Já haviam dito a Manéco que aquelle "cabra" era o celebre Quinca Malhado, um cantador "destorcido" que viéra da Quebrada da Jandaia para ser capanga de seu Coronel Pitanga.

Médo era coisa que Manéco não conhecia e, apesar de ser de pequena estatura, não temia os homens grandes como o Quinca Malhado.

Quando houve um momento de tregoa nos sambas, Manéco empunhou a viola e levantou-se. Immediatamente, formou-se um circulo em torno delle. O matteiro viu deante delle o vulto da encantadora Jovita e então, tangendo a viola cantou:

"*Pombinha rola do campo,*
"*Tu soluças tua dôr*
"*Como o pobre violeiro*
"*Quando canta o seu amôr;*
"*Tuas queixas doloridas*
"*Dos amantes são ouvidas*
"*Pois parecem com as sentidas*
"*Queixas de algum trovador!*

"*Tu soluças, pomba rôla,*
"*Pelo campo, o dia inteiro,*
"*Como chorando saudosa*
"*Pelo ingrato companheiro;*
"*Eu, tambem, choro na matta*
"*Com essa dôr que me maltrata*
"*Pelo amôr de uma ingrata*
Que é meu amôr derradeiro!"

As palmas soaram e Jovita, felicitando o cantor, tirou do negro cabello uma rosa rubra e pôl-a no punho da viola do Manéco.

— Sú Jovita, eu... não mereço...

— Meréce até muito mais! Eu só queria saber quem é essa ingrata que o faz soffrer assim.

Uma boa charada

O Dr. Fabio Rodrigues, naquella tarde, á falta de um assumpto que merecesse as suas attenções de medico de nomeada, perguntou subitamente ao seu collega Cypriano, da Academia, se era dado a charadas. Respondeu-lhe Cypriano que, lá de vez em quando, para matar o tempo, se entregava ás torturas de Œdipo, e não seria, por certo, naquelle momento, que deixaria de dar attenção ao amigo.

— E' o seguinte, começou Fabio. Se fôres um homem arguto, em menos de um segundo terás resolvido o problema.

Ora, ouve lá. E' uma novissima.

— Dize.

— Uma medida, uma mulher e um poderoso antiseptico. 2 — 2.

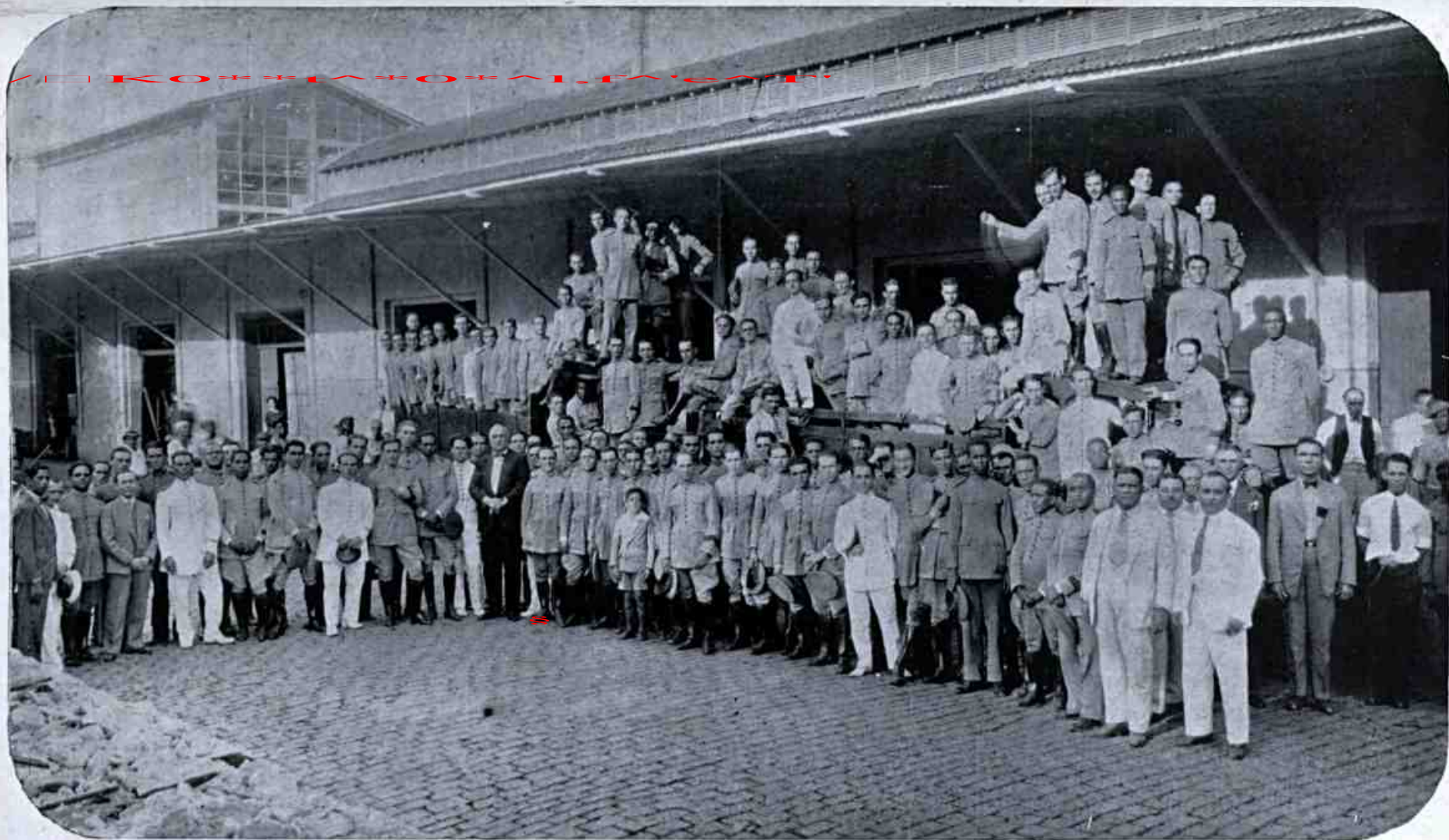
Passou-se um minuto. Cypriano esboçou um sorriso.

— Que é? Não resolves?

— Ora, Fabio, não fosse eu medico. Uma medida é METRO, uma mulher, LINA. Um poderoso antiseptico, METROLINA.

— Dou-te os meus parabens!

— Pudéra! Eu ando aconselhando esse producto, especialmente ás senhoras, na sua hygiene mais intima!

HOMENCA

Aspecto tomado por occasião da visita dos sargentos do Exercito Brasileiro á Companhia Hanseatica, no dia 14 do corrente mez, onde foram recebidos carinhosamente pelos seus directores, srs. Miguel Soni, director-gerente, e Alcides Carnilho, director-substituto. Após a visita, a direcção da Companhia offereceu-lhes um variado «lunch», trocando-se, nessa occasião, varios brindes amistosos.

A noite de S. João

(Conclusão)

Manéco, enleiado, passava a mão tremula pela ilharga da viola.

— Não me pergunte, siá Jovita!

Ella fez um meneio com o corpo e, virando-se para os "tocadores", pediu:

— "Seu" Crescendo, tóque aquella mazurka triste que o senhor sabe.

Os pares se formaram e rodaram ao som da san fona que em um tom menor abemolado gemia uma musica dolente, triste como uma préce.

Quinca Malhado enlaçava com o braço robusto a cintura fina da Jovita e, dançando, dizia, ao ouvido da morena, coisas que faziam com que ella risse, mostrando os dentes curtos e alvos.

Quando passavam enlaçados deante de Manéco, este ouviu o Malhado dizer uma phrase, da qual só comprehendeu a palavra "perrengue".

— Decididamente, isso só póde ser commigo — disse de si para si o Manéco.

Acabada a mazurka, o matteiro empunhou a viola e, de pé, com ar zombeteiro, lançou um desafio:

"Nunca topei neste mundo
"Gato do matto de bóta,
"Nem cabra desempenado
"Que faça de mim, chacóta;
"Pois o "mió" cavalleiro
"Arreio "ni" mim não bóta."

Malhado, vendo que o desafio visava a elle, acceitou, sorrindo, o repto:

"Arreio "ni" mim não bóta
"Cavalleiro nem pião;
"As onça que mata homem
"Nas brenha lá do sertão
"Quando chega um bello dia
"Vem morre nas minhas mão!"

Gaturamo viu logo que o Quinca Malhado estava "arrotando" valentia e não quiz ficar atraz.

Com a facilidade que tinha em compôr os versos, ninguem duvidava que Manéco vencesse. Elle, porém, sentia-se amedrontado deante do sorriso meio zombeteiro do Quinca, e enleiado pelos olhares de Jovita.

Mas pegando a "deixa", continuou:

"Vem morre nas minhas mão
"Que batem nesta viola
"Muito cabra valentão
"Muito moléque pachola
"Muito negro destorcido
"Muito sujeito gabóla."

As risadas, as palmas e exclamações animavam os contendores. Quinca Malhado não era adversario a ser desprezado e o Gaturamo sentia que tinha homem pela frente.

Jovita puzéra-se ao lado do Quinca e animava-o; o Gaturamo, pela primeira vez, sentiu-se fraco.

Sorrindo sempre, o Malhado atirou-lhe em cima o ridiculo:

"Muito sujeito gabóla
"Pequenino, "garnizé",
"São prósa mas são mofino
"São cabra que negam fé;
"Ou são cachaceiro "véio"
"Ou apanharn das "muié"!

As risadas estrondearam e Manéco, completamente fóra de si, com as orelhas a arder e "ponteando" mas a viola, procurou uma resposta que tambem jo-gasse sobre o antagonista o ridiculo.

Resolvido a tudo, elle disse:

"Ou apanham das "muié"
"Ou vão rezá no rosario;
"Ou aqui em Santa Cruz,
"Vem ser, pr'a arranjá salario
Capanga de coronc
"Ou mula de "seu" vigario."

Enraivecido, Quinca Malhado perdeu o verso, ga-guejou e não concluiu.

As palmas coroaram a victoria do Gaturamo, e Jovita veiu dengosa e sorridente abraçal-o.

Pouco depois, Malhado chegava junto ao Quinca. e dizia:

— Eu sempre destrinchei a minha perúa no lugar do desafóro, mas, como não quero fazer "porqueira" na festa de seu Chico, lhe digo que minha faca está lhe esperando debaixo da carrapeteira da ponte do Pacú.

— Meu pae sempre me disse que pr'a comer e pr'a brigar a gente não deve esperar. Vamos lá.

O que se passou em baixo da carrapeteira foi um desses combates sem testemunhas, mas cheio de lan-ces de coragem fria e de lealdade sertaneja.

Na clareira, á luz dúbia da madrugada que se es-boçava, as facas afiadas riscavam o ar buscando as bainhas macias e quentes das carnes vivas.

Quando Manéco voltou ao terreiro de seu Chico Oliveira, as danças continuavam á luz da fogueira que já desmaiava deante da aurora.

— Seu Manéco, "que dê" o Quinca? — perguntou Jovita, com o olhar angustiado pregado á face pal-lida do matteiro.

Elle sorriu, tristemente:

— Siá Jovita, o Quinta foi dar um recado a Nosso Senhor.

A mulata recuou, com o espanto e a dôr transfi-gurando-lhe o rosto moreno:

— Gaturamo, você matou o meu noivo! Maldito assassino!

E tombou, desmaiada.

Manéco desapparecêra mysteriosamente e em vão buscaram encontrar o homem que tombára o Quinca Malhado, tido até então como o homem mais temido de Santa Cruz das Almas.

Acabada a festa, os convidados retiravam-se pelas estradas cobertas pelo véo da neblina, commentando o drama final daquella vespera de S. João e as mu-lheres, cabisbaixas, iam rezando Padre-Nossos e Ave-marias pela alma do Quinca Malhado, pedindo perdão a Deus para a alma daquelle homem que na sua vida de valentão cortára o fio da existencia de alguns homens.

Um grupo de convidados atravessava a pinguella do sitio do capitão Messias, quando viu, por entre o véo da neblina, vir, rio abaixo, o corpo de um homem.

Deitado de costas, os olhos abertos como que fi-tando o céo, a viola enfeitada de fitas, a tiracollo, tendo na palmatória uma rosa vermelha, — deitado nos aguas do rio, com os braços abertos, Manéco Assumpção, o repentista e violeiro mais afamado de Santa Cruz das Almas, lá ia, rio abaixo, em busca do primeiro remanso das aguas, onde os peixes fa-riam do seu cadaver um succulento repasto.

Manéco, o Gaturamo, morréra por saber que a faca que cortára a vida do Quinca cortára, tambem, para sempre, a esperança que elle tivéra de ter ao lado da sua, a réde rendada da cabocla mais linda de Santa Cruz das Almas.

OS MELHORES

Modelo No. 175

Phonographos Portateis

Modelo No. 165

Modelo No. 201

Modelo No. 202

Modelos para todos os preços. — Ao alcance de todos.

A venda em todas as boas casas do ramo

Enviaremos Catalogos gratis a quem os solicitar

Modelo No. 136

DISTRIBUIDORES GERAES

BYINGTON & C.

R. General Camara, 65

Rio de Janeiro

Modelo No. 118

S. Paulo — Santos — Curitiba — Porto Alegre — Rio Grande — Recife — Bahia

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 2[illegible]

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1930

Uma festa de Poetas

NÃO foi no ambiente aquecido pelo enthusiasmo da sala doirada do *Petit Trianon* que me deliciei com os discursos pronunciados por Guilherme de Almeida e Olegario Marianno, quando o primeiro ascendeu á cadeira deixada, na Academia de Letras, pela morte de Amadeu do Amaral.

Não tive a fortuna de assistir a essa magnifica festa de Poetas, cujo brilho previa, porque Olegario cumpria tarefa mui facil abrindo os braços para receber o seu irmão de ideal, e Guilherme deveria fazer o elogio de Amadeu, alma cuja ternura trazia espelhada nos olhos azues, firmes e vagarosos.

Foi em Petropolis, onde vim descançar das fadigas duma vida agitada de trabalhos, num ambiente bucolico, quasi longe da terra, por que me sinto perto do céo, que ouvi Guilherme e Olegario, que estive presente a essa festa da intelligencia, festa que não se esquece e que não se apaga no nosso espirito, porque tem a belleza das flores cujo perfume, neste instante, eu aspiro, para a embriaguez mui semelhante á que nos proporciona a poesia, quando legitima.

E pergunto, tambem como Guilherme de Almeida, como é possivel insensibilidade no Brasil?

Os meus olhos passeiam pelas serras, vestidas com sua roupagem verde, em todas as cambiantes da côr, e sóbem até o céo sem nuvens, de um azul diaphano, transparente, e descem para o valle onde o Piabanha é como um tenue fio de perolas, que róla e se desfaz, tal qual o sonho dos Poetas...

Mas, justamente porque a Poesia desce sobre a minha cabeça e paira nos pincaros alcandorados deste pedaço do Brasil, é que eu posso, neste instante, penetrar os refolhos da alma do poeta de *Nós*, descobrindo nella o veio romantico que immortalizou o sonho dos Bandeirantes.

Meu São Paulo!

Ali não existe apenas a energia trepidante, cuja affirmação está nas chaminés das fabricas, desfiando o novello de fumo que se confunde com a neblina das manhãs frias.

Ali não médra tão sómente o espirito calculado, frio, do *brasseur d'affaires*.

Ali, a flôr da intelligencia tambem se abre com as côres vivas que deslumbram, porque São Paulo está engastado no coração do Brasil, onde não seria possivel haver insensibilidade.

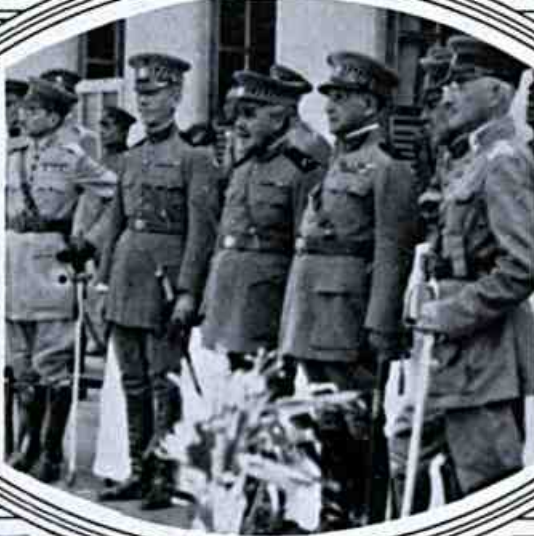
Guilherme de Almeida é um exemplo vivo da intelligencia paulista, que vem occupar na Academia a cadeira de Gonçalves Dias, illuminada pelo genio de Bilac e pela candura do bonissimo Amadeu.

Si Guilherme conquistou a *immortalidade*, derramando belleza nas paginas dos livros que escreveu, o seu discurso, o seu primeiro discurso academico, para os que o não conhecem ainda, deve ser lido, porque é a revelação de um talento em plena exuberancia.

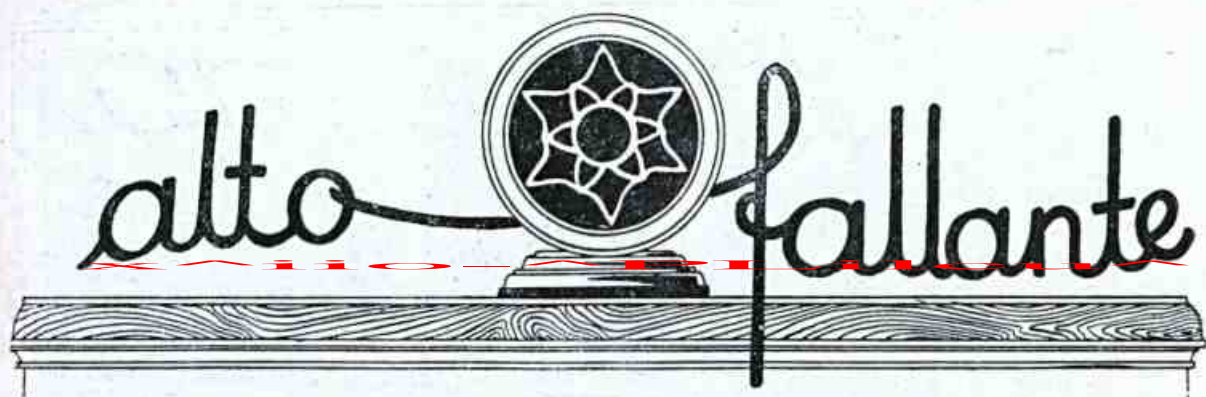
Guilherme é filho do ambiente paulista, onde plasmou a sua cultura, terra de amores e de poetas, berço de Alvares Azevedo, de Vicente de Carvalho, de Martins Fontes, de tantos outros astros, cujos traços de luz serão eternos, porque brilham na noite cheia de estrellas...

No mel das suas palavras provo a doçura da bondade de uma raça forte, predestinada a levantar bem alto o nome do Brasil.

Porque a bravura paulista, forjada em musculos de aço, tem destinos de luz a cumprir.

MARIO POPPE

Com a presença do sr. ministro da Guerra e de outras altas autoridades militares, realizou-se sexta-feira penultima, na fortaleza de S. João, a solennidade do juramento á bandeira pelos conscriptos incorporados ás unidades do Exercito pertencentes ao primeiro districto de artilharia de costa. São flagrantes dessa cerimonia militar o que fixam as nossas photographias, nas quaes apparecem o general Sezefredo dos Passos e demais autoridades presentes.

AD IMMORTALITATEM

Guilherme de Almeida, poeta dos maiores que possuimos, eleito para a cadeira em que se sentaram Bilac e Amadeu Amaral, na Academia Brasileira de Letras, foi recebido, sabbado ultimo, na illustre companhia, pelo academico Olegario Marianno, grande poeta como elle, e poeta já aureolado pelas glorias da immortalidade. Presidiu á solennidade da recepção do autor de «Nós», a qual teve a presença do representante do chefe da Nação e de outras figuras eminentes, para não falarmos no mundo intellectual e social que enchia o salão de honra do antigo Pavilhão Francez, o dr. Gustavo Barrozo, redactor-chefe do FON-FON e actual presidente da Academia de Letras, estando o escriptor de «Terra de Sol» ladeado, á mesa, pelos srs. Adelmar Tavares e Olegario Mariano. Guilherme de Almeida fez o elogio do patrono de sua cadeira, Gonçalves Dias, e evocou a figura e exaltou o estro dos dois grandes poetas que foram os seus antecessores na mesma. Olegario Mariano, recebendo o seu collega, produziu um discurso de idéas luminosas e eloquencia impressiva. Falou como um poeta a outro poeta, commovido e inspirado deante da magestade e da belleza da festa espiritual de glorificação de Guilherme de Almeida.

PISTOS DE ARTE

De los Rios é o gentle man, amador e profissional emerito da arte photogenica, que não tem segredos para elle.

As poses... espirituaes — essas que deixam reflectir no conjuncto, ou na particularidade — num detalhe da expressão com que elle as objectiva — um pouco da alma da gente é que constituem a feição mais caracteristica da arte, delicada e suggestiva, desse "animador" de physionomias.

Seu "salon" photographico, ha dias inaugurado no *Palace Hotel*, tem attrahido a attenção do grand monde carioca, e é, realmente, no seu genero, interessantissimo.

As physionomias, os gestos, as coisas, a natureza, vistas atravez da objectiva de de los Rios, parecem nimbar-se, tocar-se de espiritualidade, de um flou mysterioso que as animasse.

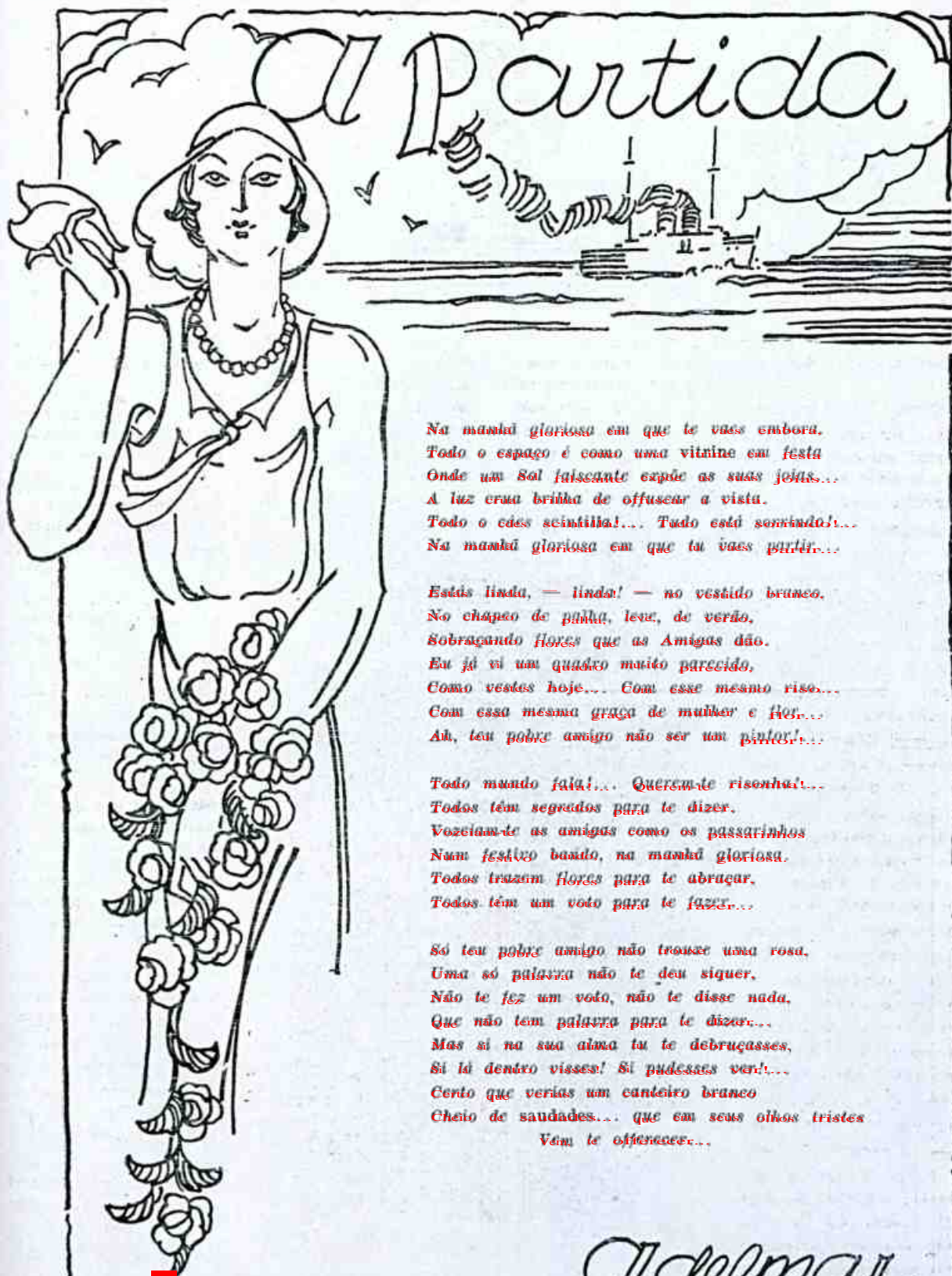
O lindo e variado conjuncto artistico que elle ali reuniu diz bem da sua arte de requintado expressionismo.

Fon-Fon, quasi todo o Fon-Fon lá estava representado: *Mario Poppe* — o homem que não sabe rir, mas que sabe sorrir comm'il faut, maliciosa, sceptica e displicentemente — sorria, no seu quadro, mais com os olhos do que com os labios; *Martins Capistrano*, em duas poses differentes, dizia, em ambas, o que é: — o espirito romantico e sonhador, de cavalleiro andante da idealidade e da illusão, trabalhado pela nostalgia das coisas distantes, dos crepusculos melancolicos, que envolvem no seu velario de cinza toda a inquietação de seu sonho interior; o *Bastos Portela* — com um 1 só, para esconjurar o peso da vida — a causticar, na ironia cortante do seu sorriso, sua propria amargura de blasé, que só as mulheres, quando bonitas e camaradas, sabem transformar nos deliciosos bombons de blague do seu fino e percuciente espirito; a alma encantadora e emotiva de *Hermes Fontes* — o grande poeta de Apotheoses — palpita-lhe nos olhos expressivos; o *Elcias Lopes*, esse, apesar da pose... mussolinica, tinha a alma nos olhos distendidos para a fascinação verde de sua ansia de amor e de felicidade...

E o Palmeira? O Renatinho? Tambem esse não faltou, e lá estava com a sua silhueta de menina — homem, que desenha e sabe fazer charges com o "gente grande"..., elle que é o enfant gaté aqui da casa...

MAX LINDER.

Uma homenagem muito legitima é a que a sociedade carioca, e, em particular, os distinctos collegas de farda do general João de Deus Menna Barreto, depois de amanhã lhe prestarão, commemorando o transcurso da data natalicia dessa brilhante e nobre figura do Exercito Nacional. Inspector do 1.º Grupo de Regiões Militares, o illustre patricio é um dos vultos de mais accentuado relevo e prestigio no seio da nobre classe a que pertence, de que é um alto expoente cultural, bem como nos circulos da nossa alta sociedade, a cuja estima e sympathia o general Menna Barreto se tem sabido impôr pelo seu fidalgo e impeccavel cavalheirismo.

A Partida

Na manhã gloriosa em que te vaes embora,
Todo o espaço é como uma vitrine em festa
Onde um Sol faiscante expõe as suas jóias...
A luz crua brilha de offuscar a vista.
Todo o cáes scintilla!... Tudo está sorrindo!...
Na manhã gloriosa em que tu vaes partir...

Estás linda, — linda! — no vestido branco,
No chapeo de palha, leve, de verão,
Sobraçando flores que as Amigas dão.
Eu já vi um quadro muito parecido,
Como vestes hoje... Com esse mesmo riso...
Com essa mesma graça de mulher e flor...
Ah, teu pobre amigo não ser um pintor!...

Todo mundo falla!... Querem-te risonha!...
Todos têm segredos para te dizer.
Vozeiam-te as amigas como os passarinhos
Num festivo bando, na manhã gloriosa.
Todos trazem flores para te abraçar,
Todos têm um voto para te fazer...

Só teu pobre amigo não trouxe uma rosa,
Uma só palavra não te deu siquer,
Não te fez um voto, não te disse nada,
Que não tem palavra para te dizer...
Mas si na sua alma tu te debruçasses,
Si lá dentro visses! Si pudesses ver!...
Certo que verias um canteiro branco
Cheio de saudades... que em seus olhos tristes
Vem te offerecer...

Illustração de Paulo Werneck

Adelmar Tavares

Faianças

Chroniqueta de S. João

Todo homem de imprensa, e mesmo os que não o são, já escreveram a sua chronicazinha de S. João.

Excepto eu, que tambem sou da imprensa.

E como não tente ainda a minha chroniqueta joannina, tive hoje vontade de fazel-o.

Queria, porém, dizer alguma coisa differente dos outros. Mas o diabo é que, nesse particular, é preciso cingir-me á palavra da sentença famosa. "Nil novi sub sole".

E, assim, quem quizer traçar a sua chronica de S. João, cáe no pedantismo da investigação historica ou folke-lorica ou se afunda no logar commum da philosophia que o tradicionalismo inspirou.

Prefiro o lado philosophico do caso. Nem isto: prefiro o lado sentimental...

E sabem por que? Porque o que mais me encanta, nas candentes noites de S. João, é o céo constellado de balões.

Não sei si alguem já comparou essas machinas de papel aos nossos sonhos accessos no céo azul das nossas illusões... E' possivel que sim. Mas si alguem ainda não disse tal coisa, ipsis verbis et literis, advirto que essa imagem é muito terre-a-terre. Della só se aproveita o campo que se abre ao nosso philosophismo...

Cada balão é de facto como os nossos sonhos vadios. Coitados! Elles se alçam ao sabor da nossa fantasia. Ou antes, ao embate dos ventos do destino.

Quando nós os soltamos de nossa alma, é com a intenção de que elles tomem o rumo dos nossos ideaes de felicidade. Mas acontece que os ventos os conduzem para rumo diverso. Quando não ardem no espaço, cáem nas mãos crueis da garotada. Almas tenras, mas que já denunciam o que serão no futuro, os garotos são invejosos, cheios de ambição: — vendo que um sonho de felicidade não deve ser repartido, elles o rasgam, o trucidam, o reduzem a farrapos.

Esses são os nossos sonhos que falham. São os balões que sobem e desceriam integraes, realizando assim a trajectoria prevista, si não fossem as mãos impiedosas das creanças. Mas ha um destino peor para os balões: — é o daquelles que vão ás nuvens e que, ao descerem, gloriosos, ufanos da sua ascensão, não cáem nas mãos das creanças, mas vão apagar-se no mar. Esse o destino mais torvo — porque é o dos sonhos que morrem no ostracismo, na obscuridade, no silencio.

Francamente: já estou arrependido de ter tentado a minha chroniqueta de S. João: além da banal, ella saiu triste, muito triste.

Desculpem, meus senhores.

Mlle. Lucia Pires, que é uma bonequinha dos nossos salões, é dona, tambem, de uma voz deliciosa. Por isso, della se pode dizer que canta e encanta. Encanta, sobretudo.

As "bellas" e as féras

Aquelle jardim... Dentro delle só ha féras bravias, enjauladas. Ha tambem outras especies de féras, lobos na sua maioria, porém menos abundantes que os primeiros. Talvez por isso é que os casaes felizes, que se amam, discretamente, preferem aquelle recinto de féras e vegetação espessa, aos outros jardins e parques da cidade.

Nestes, a vigilancia é atroz. Mal um casalzinho suspeito penetra o portão de um delles, logo se accende a malicia dos guardas, que entram a perseguir o par amoroso, solertemente, com macieza de tigre e o espirito traiçoeiro da serpente. Naquelle jardim onde as féras são mais numerosas que os homens, a vigilancia não é menos attenta, nem menos feroz. Mas, não sei porque, os que amam se sentem mais seguros entre as alamedas onde só ha tigres, leões e pantheras, do que onde só ha lobos transformados em mantenedores da ordem e fiscaes da moralidade publica.

Então, á tarde, o movimento sentimental é intenso e subtil, sob as copas verdes e as sombras das arvores gigantescas do jardim, onde só ha irracionaes.

Não me recordo quem foi que disse que quanto mais conhecia os homens, mais estimava os animaes. Eu, que tambem já andei por aquellas alamedas, posso assegurar, pelo menos, uma coisa: — as féras se amam com ternura, mais do que os homens. Ellas não têm inveja da felicidade alheia; e como só urram, ou berram, ou gritam, ou cantam, segundo á sua especie, pode-se ficar na certeza de que não são

delatoras, não são indiscretas e não perseguem os que amam...

Ah, os senhores dirão:
— E' porque estão enjauladas...

Pois sim! Ponham os homens nas jaulas e vejam como elles continuam a ser nocivos ao proximo — do mesmo modo...
Mas deixemos de philosophias. Os animaes, segundo Anatole France, têm a sua moral differente, entre si. A do lobo é uma; a do cordeiro é outra. E não esqueçamos que o papagaio é delator. Assim, não faço nem a accusação do homem, nem o elogio das féras.
Constato, apenas, que aquelle jardim ainda ha de dar muito o que falar... Elle é o "refugium peccatorum" do amor...

A' tardinha, quando o crepusculo ameaça com promettar a ventura dos que amam, no silencio das alamedas sombrias, a gente vê rostinhos lindos, conhecidos da Avenida, dos bailes, dos chás dansantes, das praias, das reuniões elegantes, louvando Cupido no hymno harmonioso de beijos demorados, em concerto com a orchestra innocente dos pardaes

Passam os casaes, numa abstracção tão bôa de tudo que os rodea, que é justo pensar terem ido ali para ser admirados pelas féras. Estas, na verdade, os fitam com os seus olhos bons e melancolicos, numa nostalgia do seu *habitat*, das terras asperas de onde foram arrancadas. E emquanto os namorados passam e se entrecruzam, a gente tem a impressão de que só ali é que a classe é unida e discreta. Porque si assim não fosse, seria o rôto rir do esfarrapado...

ARTE DE DIZER

A senhorita Nenê Barouquel, que é uma das declamadoras mais intelligentes e graciosas do Rio, offereceu, na ultima segunda-feira, no Municipal, uma audição poetica, tendo cumprido, com muita felicidade, o difficil programma que organizou. A senhorinhá Barouquel, que é diplomada pelo extincto curso Angela Vargas, realizou, ultimamente, uma «tournée» artistica pelos Estados de Minas e S. Paulo. Em todos os seus recitaes a joven declamadora obteve o mesmo successo que alcançou no Municipal.

Alma e corpo

A's vezes, Cendrillon, tu ficas pensativa, olhando longe, ou muda como um tumulo, sem me revelar o teu pensamento. Si insisto, declaras com naturalidade e numa voz lenta de scepticismo: "Tu não me amas."

Não te amo? Mas a condição do amor é a duvida. Sem esta, o amor é uma coisa que não se explica. Emquanto duvidarmos do sentimento que a creatura amada possa nutrir por nós, é signal de que amamos e nos interessamos pelo amor.

A duvida o alimenta.

Mas por que dizes que não te amo? Por que, acima da espiritualidade dos meus sentimentos, collocо o immediatismo rorлista das minhas sensações?

Julgas pelas apparencias.

Ora, o amor é a conjugação do corpo e da alma. Não se pode prescindir do primeiro, para demonstrar que todo o nosso amor é pela alma. Seria ser hypocrita. Seria affectar uma hypocrisia venenosa, um caso em que a sinceridade é que deve falar.

Mas si crêres em mim, eu te asseguro que te quero, muito menos por essa graça de boneca, por essa bocca de rouge, esse sorriso malicioso, do que pelo teu espirito cheio de scintillação e de encantos.

Eu te quero não é porque sejas mulher joven e bonita, capaz de desmantelar uma cabeça de homem. Eu te quero porque tu lês os livros que eu leio, escreves o que poderia escrever, tens uma alma de estheta e sabes comprehender tão bem um quadro de Corot como um crepusculo brasileiro, um verso de Heredia, uma prosa de Eça ou de Pierre Loti...

JARDIM ABERTO

D. Jayme

O RHYNODONTE

A cidade toda o conhece de vista. O Brasil inteiro o conhece de nome. E a sua fama vem do ridiculo sem par do seu physico servido por uma sem par falta de educação.

Dão-lhe os appellidos mais ferinos, todos fogem delle e a sua posição official, de emprestimo, quasi o não defende do despreze geral.

É a encarnação mais completa do parvenu. No aspecto. Nas roupas. Na alma. Em tudo. Untuoso e pernostico. Transbordante de indiscreção. Insupportavel. O francez o chamaria puant...

Muito gordo. Verdadeiro Vitellius moderno. Menos a purpura imperial. Só a cara é maior do que as excrescencias duma Venus hotentote callypygia.

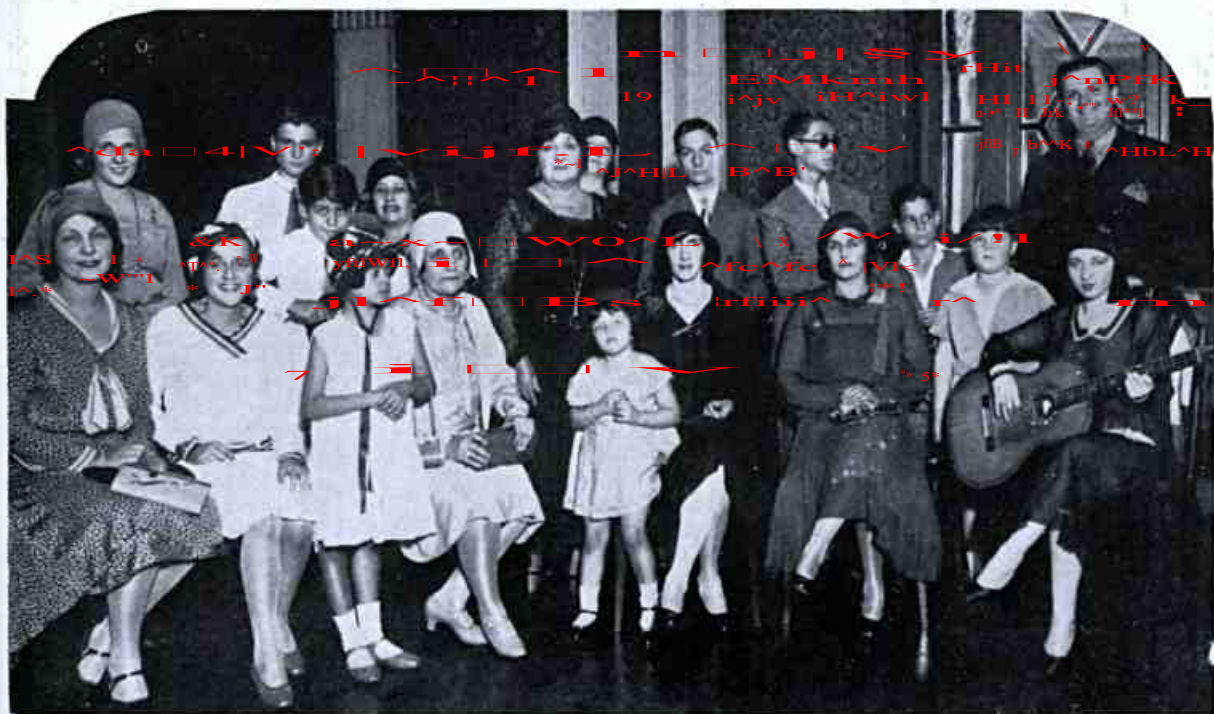
O outro dia, em Copacabana, apresentou-se de traje de banho. Parecia, sem tirar nem pôr, o rhynodonte que o capitão Knowles pescou ha tempos no oceano Atlantico e offereceu ao Museu de Nova York, cujas photographias fôram estampadas em todos os jornaes e revistas do mundo.

Anda sempre a rir, alvarmente, abrindo a beiçarrada de baleia..

Não o vejo que me não lembre dum personagem de Maupassant — Toine, le pére Toine, Toine-ma-fine, Antoine Mâcheblé, dit Bulo... E, si eu pudesse, punha-o, como o escriptor pôz o outro, a chocar ovos de gallinha...

OS NOSSOS GRANDES POETAS

Manuel Bandeira é um grande poeta. Um poeta de rythmos vigorosos. A sua «Cinza das Horas» e o seu «Carnaval», apparecidos, respectivamente, em 1917 e 1919, revelaram uma sensibilidade que, desde logo, se impoz á admiração de quantos tinham alma para comprehender e sentir a verdadeira poesia. E o nome de Manuel Bandeira encheu todo o Brasil e todo o Brasil festejou a gloria e o valor desse artista melancolico que lhe dava um pouco de belleza e um pouco de emoção. Passou o tempo. Manuel Bandeira tornou-se um dos maiores poetas brasileiros. Mas veiu a allucinação literaria do futurismo, e o poeta tão querido bandeou-se com a escola nova, que tem sepultado alguns dos nossos mais expressivos valores mentaes. «Libertinagem» reflecte esse estado de inquietação e extravagancia que norteia, presentemente, o espirito de Manuel Bandeira, e é um livro em que, infelizmente, elle não se affirma o mesmo fulgurante emotivo de «Cinza das Horas» e «Carnaval». E é pena. Porque Manuel Bandeira tem um talento notavel para continuar a offerecer, em obras iguaes ás que o consagraram, novos frutos da sua sensibilidade e do seu estro da velha escola.

A senhorita Carmen Carvalho, que ahi sorri entre as flores de um parque de Cambuquira — ella, que é uma flor de scintillação e de graça — pertence á melhor sociedade maranhense e é filha do dr. Luiz Carvalho, secretario geral do Estado.

As «Damas de Bondade» da Assistencia Dentaria Infantil promoveram, ha dias, no Casino Beira-Mar, em beneficio dessa benemerita instituição, fundada pelo professor Frederico Eyer e seus companheiros da A. Central Brasileira dos Cirurgiões Dentistas, a «Vesperal da Alegria», festa linda e amavel, na qual tomaram parte, entre outros nomes de destaque nos nossos circulos artisticos e sociaes, a illustre poetisa sra. Maria Eugenia Celso, a sra. Léa Azeredo da Silveira, a senhorita Jenny Reboá e o dr. Raul Pederneiras. No grupo acima apparecem, além dos que figuraram com brilho no programma da «Vesperal da Alegria», as sras. Sergio Silva, Gustavo Barrozo, Gondolo Labouriau, Alfredo de Paula, Anna Amelia, a senhorita Heloisa Lentz e outras damas da nossa alta sociedade.

A menina Sylvinha Vergueiro Lobo é uma artista precoce e já notavel. Ha dias, annunciando um concerto nesta capital, dedicou uma audição á bancada paulista, no Palace Hotel. A impressão deixada por essa festa de arte foi a melhor possivel, fazendo presagiar grande exito para o recital da pequena artista, que se realizará hoje, no Theatro Casino.

COCAINA

A desgraça foi inventada para terror das creaturas felizes.

Os amores faceis são justamente aquelles que geram maiores difficuldades.

Marion.

A vida por um beijo...

(LENDA ARABE)

Eu penso, ás vezes, que sou filho
De algum azul paiz de Allah,
E' tenho a fama, a gloria e o brilho
De Saad-Zaglul-el-Barakat.

Montado sobre um dromedario
— Presente de um Vizir qualquer —
Governo o reino legendario
Que tem por symbolo a mulher.

De um fatalismo irreverente,
Achando o mundo bom assim,
Contemplo a concha do Crescente
Sobre os rosaes de Hag-Ibrahim.

Senhor de esplendida fortuna,
Para provar minha altivez,
Levanto em Jaifa uma columna
E dou mil piastras por um fez.

Herdei as terras do Propheta
E a illustração de Abd-el-Kabir:
Nobre e pachá, sultão e poeta,
Ninguem como eu sabe sentir.

Entre as mais lindas musulmanas,
Sonho, feliz, que o Hedjaz é meu!
— Lá vão as minhas caravanas
Do Mar-Vermelho ao Mar-Egêo...

Consigo tudo o que desejo!
O Amor é o sol e a lei de Allah!
Dou minha vida por um beijo,
Como Zaglul-el-Barakat!

OSORIO DUTRA

Benjamim Costallat e "A loucura sentimental"

Por

Martins Capistrano

BENJAMIM COSTALLAT realiza, no Brasil, o que Maurice Dekobra realiza na França: consegue interessar o grande publico no que escreve e vende em trinta dias quinze mil exemplares de uma obra. Isso é, positivamente, notavel. Sobretudo levando-se em conta que o Brasil não é a França. Lá, todo mundo sabe ler. Emquanto que, aqui, os analphabetos são maioria. E o resto se desinteressa, inteiramente, pela bôa e legitima literatura.

* * *

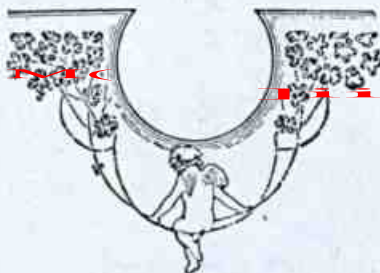
Acabo de dobrar, no silencio da tarde que morre, a ultima pagina do ultimo livro de Benjamim Costallat: «A loucura sentimental». Caminhei por todo o romance embuçado na minha sensibilidade taciturna. Penetrei nelle com a lanterna imponderavel da minha alma de insatisfeito. Impregnei-me da sua verdade dolorosa. Senti-lhe a tragédia angustiada e serena. E detive-me, aqui e ali, para contemplar, desolado, uma paizagem triste da vida, ou para ouvir, commovido, a voz do soffrimento humano, ou ainda para apreciar, deslumbrado, um pouco da fascinação da bondade. Porque o romance de Costallat é todo feito assim: de pedaços da própria vida, tão diversa e tão inquietamente amarga. Uma historia sentimental. Igualzinha a muitas historias que eu conheço: impressionante e grandiosa na sua essência humana. Mas, contada ali, naquellas paginas de tanta vibração esthetica, e de tão intenso e profundo sentimento, adquire, no estylo nervosamente pessoal e uniforme de Benjamim Costallat, o vigor e a impressiva belleza de um grande romance, onde as scenas se movimentam dentro da mais seductora simplicidade.

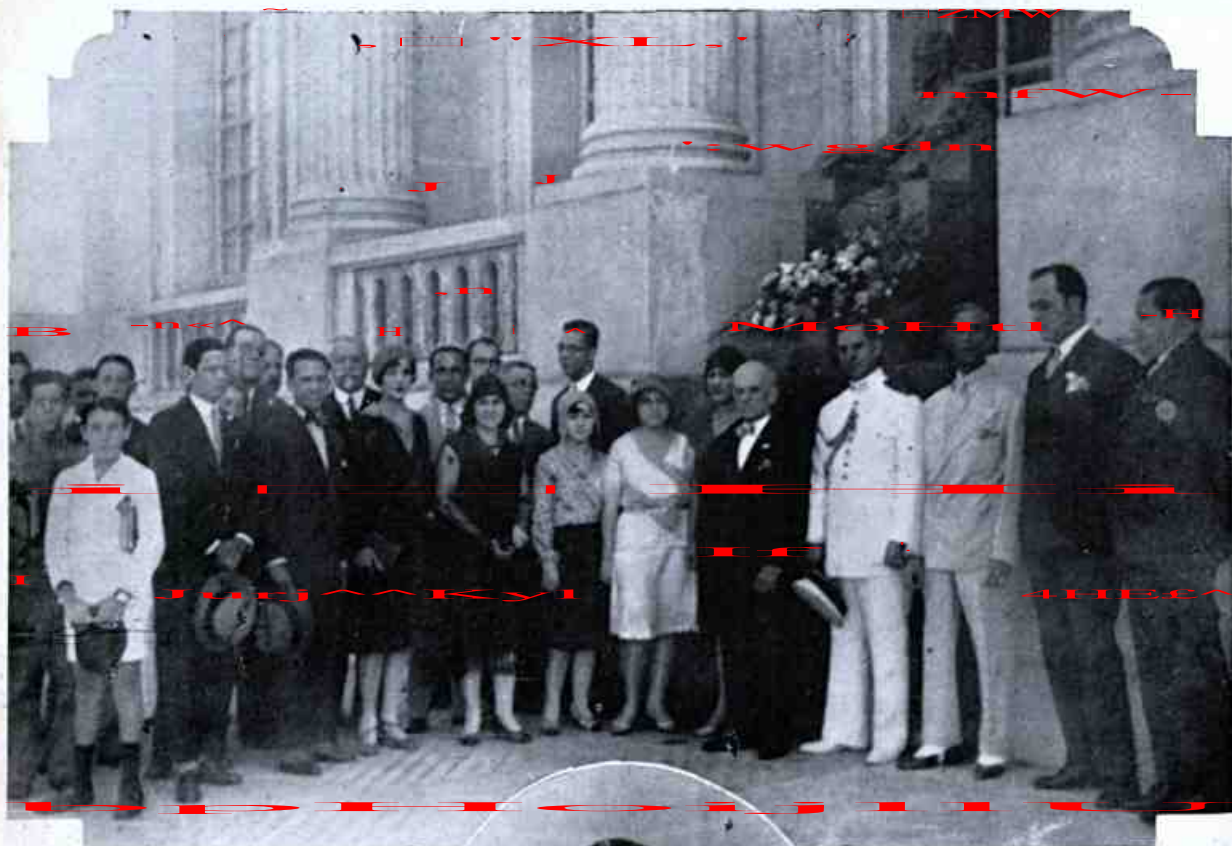
Benjamim Costallat e seu gabinete de trabalho na pittoresca vivenda da rua Colina.

«A loucura sentimental» não é um livro que empolgue só pelo assumpto dolorosamente actual. Não é um livro que valha só pelo que nos dá de emoção com o seu drama singelo e forte. Elle revela um romancista de marcada personalidade e de observação percuciente. Elle amplia e completa essa delicadeza mental e emotiva que em «Gurya» — outro grande romance — começou a imprimir nova feição na directriz literaria de Benjamim Costallat.

Por isso mesmo, eu o considero a sua obra prima, capaz de todas as glorias e de todos os successos.

* * *

Benjamim Costallat, quando escreveu «A loucura sentimental», não pensou, olhando a vida, sinão em si proprio: na sua sensibilidade, na sua inquietude sentimental, no seu modo de ver e julgar os homens. E sua doce e infinita melancolia mostra-se, ahi, nessas paginas vigorosas, em toda a sua plenitude emocional. Pela penna de um de seus personagens, que se matou sem achar a vida feia e apenas para descansar, assim define elle a sua figura de homem triste:

«Fui sempre um triste dissimulado. As minhas gargalhadas eram o disfarce da melancolia de minha alma. Dei-me inteiramentte. A's minhas amizades e ás minhas paixões.... Dei-lhes também a impressão de um homem alegre e feliz. Dei-lhes essa impressão como lhes dava os meus charutos. Para lhes fazer prazer.... Não discuti nunca a opinião que pudessem ter a meu respeito, para não desgostar os outros sobre as suas pretenções psychologicas. Cada qual sahia satisfeito comsigo mesmo, certo de uma clarividencia phenomenal, e eu com mais uma interpretação errada sobre a minha pobre personalidade tão debatida e tão mal interpretada. Não sei o que fui, e estou certo de que, si fosse melhor comprehendido, mais me teriam amado... Aos meus proprios inimigos, desejei a felicidade... E si os descompuz algumas vezes, era quasi de temor que se percebesse essa minha incapacidade de querer mal a alguém»...

Ahi está o que é, na realidade, Benjamim Costallat: um triste dissimulado. Um homem incapaz de fazer mal a ninguém. Vivendo para a sua familia e os seus amigos. E perdoando, generosamente, aos seus inimigos. Estou certo de que elle não gostará desta revelação. O orgulho aristocrático do seu espirito disfarça a doçura de seu coração, aberto a todos os gestos de piedade christã. E é isso o que o torna tris-

A data natalicia de Machado de Assis, que decorreu a 21 do corrente, foi commemorada com uma tocante homenagem á memória do grande romancista e poeta brasileiro, junto de cuja estatua, na avenida das Nações, se reuniram, na manhã daquelle dia, alguns directores da Academia Brasileira de Letras e do Centro Carioca para evocar a gloria e o nome daquelle mestre da nossa literatura.

Estão aqui dois detalhes dessa ceremonia civica, vendo-se, ao alto, o presidente da Academia Brasileira de Letras, dr. Gustavo Barrozo, Adelmar Tavares e outros membros da illustre sociedade e directores do Centro Carioca, e, em baixo, a professora Marina Dias dos Santos, quando lia o seu discurso sobre o autor de «Braz Cubas».

te deante dos que o comprehendem e estimam.

Aquelle sorriso que a gente vê sempre, abrindo um clarão ironico na sua physionomia, não é mais do que a mascara luminosa da sua profunda melancolia de artista. E' um sorriso convencional... «para uso externo», como elle proprio me confidenciou, certa vez, no meio dos seus livros caros, emquanto me lia, os olhos sonhadores e os gestos nervosos, trechos commoventes dessa obra em que me deleitei o dia inteiro.

* * *

«A loucura sentimental» é a propria alma de Benjamim Costallat feita romance. Aquella alma cheia de ternura e de bondade, que se agita, desalentada e compassiva, na sensibilidade e no pensamento de Mario Alberto. Aquella alma piedosa e doce, que o fez escrever, num hymno de amor á fraternidade universal:

«Somos todos iguaes. Negros ou loiros, millionarios ou lixeiros, temos dentro de nós os mesmos rythmos. E por que nos achamos melhores uns do que os outros? Por que temos a pretenção de nos julgarmos superiores ao proximo? Por que não estendemos a mão, com toda a lealdade, aos nossos semelhantes, como si a estendessemos a nós mesmos. Pobre humanidade que ainda não se comprehende a si mesma, e só por isso ainda não se ama bastante!...»

E' todo assim o romance de Benjamim Costallat. Um romance profundo e humano, bello e enternecedor. Um romance que se lê com o mesmo interesse e o mesmo prazer, da primeira á ultima pagina. Um romance que reflecte a vida e as suas angustias, e que inspira, ao mesmo tempo, amargura e piedade pelo soffrimento alheio.

Na minha opinião, «A loucura sentimental» é o maior romance de Costallat e uma das grandes obras contemporaneas.

Vários aspectos do desembarque, nesta capital, das delegações estrangeiras que vieram representar os seus respectivos paizes no Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos.

Os membros das delegações estrangeiras ao Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos visitando a Escola Nacional de Bellas Artes, onde foram recebidos com expressivas homenagens de sympathia pelo director e professores daquelle estabelecimento.

A solennidade da installação do Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos realizou-se no Theatro Municipal, sexta-feira penultima, á noite, sendo presidida pelo sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, que se achava ladeado, á mesa, pelo sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, pelo presidente do Certamen, architecto Nestor de Figueiredo, e outros membros do Congresso, conforme documenta a gravura desta pagina.

O Quarto Congresso Pan Americano de Architectos

Os delegados estrangeiros junto ao Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos, que presentemente se reúne nesta capital, visitaram, nas vesperas da installação do importante certamen, as altas autoridades da Republica, ás quaes foram levar os seus cumprimentos pessoaes e os cumprimentos dos governos que representam, pela realização em nosso paiz da grande assembléa de artistas destinada á troca de idéas «sobre as tendencias, modalidades e anseios da architectura nos vários paizes da America», segundo, muito inspiradamente, salientou o sr. ministro Vianna do Castello na solennidade inaugural do Congresso, no Theatro Municipal. Esta pagina mostra os representantes dos paizes estrangeiros ao Congresso de Architectos, no palacio do Cattete, no palacio do Itamaraty, na séde do Conselho Nacional do Ensino, no Ministério da Justiça e no da Viação, quando visitavam, respectivamente, o sr. presidente Washington Luis, o ministro Octavio Mangabeira, o professor Cicero Peregrino e os ministros Vianna do Castello e Victor Konder.

Baton Rouge

O PRINCIPE CELIBATARIO

Com um bello prefacio do notável historiographo Gabriel Hanotaux, da Academia Franceza, o nosso distincto e culto patricio, dr. Sylvio Rangel de Castro, enfeixou, recentemente, em interessante volume, editado em Paris, varias conferências sobre a civilização brasileira, que, com grande êxito, realizou na Europa. Diplomata de destacado relevo na «carriére», o dr. Sylvio Rangel de Castro é, tambem, um espirito dedicado ao estudo das nossas coisas, e, especialmente, da literatura nacional, de que, ha annos, já, na Argentina, e, agora, nos principaes centros da cultura européa, vem elle sendo um dos mais enthusiastas vulgarizadores. «Quelques Aspects de la Civilisation Brésilienne» — é o titulo da obra de erudição e de elevado patriotismo que o distincto patricio vem de publicar — reunindo, nesse precioso volume, as conferencias que realizou em vários centros universitarios e institutos scientificos da Europa, como a Universidade de Genebra, a Sorbonne, em Paris, a Universidade de Bordeaux, a Universidade de Roma, a Sociedade de Geographia, de Paris, o King's College, de Londres, o Atheneu, de Madrid, a Sociedade Real de Geographia, de Bruxellas, etc. A esse nobre, patriotico e intelligente esforço correspondeu, galhardamente, a acceitação que teve, nos circulos culturaes europeus e nos nossos, a obras do illustre diplomata e escriptor.

Sua Alteza Real o Principe de Galles, herdeiro do throno britannico, é uma personagem de constante focalizada pela imprensa mundial. Agora mesmo seu nome volta a ser objecto de commentarios que, talvez, não lhe sejam nada agradaveis.

O elegante e guapo principe real, tão dado a caçadas de féras, na Africa, e a outros sports menos perigosos, ainda não quiz se dar ao prazer de caçar uma princeza para... casar.

Por que?!... ninguem o sabe. E a dynnastia britannica vê, com tristeza e apprehensão, que, já aos trinta e seis annos de edade, — uma edade magnifica para um principe contrahir matrimonio — Sua Alteza continua, o mais duplicentemente possivel, a caçar féras e não mulheres.

Aliás, em certos casos e em certas occasiões, a differença, nesse genero de caça, é quasi nenhuma... As mulheres, não raro, são umas férasinhas educadas, de garras encobertas em luvas perfumadas de pellica.

Se o principe de Galles já experimentou o "carinho" dessas garras ponteagudas, afiadas, rotadinhas, tambem não o sabemos. O que está fóra de duvida é que Sua Alteza vae deixando passar as mais lindas e desejaveis princezas das côrtes européas, sem encontrar sua Belle au Bois Dormant, sua Cendrillon ou seu Chaperon Rouge.

Essa attitude de silenciosa profissão de fé... celibataria parece estar a indicar que o illustre neto do rei galante, que foi Eduardo VII, entre a "Bella e a Féra" preferirá sempre a ultima, que lhe dará menos aborrecimentos, proporcionando-lhe, ao mesmo tempo, sensações mais a seu gosto.

Mulheres... são féras maquillées, civilizadas, de mentalidade, indole e caprichos por demais banaes... As outras — as féras de verdade — essas teem, pelo menos, o encanto da sua selvagem, instinctiva, franca e decidida ferocidade.

E, por isso mesmo, tão menos de temer...

A meu ver, o Principe de Galles tem toda a razão: a capciosa "ferocidade" das mulheres é um perigo para a sua commodidade de bon-viveur, de homem que, naturalmente, não quer ser perturbado na sua folgada e regalada joie de vivre.

Como bom e authentico inglez, Sua Alteza o que quer é viver, viver intensa, profundamente..

E não ha nada para estragar uma vida como uma mulher, ou, melhor, como certas mulheres..

FRAGONARD

«Essas vidas inquietas»... Tem este titulo o primeiro livro de um escriptor brilhante. Jayme Cardoso, que os leitores do «Paiz» se acostumaram a ler com agrado crescente, estreou, em livro, no genero mais difficil que se conhece em literatura: o romance. Entretanto, esse moço de poucos annos e de bôas letras deunos um livro magnifico, tanto pela ideação e entrecho, quanto pela linguagem e estylo. Ha um valor novo nessa obra que os nossos criticos mais autorizados vêm louvando com absoluta justiça e espontaneidade. Jayme Cardoso é um estheta requintado, que sabe servir á sua arte sem desfigurar a vida, nem calumnial-a com quaesquer fórmas grosseiras de reproducção. Seu livro é dos que revelam a maior pujança da mentalidade moça do Brasil.

Quero!

Lola Kneip allia á sua mocidade fulgurante um espirito radioso de mulher. E' um nome que surgiu hontem e que já hoje póde ser apontado como um dos mais brilhantes da nossa joven intellectualidade feminina. Sensibilidade, talento, emoção, colorido, riqueza de estylo, tudo isso valoriza e embellece a sua prosa fidalga e a sua fidalga maneira de traduzir os mais commoventes estados de sua propria alma insatisfeita de artista. Cada pagina de Lola Kneip reflecte, por isso mesmo, sincera e profundamente, uma feição ou um aspecto da sua doce e, ás vezes, exaltada melancolia. FON-FON, que tem a honra de contal-a no numero das suas collaboradoras mais queridas, apresenta, hoje, aos seus leitores, mais um interessantissimo trabalho literario dessa escriptora de dezesete annos.

—

EU não nasci para um destino de servidão e humildade. Eu nasci para ser obedecida.

Na minha bocca vermelha a altiva palavra "quero!" é como que a oração de todo o dia...

"Quero!" E os meus olhos brilham de ira si não satisfazem ao meu capricho. Todo o meu pequenino ser se agita, em revolta, si não me obedecem á ordem precisa. "Quero!"

Quantas vezes, sob o poder dominador dessa palavra, que me sahia da bocca como o som agudo de uma trombeta de guerra, eu vi se desmoronarem montanhas negras de dôr, que teimavam em me obstruir o caminho de moça persistente e altiva! Quantas barreiras immensas de soffrimento amargo tombaram, vencidas, sob a magia da palavra que me fugia, poderosa, da bocca!...

"Quero!" Era a minha expressão habitual. Nunca pedi. Ordenava. No meu sangue quente e estoico corre todo o orgulho de que é feita a minha raça... Raça de titans e de bravos! E, Walkyria formosa e obedecida no meu grito de commando, eu nunca encontrei pesares no caminho da minha vida...

Houve um dia, porém, em que todo o meu senhorial orgulho tombou, vencido... Foi o dia em que eu tive que mendigar amôr... Mendigar carinho e ternura para a minha pobre vida de exilada... Então, eu me esqueci da altiva creatura que fôra! Fiz-me pequenina, humilde e supplicante, deante da magestosa figura daquelle que o meu coração elegera... para todo um destino de gloria e amôr... E, com os meus olhos de esmeraldas agonizantes fitos nos seus, ardentes olhos de gitano, numa supplica, eu lhe disse: — "Quero"... Queria o seu amôr, a sua ternura, a sua dedicação, a sua vida.

E, pela primeira vez, eu, que nunca me senti contrariada no meu desejo, fui desobedecida! E nenhum fremito de revolta me agitou... Porque eu vi que chegara a minha hora de amôr... De doce soffrimento, de bemdita amargura... A Walkyria orgulhosa e ardente, vencida, afinal, recolhia as armas da altivez, ante o deus travesso e maravilhoso...

"Quero!" Desde que conheci o meu amado, essa palavra imperiosa, de mando e poder, tornou-se, na minha bocca ansiosa, uma supplica vehemente, uma insinuação suave para que me dêem um pouco de felicidade e um pouco de amor...

Lola Kneip.

ROSAS de VELLUDO

A miragem de uma noite de luar...

Hontem, o luar de junho, que se derramava, melancolico, pelos telhados de meu bairro, eu comecei a sentir, mysteriosamente, dentro da noite quieta e fria, a caricia luminosa dos seus olhos verdes. Estava no jardim. No meu jardim, onde as flores mais bonitas e mais olentes não têm a belleza nem o perfume que você tão fascinantemente possue. Uma rosa da côr do luar pareceu olhar-me com despeito, porque, de certo, vislumbrou no meu desolado contemplativismo a saudade de outra rosa que não pendia de um galho verde, nem se achava ali, perto della, para dissipar a minha tristeza amarga... Eu não dei importancia ao despeito da rosa — sua irmã, meu amor — e continuei taciturno no meu jardim. Continuei a sentir, sob a noite clara de junho, a mysteriosa fascinação verde dos seus olhos distantes...

Porque pensava em você. E recordava, saudosamente, aquella noite linda e branca em que você, sorrindo inquietamente, deslumbrou os meus cinco sentidos com toda a seducção envolvente da sua figura luminosa de mulher. Era em junho tambem. Tambem fazia luar, como hontem. Um luar frio e romantico, que beijava, voluptuosamente, a sua cabecinha loira. Essa cabecinha fulgurante que eu só conseguia beijar com os olhos. Já que o luar, intrusamente, projectava claridades compromettedoras naquelle trecho de rua socegada e triste, onde conversávamos pela primeira vez. E eu, tão perto de você, ainda me sentia bem longe, porque não lhe podia prestar, ali mesmo, sob o esplendor e o perfume da noite branca a homenagem material do meu amor... Fiscalizando-nos, separando-nos, tantalizando-nos, vinte olhos irreverentes acompanhavam, de todos os lados, os nossos movimentos... E nós tinhamos que nos contentar com o desejo das palavras e a volupia dos olhos... Trocavamos phrases doces e olhares de esperança... Apenas. Foi assim que nos encontrámos naquelle trecho silencioso da sua placida rua.

Hontem, sob o luar de junho, que tanto se assemelhava áquelle outro luar que lhe beijava, voluptuosamente, o cabello de oiro, eu evoquei tudo isso. E, pensando em você, e recordando o nosso primeiro encontro, eu senti, dentro da noite quieta e fria, senti, mysteriosamente, a caricia luminosa dos seus olhos verdes... Era a visão da saudade que, povoando o meu jardim, me approximava de você, dando-me a doce miragem da esperança...

Meu amor, meu grande amor impossivel, eu ainda me julgo feliz, mesmo longe dos seus olhos, só porque posso ter saudade de você...

Mauro de Alencar

Uma nota de puro mundanismo e de caracter bizarro foi o baile regional que o Grajahú Tennis Club offereceu, sabbado ultimo, aos seus associados, em louvor de S. João. Todos os bailarinos compareceram trajados segundo os costumes do interior, havendo nos seus sumptuosos salões desde o caipira do norte ao gaúcho dos Pampas. Para dar uma côr local ao ambiente elegante e luxuoso, houve a tradicional fogueira, onde se assaram milho verde e batatas. As nossas gravuras focalizam os bellos aspectos dessa festa caracteristicamente brasileira.

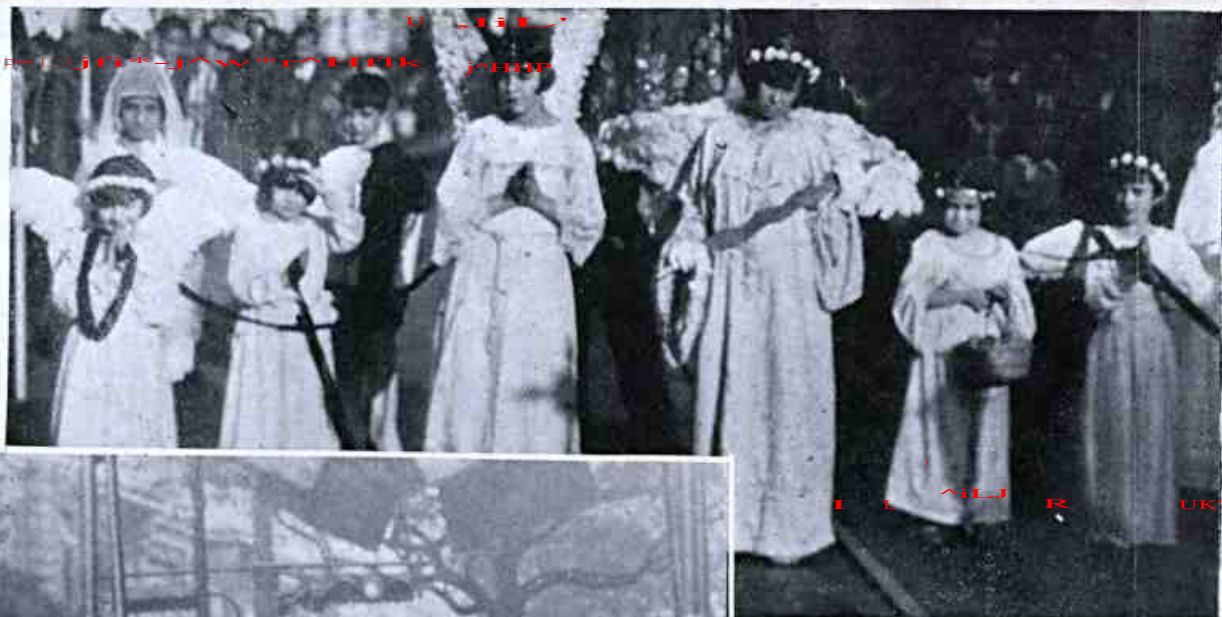
Meu leito

Nemhum dos moveis que tinha
Me fizera pensar, até agora,
— Nem os que herdei dos meus avós — na minha
Ultima hora...

Flavio da Silveira é um nome de alto destaque no meio intellectual e social carioca. Escriptor e jornalista primoroso, agora revela-nos elle uma nova faceta de seu fulgurante espirito. E, como poeta, fino e emotivo, offerece a FON-FON o prazer dessa revelação, com a linda pagina que estampamos.

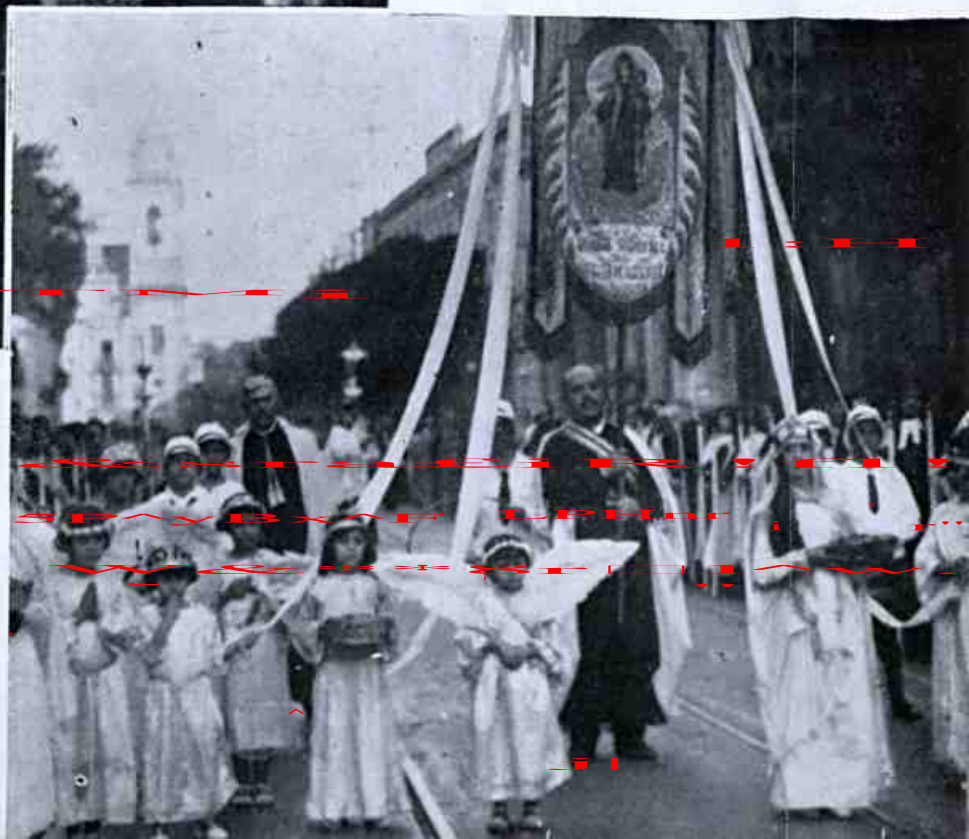
Mas o espaldar severo deste leito
Em que repouso, ainda não ha
Um mez, todo elle feito
Em jacarandá,
Magestoso, talhado e trabalhado
Em velho estylo portuguez,
Sem que saiba porque me tem levado
A meditar sobre ella muita vez.

E' um movel novo cheio de passado,
A cuja sombra me abandono
E no qual continúo a rever acordado
Os sonhos do meu somno.

Sua elegancia senhorial,
Por influencia, talvez
Inconsciente, do soneto immortal
De Heredia,
— Desde que o tenho, ha quasi um mez—
Reune á minha cabeceira,
No mesmo quadro suggestivo e forte,
Como expressão da vida passageira,
Mas bella e nobre — o Amor, o Sonho e a Morte

FILIGRANAS

Ha tempos, os jornaes de S. Paulo deram noticia dum caso triste. Um velho funccionario estadual foi roubado nos dinheiros publicos que tinha sob sua guarda. Pobre, enfermou de desgosto e veiu a fallecer de traumatismo moral. Só então se descobriu tudo.

Em vez de morrer, esse pobre homem poderia annunciar que vendia vergonha aos milheiros de ladrões ricos que andam por ahi. Mas não acharia compradores...

Domingo ultimo, a cidade assistiu, respeitosamente, ao desfile da procissão de «Corpus Christi». Foi um imponente espectaculo de fé christã, no qual, mais uma vez, ficou patenteado o espirito de religiosidade do nosso povo. Teve, assim, a empolgante cerimonia o brilho das que a precederam, revestida, como esteve, da magnitude pomposa e do mais puro sentimento christão.

ROSAS DE... ANACREONTE

OS versos, as lindas canções, tão cheias de coração, de emotividade, de sentimento, com que, de raro em raro, a alma simples e boa de Anacreonte reflecte, nesta pagina, sua fina e encantadora sensibilidade, trazem-me, sempre, um delicioso prazer espiritual.

E' que elle — o Anacreonte que nos honra com a sua collaboração, sempre tão grata — á maneira do velho rhapsodo grego, de Téos, é tambem delicado e encantador expressionista lyrico do Amor, mas desse amor feito de sentimento e de ternura, de bondade e de carinho, puro na sua essencia como grande, immenso, na extensão do sonho que o anima e o enche de infinito e de céo.

Na paz quieta do meu Balcão, cortada, apenas, de azas de passaros que se recolhem, sinto-me menos só. Minha solidão inebria-se com a casta e suave fragrancia das rosas frescas que fazem florescer a idealidade e a illusão no coração do meu querido Anacreonte — através destes lindos versos:

MINHA FILHA

Si eu tivesse uma filha,
ella seria para mim
de uma infinita doçura...
Minha filha! Eu lhe daria,
em troca do seu amor,
todos os meus desvêlos,
toda a minha ternura...

E tu,
tu serias a modista:
— Um vestidinho curto de boneca,
um laço grande nos cabellos,
que désse bem na vista...

Eu queria que minha filha fosse
bonitinha;
mas, que ella fosse, principalmente,
bôazinha.

Minha filha!
Que linda filha eu teria!
Parecidinha comtigo, meu Amor...
Assim meiga, um pouco triste,
Madona de um trovador...

(1929)

Quanta delicadeza de sentimento e de ternura na expressibilidade desse acariciado anseio com que Anacreonte — o poeta anonymo e emocional desta pagina de FON-FON — evoca o sonho de uma filhinha desejada e que elle enfeita, carinhosamente, "com um vestidinho curto de boneca, e um laço grande nos cabellos"!...

A tarde morre, lá fóra, nas sombras, que se adensam, deste crepusculo de inverno. A aza da saudade e da melancolia, numa palpitação de quietude, desce sobre as coisas.

Saudade — evocação da distancia, através da "presença dos ausentes"...

Anacreonte continúa, ainda, a deliciar-me com a doçura, com a suavidade de petalas de rosas dos rythmos da sua emoção.

A *Canção do Abandono*... a triste canção da sua "saudade", quem não a ouvirá, como eu, enlevado, enternecido, e quem, como elle e como eu, tambem, nunca a terá cantado, baixinho, em surdina, para dentro de si mesmo, ao menos uma vez na vida?...

CANÇÃO DO ABANDONO

Estás tão differente!
Não quero acreditar que mudasses assim...
Passo e repasso na memoria
a simplicidade, o enleio, a confiança
com que gostaste de mim.

A nossa historia
teve o baptismo da esperança
(foi em pleno oceano que floriu nosso amor!)
e teve a gloria
de ser um grande e puro sentimento.
Eras tão bôazinha,
tão minha amiga!
Parecias até uma irmãzinha...
differente!

Um dia me disseste:
—"Meu desejo era ser alguma cousa,
que te pertencesse, que levasses comtigo"...
E desde então eu pensei, ingenuamnte,
que fosses mesmo alguma cousa,
— tão minha! —
que só andasse commigo...

Hoje eu vejo que o destino foi mau.
Que, entre nós dois,
uma força maior se interpoz.
Estás tão differente...

Mas se foste a minha irmãzinha,
Se eu sou a tua saudade,
Descansa! Assim como estás mudada,
Continuarás a ser minha:
— Minha infelicidade...

Anacreonte fez, assim, toda a festa emocional do "Balcão Florido", de hoje, com as duas lindas poesias que offereci aos leitores desta pagina, e em que elle, de modo tão encantador, revela facetas de seu espirito luminoso e veios de ouro de seu coração tão cheio das coisas mais bellas da vida, e que são ainda o seu maior encanto — o Amor e a Bondade.

HELIANTHO.

Foi um acontecimento de grande brilho mundano a exposição photographica de De los Rios, inaugurada no salão nobre do Palace Hotel. A esse certamen de arte pura compareceram altas autoridades da Republica e as figuras mais representativas do nosso mundo elegante. E são essas figuras de escol, além de artistas, escriptores e poetas, que figuram na galeria de honra de De los Rios.

Filigranas

A tarde é toda violeta. Uma luz arroxeada vem do sol que morre e tinge a paizagem maravilhosa: os morros, os penhascos agudos, os palmeiraes, o lençol liquido da Bahia, que se immiscue entre as montanhas.

Tudo, desde o céo á terra, naquella hora crepuscular, se veste com a triste e imponente côr episcopal. Tudo. E os meus olhos, que se derramam pelo pendor dos montes e pelas curvas das praias, como um espelho, reflectem aquelle rôxo no intimo do meu ser...

Inaugurou-se, ha dias, no Collegio Militar do Rio de Janeiro, o novo gabinete medico daquelle estabelecimento, tendo a cerimonia, que se revestiu de solennidade e brilho, a presença do sr. ministro da Guerra e de outras autoridades militares.

RETRATOS E BONECAS

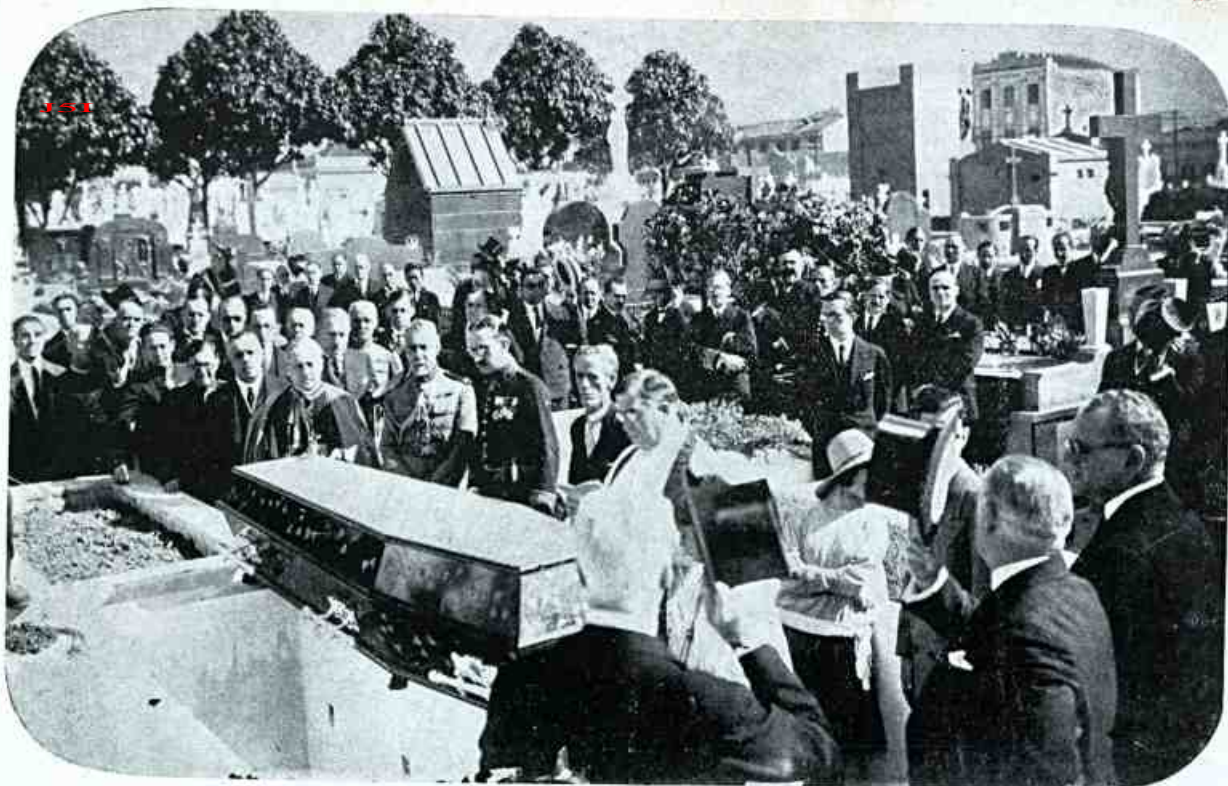
Entrei a custo
no amplo salão
já tão cheio, tão cheio
da nossa mundanaria floração.
O Lamartine e o Zé Augusto
(o Presidente e o senador),
Christovão Dantas e Deoclecio Duarte
mantinham um certo ar sereno e alheio,
sem perder um olhar indagador
aos numerosos instantaneos de arte
e á primavera feminina em flor,
que ali expunha
para gloria e prazer dos visitantes
— posso ser testemunha —
petalas de magnifico esplendor,
calices elegantes,
viçando em distincção, em brilho, em côr.

O casal Veiga Lima
com o casal Povina Cavalcanti
acharam meu retrato uma obra-prima.
Pois eu, o que achei mais interessante,
foi, talvez, o da Carmen Limoeiro
ou o da Procopinha — um verdadeiro
encanto de expressões physionomicas.
que não são bem, nem tragicas, nem comicas,
como o Procopio as faz para o pessoal.

E o Mario Poppe faz um madrigal
a um retrato qualquer. Ora, a blasphemia!
— Retrato de uma linda portugueza,
que não é lá nenhuma flôr bohemia
e cujo riso é uma framboêza
da orvalhada de abril,
de maio ou de setembro.

Mario Poppe, finissimo e subtil,
vê o Nuno Simões, com outro membro
do corpo diplomatico
e, como eu ainda fale do tal riso
de framboêza,
me aconselha — Juizo!
E acho o conselho mais enigmatico
que o sorriso da propria portugueza.

A tarde, aos poucos, finda
em tons brandos, macios.
Que tarde linda!
E vae morrendo tão suavemente...
E todo mundo sente
que o De Los-Rios
está contente.
Quanto a vocês, naturalmente
já comprehenderam que o salão
é o da encantadora Exposição
photographica, que, na sexta-feira,
De Los-Rios, abriu ás cinco e tanto,
para encanto
de toda a sociedade brasileira.

E esta! Esgotei a tinta,
gastei todo o papel...
Ora! eu ia falar dessa distincta
bonequinha animada,
bonequinha encantada,
a Nenen Baroukel.
Foi uma festa tão bonita
(e ser bonita, ella o é tambem)
e... agora? já não ha papel.
Mas, eu não faço fita
Escreverei depois, na semana que vem...
Você desculpa, Nenen?
sim, Nenen Baroukel?

O sr. Alfredo Mariategui, ministro da Hespanha no Brasil, fallecido domingo ultimo, nesta capital, era uma das figuras de relevo do corpo diplomatico estrangeiro acreditado junto ao governo brasileiro e uma individualidade de alto prestigio nos circulos officiaes de seu paiz. Por isso mesmo, seu inesperado passamento causou profunda consternação não só em sua patria, mas tambem entre nós, onde gozava de grande conceito. Os funeraes do ministro Mariategui realizaram-se segunda-feira pela manhã, tendo grande acompanhamento e vendo-se no cortejo, entre outros, o representante do sr. presidente da Republica, o sr. ministro das Relações Exteriores e outras autoridades brasileiras, além de membros do corpo diplomatico, etc.

FILIGRANAS

Elle é gordo, calvo, baixo e untuoso. Tem muito dinheiro. Anda sempre em bellos automoveis particulares e houve tempo em que possuia um harem esparso. Não havia bairro no Rio de Janeiro onde não tivesse casa montada com sua linda pessoinha *teúda* e *manteúda*. De certo tempo a esta parte, parece que as abandonou todas, dedicando-se a outro genero de esporte.

Diverte mocinhas solteiras. Vae aos cinemas, ás vezes, com uma em cada braço, cuidadoso como quem leva bonecas.

Papae Noel!...

Um detalhe do banquete com que a «Lod Silence N.º 1» commemorou, na dia, a installação da sua nova mesa administrativa que terá de funccionar no exercicio social de 1930-1931.

TRIPEPAÇÕES

IMPECCAVELMENTE vestida de negro, a elegante dama esperava alguem com certa impaciencia. E esse alguem, por signal, não é um cavalheiro, na expressão da palavra, porque deixou de comparecer, á hora exacta, ao encontro marcado pelo telephone. Tratava-se de um *rendez-vous* precioso, e a dama ficou exposta á curiosidade malsã, tanto mais quanto o logar escolhido era improprio, bastante movimentado.

Tambem não sabemos porque a esquina da egreja é tão procurada para ponto de encontros discretos...

A preferencia tem intrigado e a esquina já está devidamente policiada pelos officiaes da barbearia fronteira...

Os incautos que se previnam...

PODEMOS annunciar para breve um casamento sensacional, nos meios galantes.

Sensacional pelo inesperado, apenas, pois ella estava alistada no ról das *irresistiveis*, e elle entre os candidatos ao celibato.

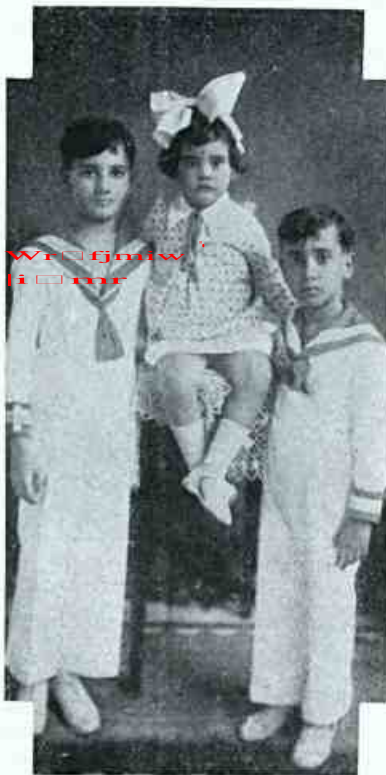
Romper-se-á, assim, o mysterio de um romance tecido, de começo, na placidez das serras, e que se derramou do alto para o ambiente delicioso das praias, onde elle e ella passam horas esquecidas, sob o beijo matinal do sol de inverno...

Acreditamos que sim.

Ella pelo menos capitulou, como demonstra pelas attitudes que mantem ao lado delle.

Elle faz a apologia do casamento com a classica affirmação dos que se querem casar: "E' o destino de todos..."

Quem diria?!

MADAME é simplesmente cacete, e, por mal dos peccados dos homens de letras, não comprehendeu ainda que deve desistir de persegui-los, suppondo possuir restos da belleza que a incluiu, ha tempos..., entre as mulheres fataes.

Carlinhos, Alfredinho e Maria Dinah, interessantes filhinhos do casal João Carlos Rosas-d. Esmeralda Rosas.

Luiz Alvaro é o galante filhinho do capitalista Alvaro Loureiro e de d. Helena Dias Loureiro.

Tudo passa na vida e nada ha que passe com mais rapidez do que a belleza da mulher.

Madame foi bonita, dizem, e ganhou tambem fama de mulher de espirito.

Nós temos impressão de que nem a finura do espirito lhe resta, pois *madame*, á viva força, quer se insinuar na vida dos homens de letras, não desconfiando da sua qualidade de hospede intrusa, indesejavel.

Como é triste a velhice sem juizo!...

UM dos passatempos predilectos do velho official reformado consiste em descer todas as tardes, num bonde, para a avenida, onde vae ao encontro de amigos que fazem róda á porta de uma tabacaria.

Na róda amiga, fala-se de tudo, menos da vida alheia...

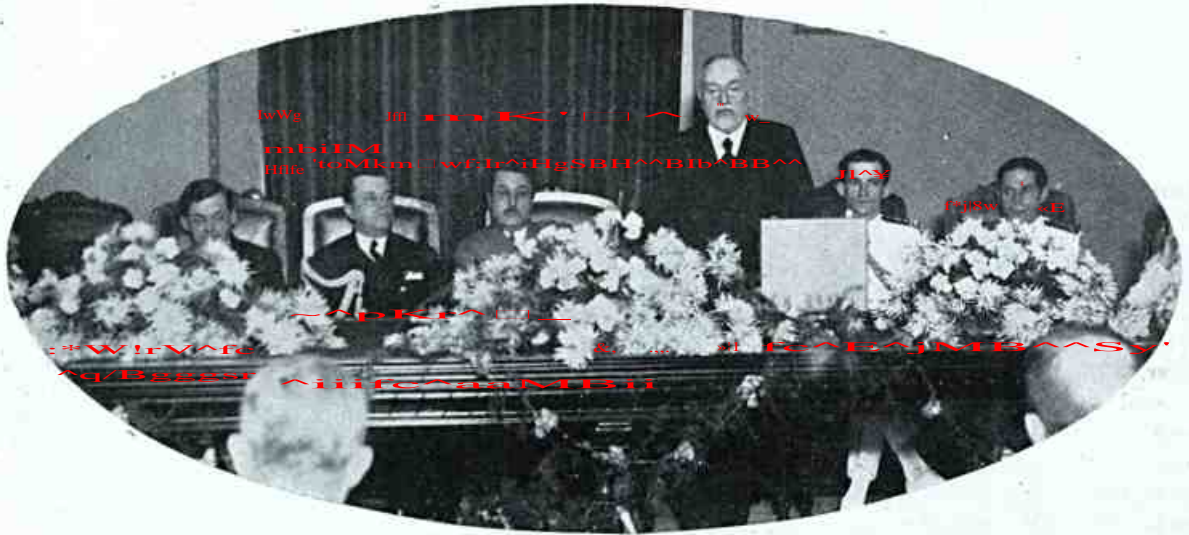
Mas, o assumpto obrigatorio é quasi sempre a politica.

E' claro que, em se tratando de politica, o velho official reformado procura sempre denegrir os governos, proclamando, alto, que são todos uns ladrões, medrosos, covardes, que se apoiam nas baionetas, isto e mais aquillo.

O velho official tem memoria fraca, porque esqueceu facilmente como conquistou os seus galões, que de outra maneira não foi senão politicando, porem, fala, fala...

E a roda amiga só se desfaz quando começam a apparecer certas figurinhas da Avenida, creaturas de sorriso facil e bolsa vazia, que uma a uma carregam com os velhos para logares não ignorados pelos *coroneis* da cidade.

E' só quando o velho official reformado cessa de falar, esquecendo um pouco a politica e os politicos.

Bôa terra!...

Sabbado ultimo, o senador Paulo de Frontin foi alvo de significativas homenagens, que lhe tributaram a Escola Polytechnica, o Club de Engenharia e a sociedade carioca. Commemorando, naquella data, o seu jubileu no magisterio superior, como cathedratico da Escola Polytechnica, o illustre patricio recebeu as mais expressivas demonstrações de carinho e sympathia, promovidas por aquelle instituto superior de ensino e pelo Club de Engenharia, ás quaes tambem se associou o governo da Republica. Nesta pagina estampamos dois aspectos dessas solennidades, um colhido após a missa em acção de graças, mandada celebrar na egreja de S. Francisco, e o outro por occasião da sessão commemorativa na Escola Polytechnica.

Evaristo da Fonseca, nosso distincto collega de imprensa, redactor da «A Noticia» e da «Gazeta de Noticias», viajou para a Europa, ha poucos dias, tendo um bota-fóra muito concorrido. Levando credenciaes da Associação Brasileira de Imprensa, o brilhante jornalista realizará, em Paris, uma interessante conferencia sobre o thema — «Le Brésil, ses hommes d'Etat et ses journalistes».

DESTINOS IGUAES...

"Belleza de um dia... Perfume que se acaba... Frescura que não volta mais..."

E' assim o destino das rosas bem igual ao destino das mulheres. Quem o diz, não sou eu; é uma mulher!

Um espirito feminino que tem a vibração do crystal.

Mas, a mulher, quando fala de si propria, não é sincera.

Porque a rosa não é uma flôr de porcelana, como a alma das mulheres...

A rosa é, antes, a flor da volupia, que se abre com as suas pétalas de velludo para a alegria da Vida!

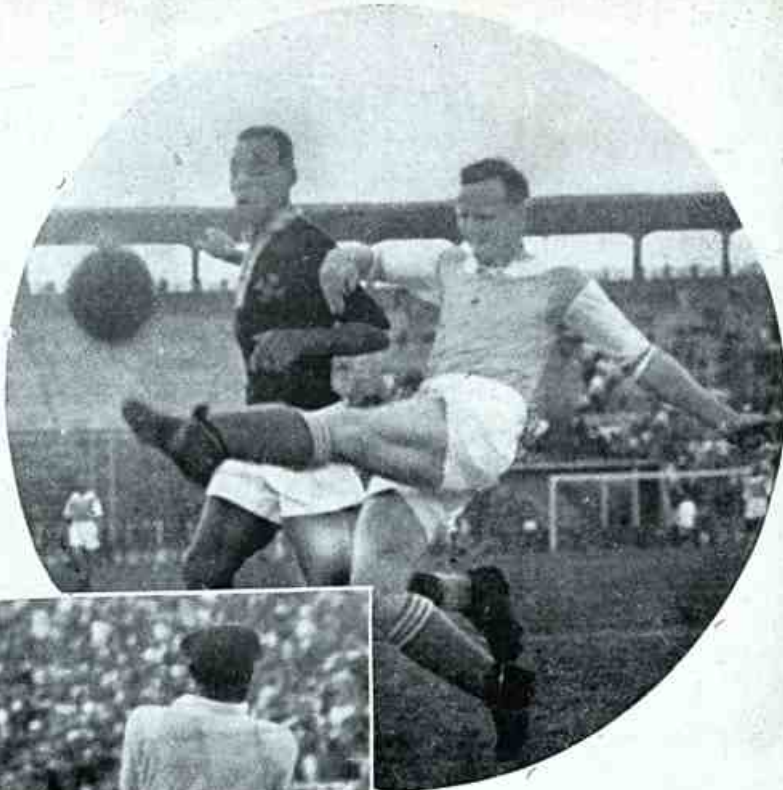
A sua belleza é immortal...
O seu perfume inebria...
A sua frescura não tem fim...

E' assim tambem a mulher que vive dentro do nosso lindo sonho de amor.

A sua belleza não se apaga, o seu perfume nos persegue, a sua frescura tem um encanto sempre novo. Assim creio, assim digo, porque a alma dos que verdadeiramente amam não envelhece...

A rosa é uma flor caprichosa.

A mulher é o capricho da terra...

MARION.

Numerosa assistencia presenciou, domingo ultimo, no estadio do Vasco da Gama, o grande encontro entre o combinado carioca e o quadro campeão do «Hakoadk All Stars». O grande interesse que o «match» despertava provinha da fama mundial de que era portador o «team» visitante. Apesar da grande capacidade technica dos profissionaes hungaros, o final da peleja foi favoravel aos nossos «footballers», embora o quadro carioca jogasse sem a cooperação de alguns dos nossos melhores «players». Focalizamos nesta pagina algumas das phases mais empolgantes desse prelio sensacional.

Afortunados...

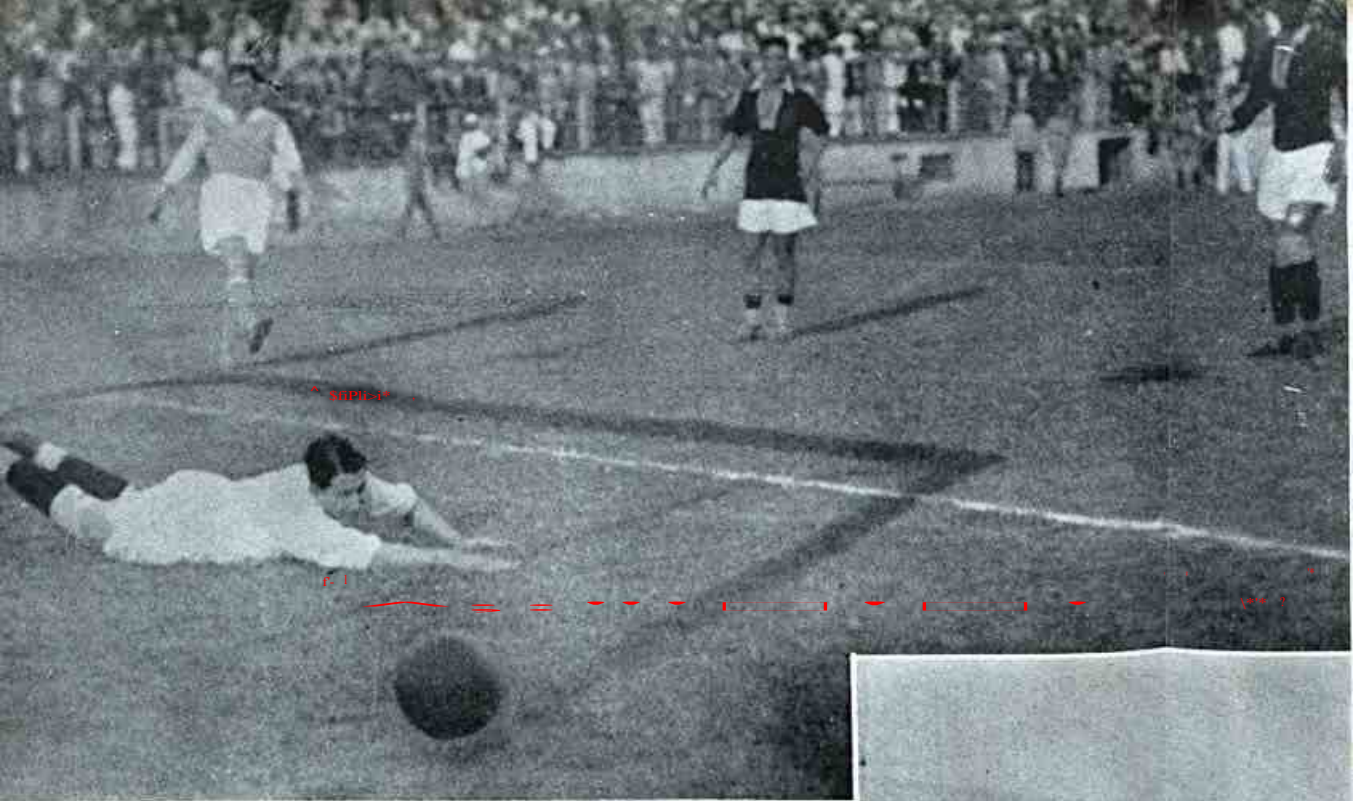
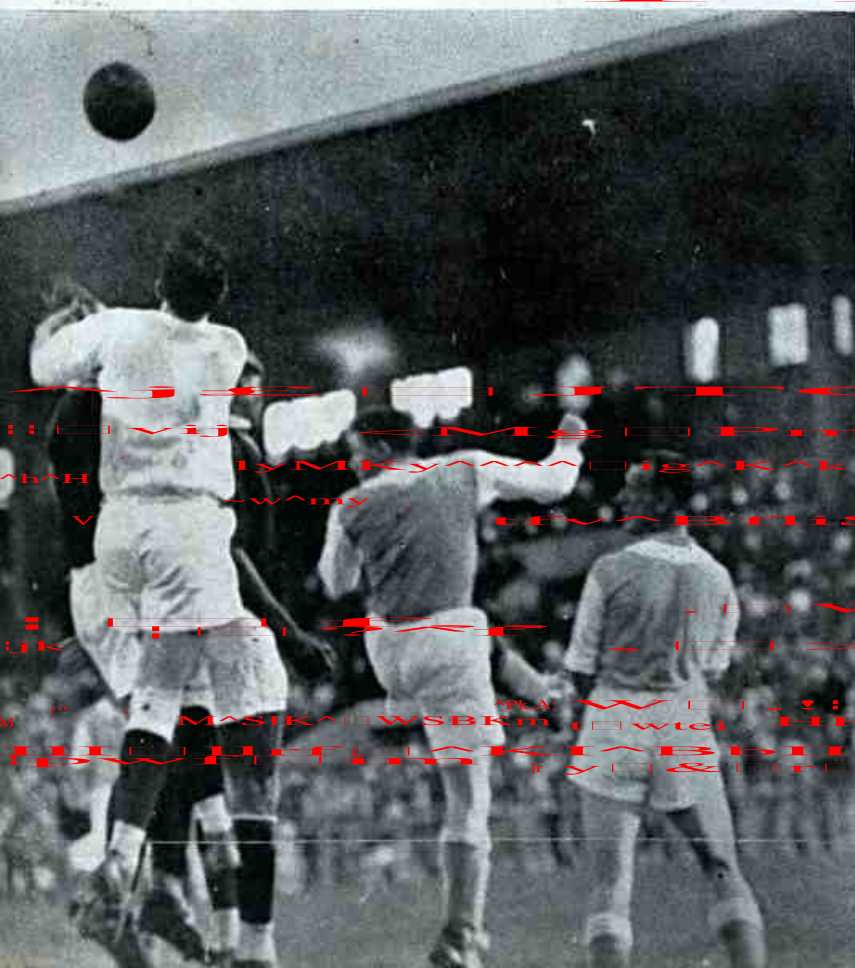
Ao Paulo Gustavo

"Ama, si queres ser amado. Ama...
Mesmo quando te sintas repellido:
Ao teu amor solicito reclama,
Sem que nunca te dês por offendido.

E si não fores vencedor, a flamma
Do teu amor recrgue destemido,
E ao teu amor exhorta, implora e clama;
Que, de tanto pedir, serás ouvido".

... Esse é o conselho dos afortunados;
Dos que, vencendo pela persistencia,
Nunca estiveram desesperançados.

Pobre de mim! Amo e supplico, amigo,
E não posso vencer-lhe a resistencia;
Vivo, embora, a pedir como mendigo...

GIL FRANCISCO.

Outros instantaneos do grande jogo internacional que domingo passado movimentou os nossos circulos sportivos, levando consideravel multidão ao estadio de São Januario, onde se desenrolou a partida entre os footballers cariocas e os hungaros domiciliados nos Estados Unidos. Duas sensacionaes defesas do «keeper» brasileiro Joel e uma do «keeper» hungaro.

FILIGRANAS

Dizem que cada um de nós tem a sua estrella. Desde muito pequenino, procuro no céo, curiosamente, a minha. Qual será? São tantas!... Uma voz interior ordena-me:

— Escolhe uma dellas. Vamos!

Hesito em escolher, como hesito em adivinhar qual é: são tantas. Ademais, talvez outro já tenha escolhido a minha.... Ou talvez eu escolha uma que não preste...

Realizaram-se, domingo ultimo, com grande brilho e enthusiasmo, as tradicionaes regatas, tão ansiosamente esperadas pelo publico carioca. O Vasco da Gama e o C. R. Natação foram os vencedores das provas classicas. Nas photographias acima podemos apreciar algumas das guarnições triumphantes.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

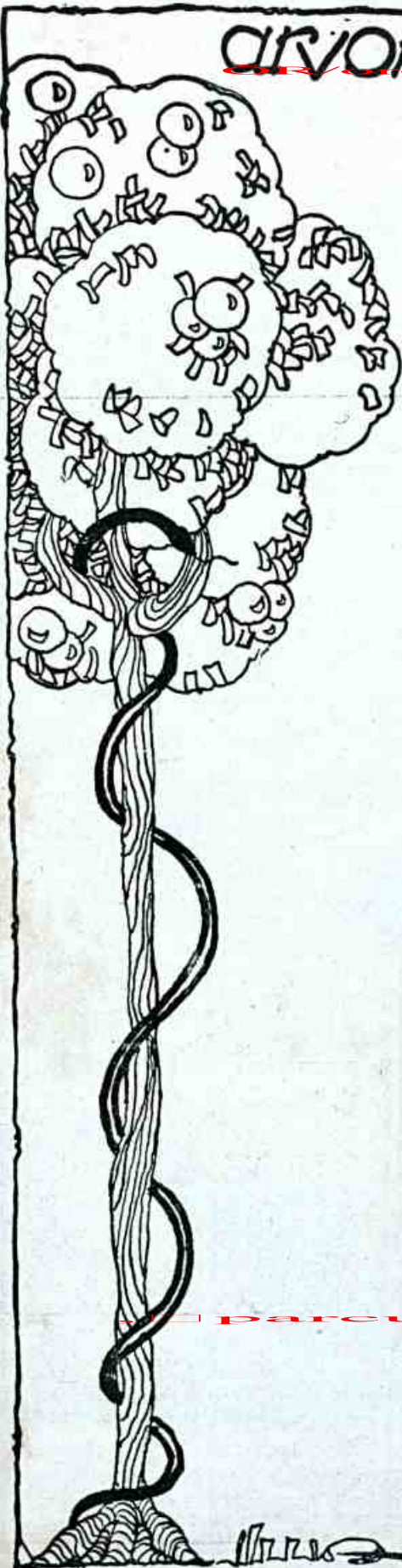
O IDOLO QUE FUGIU

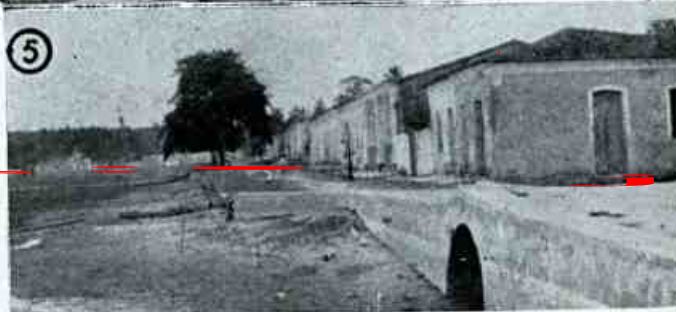
Houve outrora na ilha de Serendib, que hoje se chama Ceylão, um templo antiquissimo que datava da conquista de Ram.

Nesse templo, existia uma capella solitaria e singela, onde um grande idolo de olhos de esmeralda se erguia magestoso sobre um pequenino altar de sandalo perfumado.

Quiz o destino que os sacerdotes se lembrassem um dia de visitar a capella deserta. E logo entenderam de chamar a attenção para ella. Mandaram limpal-a, enfeital-a e, como achassem o altar de sandalo pobre para a magestade do idolo, resolveram enriquecel-o. Douraram a madeira cheirosa, incrustaram-lhe fios de ouro e ramagens de coral, embutiram-lhe pedras preciosas. Ficou aquillo tão scintillante e empavonado que os frequentadores do templo passaram todos a visitar a capellinha outrora silenciosa, recolhida, tranquilla. As vozes rudes do povo bárbaro, as syllabas toscas dos estrangeiros, as algaravias dos aventureiros curiosos perturbaram a mansidão daquelle ambiente sagrado. Só havia vozes para gabar o esplendor daquelle local e a espectaculosa sumptuosidade daquelle altar. O idolo continuava a ser idolo, a ter a mesma posição hieratica e a fazer brilhar na sombra os seus olhos de esmeralda. Porem o que o rodeava não era mais a mesma coisa e a mesma coisa não era mais o altar sobre que repousava...

Um dia, o grão sacerdote, ao entrar na capella, soltou um grito de espanto: o altar estava vasio, o idolo tinha desapparecido. Alarmou-se o collegio sacerdotal em peso. Qual seria o sacrilego que roubára o templo sagrado!

Ao se procederem ás indagações necessarias, viram-se no fino saibro que cobria as alamedas do apenas os rastos divinos do idolo. Elle tinha fugido...

Porto Seguro, cidade historica

A nossa pagina mostra alguns aspectos da velha e historica cidade de Porto Seguro, edificada perto do local em que ancorou a armada de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil. Vemos a antiga matriz, as ruas singelas, os canhões abandonados na praia, tudo perfumado de tradição e saudade. O dr. Alfredo Martins Horcades, cujo patriotismo se alvoroça ao sopro de ideaes nobres, lançou a grande idéa da elevação dum monumento commemorativo do descobrimento do nosso paiz nas terras tradicionaes de Porto Seguro, a qual póde se considerar triumphante. Graças á palavra e aos esforços desse ardente brasileiro, a attenção do povo volta-se agora para a velha cidade, olha-a com amor e vae fazer della um logar de romaria civica, prestigiado pelo sentimento nacional. Fazemos votos para a realização da patriotica idéa do dr. Alfredo Horcades.

FILIGRANAS

Um poeta oriental, philosopho como todos os poetas orientaes, disse que a vida dos homens se resume nesta synthese: nascer, viver, morrer.

Dizem-me que algumas são mais extensas, embora não muito. Não acredito. No capitulo viver, cabem igualmente todas as extensões e todas as intensidades. Os que mais gosaram não viveram absolutamente mais do que os que mais soffreram. Ambos viveram differentemente...

?1?

Aguas de rio humilde

Minha doce alegria! — Consente que eu te chame minha alegria! A ti que és ainda toda a claridade de uma existencia, todo o clarão, toda a allelúia de uma vida, toda a flamma que illumina um mundo pequenino e morto, que é o meu coração!

Aqui do obscuro recanto da minha magoa, com os olhos ennevôados, a fala muda, as mãos timidas como azas que ensaiam o vôo primeiro, envio-te, a ti, que és o alento dessas azas que amanhã irão cortar o céo em largos remigios altaneiros, estas primeiras palavras de desolação, este canto de magoa, sombrio como o luto e amargo como o absintho.

Mas, embora amargo o meu canto, embora amarga a minha voz, consente que eu te chame ainda alegria minha, porque, mesmo longe do teu coração, mesmo longe do teu conchego e do teu lume, eu vivo ainda immerso na grande promessa da tua volta, na grande esperança do teu regresso á seara que não foi colhida, porque a segadeira que eras tu, não veio para a colheita esplendida de sonhos que juntos semeámos...

Não imagina tú a desolação que anda por aqui.

O céo, que era doce como a doçura do teu sorriso, cobre-me indifferente e máo. As suas balladas de nevoas, candidas como a tua alma, que empautavam o céo de sons e de luz, apagaram-se uma a uma; uma a uma se extinguiram e não mais pude fitar a clara luz do sol que, piedosa e trefega, brincava ainda hontem na coifa do teu cabello escuro e alado.

O pedaço de terra em que vivo tomou aquella antiga feição do mundo no dia da falta paradisiaca. Ficou vazio e uma grande sombra pairou sobre elle, merencorea e sinistra. Vieram as aves do mal e alargaram as torvas azas negras sobre o meu rosto e uma houve que me aprofundou tanto a garra sobre o peito, que me alcançou o coração — a saudade!

O pão não mais me serviu de alimento nem a agua conseguiu estancar-me a sêde. Os labios, como se tivessem provado um fruto infernal, racharam-se fóra a fóra como uma flôr de sangue entreaberta.

A minha mão vacillou desde o instante primeiro para procurar a redempção, a resurreição que eras tú. Era tanta a treva, tanta a desolação, tanto o infortunio, que o braço não ousava tactear na espessa floresta de sombras em que me achava.

No fundo abysmo onde me haviam deixado a tua insania, o teu desprezo, a tua crueldade, não vinha parar um resquicio de luz, um éco de voz humana, o módulo longinquo da cantiga vesperal dos passaros. Sobre mim o peso da terra e a tua indifferença, mais pesada que tudo e mais que tudo impiedosa!

Na prisão da minha desventura vinham, para mais me affligir, para me supplicar muito mais, aquelles momentos que eram os da felicidade. Teu beijo, aquelle beijo com que me abrias a porta da tua casa e as portas do coração, alvorôtada como uma ave, ainda perfuma a minha bôcca. O teu abraço, os teus conselhos, os teus engenhos, os teus planos, tudo me tortura neste fim de estrada percorrida e por onde eu tanto quizéra passar mais ainda uma vez...

Aquelles sonhos pueris que tinhas. Os teus bonecos gorduchos e rosados. Umas coisas que só nós dois comprehendiamos...

Bem que podias voltar para minha vida!

O perdão é a nobreza dos pobres. Podias perdôar, porque eu me arrependi sinceramente. Eu não te neguei tres vezes como Barjonas ao Senhor. Posso dizer, confesso —, fui talvez fraco, duvidando. Acreditei quando não devia acreditar. Talvez acreditasse por um extase de loucura. Talvez acreditasse porque eu não queria perder-te nunca e nunca. Perder-te seria perder a vida, a ventura, a graça...

Eu não vivo ha muito tempo em mim. Vivo da esperança da tua volta. Eu nunca tive maldade no meu coração para comtigo. Nunca me pesou sobre o espirito um torvo pensamento, que maculasse as tuas candidas azas...

Por que o mundo não se resume, apenas, em duas unicas creaturas? Eu e tú! Eu para servir-te a vida inteira, para penitenciar-me do erro, para viver sob a suave ternura do teu perdão. Para viver eternamente sob o teu olhar, sob o amparo da tua mão pequenina e saudosa.

Aqui á minha cabeceira o teu retrato! Quanta coisa elle me diz! Quanto sonho me promette!

Por que não voltas para a minha vida? Ella se transmudará, da selva obscura que é, em verdejante floresta cheia de passaros e flôres

Volta com o teu perdão, com o teu carinho, com o teu amôr!

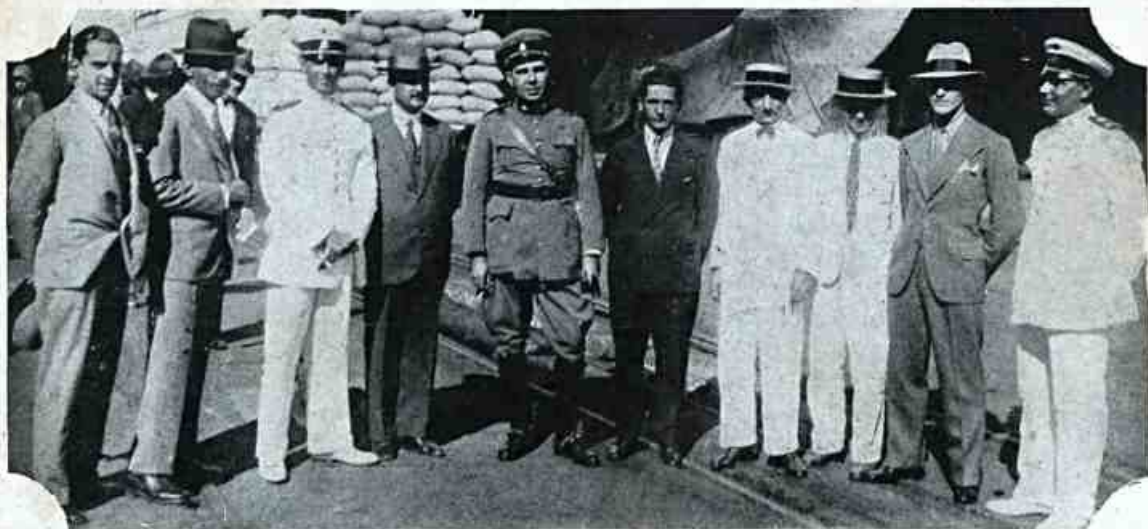
A minha victoria, o meu triumpho, o meu esplendor dependem de ti. De ti dependem, igualmente, a minha derrota, o meu anniquilamento, o meu captiveiro!

Regressa a meu coração, porque a alegria delle és tú. A alegria delle era o teu coração!

Minha doce e inebriadora alegria. Minha alegria creadora e prodiga!

Consente que eu te chame, neste fim de tarde cheia de ouro e de cinza, minha doce alegria! Porque em verdade tú não és apenas alegria: és saudade, és ternura, és amôr, e, sobre tudo — amôr!

Beija-te saudoso e commovidamente nesta primeira carta, Maria Thereza, o teu Fortunio."

HORACIO DALBEVILLE

O capitão Antonio da Silva Lima, chefe do Serviço de Radio do Exercito e director-technico da revista «Radiocultura», ao embarcar para os Estados Unidos, aonde foi adquirir estações modernas destinadas á remodelação da rêde de radio militar e, ao mesmo tempo, fazer um curso de aperfeiçoamento technico nos laboratorios da R. C. A. Entre as pessoas que compareceram ao embarque do capitão Silva Lima se viam collegas do viajante, o director-technico da Agencia Americana, etc.

COLHEI O LYRIO ENTRE ESPINHOS...

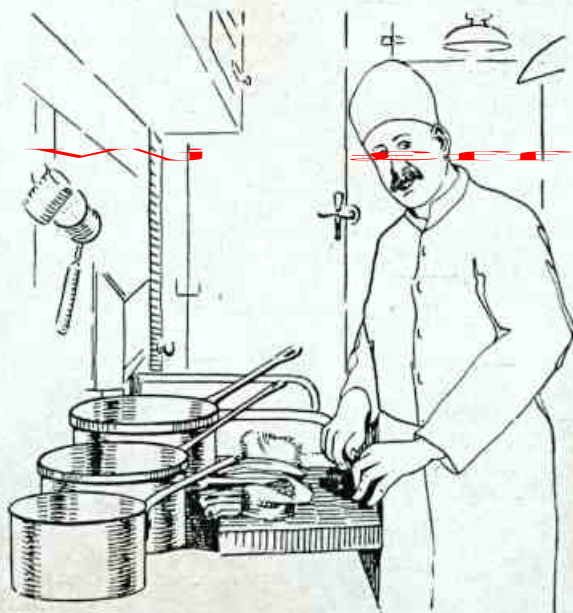
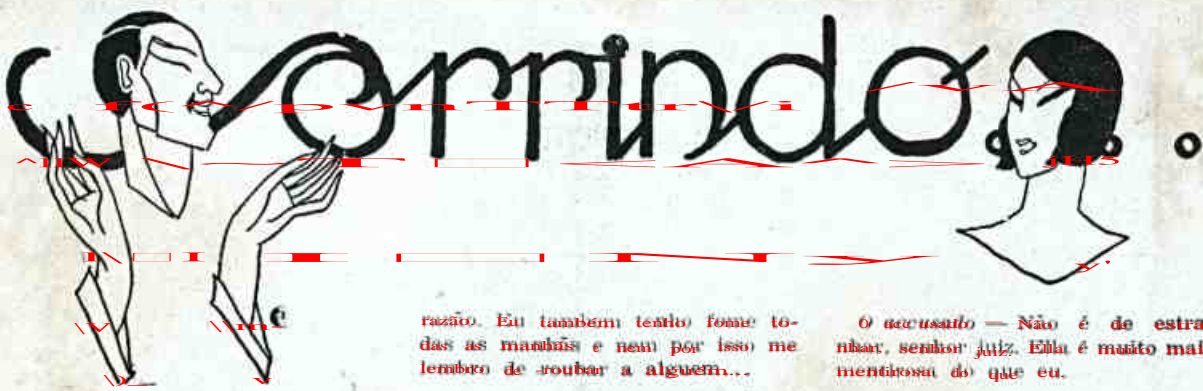
Era interessante o cartãozinho...

Encontrei-o perdido!

Tinha a figura de um lindo anjo envolto em gazes e com longas azas brancas.

A' beira do mar tempestuoso, entre espinhos, surgia um lindo lyrio para o qual o anjo estendia as mãos no desejo de colhêl-o.

Porem, mais que o symbolismo do cartão, impressionou-me a dedicatoria, que era assim: "Nenezinha — Agradeço-te a rosa de Therezinha, que trago bem junto ao coração num relicario; e a ella devo um grande milagre: o abrolhar de uma flôr de brancura immaculada dentre o lôdo... — *Antonieta.*"

RACHEL PRADO.

— Luizinha, tu me disseste que nunca tiveste noivo na vida, e, entretanto, me garantiram que só num mez tiveste quatro.
— Sim. Mas aquillo não era vida.

* * *

Voltaire tinha a seu serviço um rapaz fiel, honesto, bom, mas muito preguiçoso.
— Raul — disse-lhe, um dia, o escriptor — traze-me meus sapatos.
Raul apresentou-se com elles a Voltaire, que observou, surprehendido, que tinham ainda o pó do dia anterior.
— Esqueceste de limpar os sapatos esta manhã — disse Voltaire.
— Sim, patrão — respondeu Raul. — Mas as ruas estão tão cheias de barro, que seria inutil fazel-o, pois dentro de algum tempo estariam novamente sujos como agora.
Voltaire sorriu, calçou os sapatos e sahiu sem responder.
Mas Raul correu atraz delle.
— Senhor — disse — a chave!
— Que chave? — perguntou Voltaire.
— A chave do aparador, para preparar o almoço.
— Meu amigo, para que almoçar? Dentro de algum tempo terás tanto appetite como agora — respondeu o autor de *Mérope*.

* * *

Andrade tem um filho soldado, de quem, certa vez, recebeu uma carta concebida nestes termos:
"Manda-me dinheiro para que eu possa comprar um cavallo, meu pae, pois deves saber que fui transferido para a cavallaria."
Andrade assim respondeu ao pedido do filho:
"Ahi vae o dinheiro de que necessitas. Mas tem cuidado, meu filho, que te não transfiram para a Marinha, já que seria muito difficil poder comprar-te um vapor."

* * *

O preso — *Seu* commissario, eu roubei este pão porque tinha fome.
O commissario — Isso não é uma razão. Eu tambem tenho fome todas as manhãs e nem por isso me lembro de roubar a alguem...

* * *

— Que quer dizer quando um marido sonha que é solteiro?...
— Que vae ter uma grande decepção ao despertar...

* * *

Epitaphio de um callista:
"Repousa para sempre aos pés de Deus."

* * *

Um medico diz a um seu cliente e amigo:
— Meu amigo, não tens outro remedio sinão desafiares o Moura para um duello, pois elle te insultou gravemente.
— A mim?
— Sim, homem. Elle chamou-me, publicamente, de veterinario...

* * *

Na leiteria:
— Que vae pedir o senhor?
— Estou com muita sêde. Traga-me alguma coisa com bastante agua.
— Então lhe trarei um copo de leite.

* * *

A' sahida de um baile:
— Por que deste tão boa gorgeta ao rapaz que te entregou o sobretudo?
— Porque o sobretudo vale mais, querida.

* * *

O juiz (ao accusado) — Sua declaração não está de accordo com o que affirma a ultima testemunha.
O accusado — Não é de estranhar, senhor juiz. Ella é muito mais mentirosa do que eu.

* * *

— Fizeste bom exame? — perguntou o ministro a seu filho. — E que nota tiveste?
— Sim, papae. Sahi-me bem. Approvaram-me com distincção.
— E que te perguntaram?
— Si eu era filho do senhor.

* * *

— E tua mulher, como vae?
— Bem melhor. Hontem, já poude insultar o medico...

* * *

— Mas, tu não moravas em Copacabana?
— Sim. Mas agora estou na Tijuca. O medico aconselhou-me a mudar de ares.
— Pois o que vaes fazer é apenas mudar de vinhos...

* * *

Deante de um quadro futurista, um inglez, fleugmatico, exclamou:
— A principio, julguei que o pintor estava louco. Mas agora vejo, pelo cartão "vendido", que o louco é o comprador.

* * *

— João, eu estava muito bebado hontem á noite?
— Um pouco, senhor Anastacio.
— E paguei a conta?
— Não, senhor. A sua embriaguez não era tanta para isso...

* * *

Na fabrica:
O gerente — Como se trata de um emprego de muita confiança, preciso das melhores referencias do senhor.
O pretendente — Não lhe basta saber, senhor, que fui accusado tres vezes de roubo, e fui sempre absolvido?

* * *

Ella — Que differença ha entre uma covinha e uma ruga?
Elle — Oh! Uma differença de trinta ou quarenta annos.

Notas de Arte

Oscar D'Alva

Jacques Thibaud, violinista de fama universal: o maior de França e um dos maiores do mundo. Está sendo vivamente applaudido numa serie de concertos que se realizam no Theatro Municipal.

FESTIVAL ARTISTICO — Em a noite da penúltima jovedia, 5ª feira, 19 de junho, transformou-se o Municipal num lindo museu, onde foram expostos múltiplos e preciosos objectos de arte, *assignados* por figuras de renome em nosso meio social e artistico... Tivemos então o gozo espiritual de rever, ou reouvir, o lapis magistral e inconfundivel de Raul Pederneiras; a *verve* litteraria de Gastão Pennalva; a prosa tauxiada de versos formando um só primor de poesia, da Sra. Maria Eugenia Celso; lindos e emocionantes versos da Sra. Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e da Srta. Henriqueta Lisbôa; o bello canto, sempre applaudido, da Sra. Luiza Torres Paranhos; o violoncello invulgar de Newton Padua; o piano do Prof. J. Octaviano, compositor e interprete; as canções, moduladas com muita expressão, pela Sra. Léa Azeredo da Silveira e pelo Sr. Gastão Formenti; o violino da Srta. Yolanda Peixoto; o piano da Srta. Honorilia Silva; e as graciosas danças do corpo de baile do nosso theatro de opera, onde pairava o espirito de Maria Olenewa.

Nesta summarissima resenha, não esqueçamos ainda a belleza dos scenarios que commentaram em linhas, luzes e côres, os poemas executados por Octaviano e Formenti. Esplendido effeito!

FESTA MUSICAL — No salão nobre do Club Germania ouvimos, em a noite de sabbado passado, bellezas musicaes exhibidas pelos conhecidos e applaudidos cantores, barytono Corbiniano Villaça e soprano Sra. Edméa Montanari, e pela violinista Srta. Hilda Saraiva, todos acompanhados pelo pianista Arnaldo Estrella.

Corbiniano Villaça revelou os seus dotes de mestre da arte do canto, interpretando com sobriedade, mas com belleza, além de peças ligeiras, como *Les rêves* de Gina Araujo e *Chanson* de Fr. Braga, trechos wagnerianos do porte de *Os adeuses de Wotan*, da opera symphonica — *A Walkyria*. Admirou-nos em o festejado barytono, sobretudo, a segurança de sua voz, que ainda não apresenta signaes de cansaço, apesar de já ser bem longo o tirocinio artistico do cantor patricio. Começando a cantar ainda muito joven, hoje, em plena madureza, continua a sua voz a agradar e commover. O que demonstra, mais uma vez, que não basta ter bôa voz; é preciso saber cultival-a. Só a cultura perpetua o talento.

Edméa Montanari viveu com muito esplendor todos os numeros, quer os do programma, quer os *extra*. Foi uma só aria de seducção a serie de melodias com que fascinou o auditorio; *Sogni*, de Wagner; *Un rêve*, de Grieg; *Hymno ao Sol*, de Alex-Georges; *Tristeza Crepuscular* e *Alba di luna sul bosco*, de Fr. Santoliquido; e a 2ª *aria de Ilara*, do 3º acto do *Schiavo*, de Carlos Gomes.

Dotada de agradabilissimo timbre, avelludada e quente, a voz da Sra. Edméa Montanari tem ainda a opulental-a, qualidades de expressão dramatica, que lhe multiplicam o poder emotivo. Mostrou-o a artista com exuberancia em tudo que cantou. E' hoje uma cantora notavel. Poderá ser amanhã uma cantora celebre.

Hilda Saraiva deliciou-nos com a pureza do toque, onde mais que as subtilezas da technica se destacou a sensibilidade da interprete. Patenteou-o principalmente em *Auf Fluegeln des Gesanges* de Mendelsohn — Achron e no extra *Vida breve*, de Falla.

Vibrantes e repetidos applausos saudaram todos os artistas. Flores e mais flores ornaram o triumpho da cantora e da violinista; galardoaram com especialidade a fascinante voz da Sra. Edméa Montanari.

ISO ELINSON — O acontecimento musical de mais sensação da ultima semana, foram os concertos do extraordinario pianista russo — Iso Elinson. Em tres vesperaes no Theatro Lyrico fez-nos ouvir, além de varios extra: Bach — *Preludio e fuga em lá-*

AUTORES

Prof. Ariosto Berna, que acaba de publicar um interessante estudo de critica intitulado «Semeadores do Bello», e que tem despertado vivo interesse nos meios picturaes do paiz.

menor; *Fantasia* em dó menor; Bach-Busoni — *Chaconne* em ré-menor; Mozart — *Rondó* em lá menor; Beethoven — *Sonata* op. 53 (*Aurora*), *Sonata* op 57 (Apassionata); Schubert — *Sonata* em lá maior (Postuma); Schumann — *Toccata*, *Canção de casa*, *Pequena romanza*, *Gineteando*, *Ecos do theatro*, *Baile de fantasia*. Chopin — *Nocturno* em si bemol menor, *Ballada* em sol menor, Valsa em si menor, *Berceuse* em dó sustenido menor, 6 *Estudos;* Liszt — *Mazzepa*, *Rhapsodia Hungara n. 12;* Wagner — Liszt — *Ouverture de Tannhauser;* Stravinsky — *Petruschka;* Prokofief — *Conto da avózinha*, *Gavota* em ré-maior; Rimsky — Korsakoff — *Skomorochin* (Camponeza), transcripção de Elinson; Popoff — *Nocturno;* Krinkoff — *Ballada;* Elinson — *Poema* e *Scherzo*.

Na execução de todas essas peças tudo foram primores. Mas se a poesia com que esmaltou as passagens mais delicadas e sentimentaes, o revelou um dos melhores interpretes da musica de Chopin, se a perfeição com que as sonorizou pode algumas vezes ter excedido a de outros celebres interpretes, nem por isso deve figurar em plano superior ao delles: é, sob esse aspecto, apenas rival de outras summidades do piano. Onde Iso Elinson se nos revelou unico foi na phenomenal bravura. Com a agilidade do relampago, as suas mãos percorrem o teclado dedilhando com assombrosa mestria as mais abracadabrantes passagens. O *Mazzepa* e a *Rhapsodia n. 12*, de Liszt, a *Ballada* e alguns *Estudos* de Chopin, foram milagres de interpretação pianistica até hoje nunca vistos entre nós. E o que mais surprehende é a perfeição impeccavel da maravilhosa technica sem o sacrificio das bellezas de expressão. O pianista desencadeia catadupas sonoras sem que se perceba o esforço para desencadeal-as. E' uma maravilha dynamica a bravura sem par de Elinson. Quem o vê e ouve tocar, não pode deixar de subscrever o autorizado juizo de Glazunoff: "Pelos dotes peculiares á sua assombrosa execução, Elinson é, no piano, um successor de Liszt."

MEMENTO...

SOB o velario triste de meus olhos põe-se a dançar o fantasma do passado...

Uma luva em cujos dedos esguios já morou um gesto de carinho...

Flores murchas... despetaladas...

Uma historia de amor!...

A historia de nós todos.

O passado que se confunde com o presente nas azas fantasiosas da saudade!

A saudade é uma moça bonita que ficou chorando na curva do caminho!...

Um retrato... um lenço branco... o perfume de umas lindas mãos... aqui e ali manchas amareladas... desfeitas...

Lagrimas, talvez...

Sim. Lagrimas...

Lagrimas que o coração fez brotar nuns olhos outróra cheios de luz, encantamento e felicidade.

Lagrimas crystallinas nos meus olhos macerados, buscando a imagem da saudade que ficou na curva do caminho e que me vem agora bailando suavemente, continuamente, dolorosamente ante os meus tristes olhos!

Illusões desfeitas.

Ideaes mortos!

Cinis... pulvis... et nihil!...

CARLOS AMORIM.

Diario de um marido

Abril, 3 — Minha mulher anda doente ha algum tempo. Ignoro qual seja o seu mal. Se peorar, chamarei um medico.

Abril, 4 — Minha mulher peorou. Chamei um medico que diagnosticou molestia natural de senhoras.

.. ..

Abril, 6 — Minha mulher melhorou e parece que se restabelecerá em breve.

.. ..

Abril, 8 — Minha mulher restabeleceu-se. Devo esta alegria á Metrolina, antiseptico poderoso, insubstituivel, d'ora avante, na sua hygiene mais intima!

GARÔA.

Reportagem de bordo

CONTINUANDO os festejos da passagem da linha, houve, hontem, uma interessante noite de arte.

Abriu o recital o sr. Lucas Mattoso, que cantou ao violão modinhas e lundús brasileiros, sendo applaudidissimo, o que não é para admirar, sendo como é um artista nesse instrumento mavioso, tão sentimental e tão nosso...

Tambem a senhorita Lyse Blumenschein disse versos brasileiros e allemães e, para contentar a assistencia, teve que dizer muitos numeros extra, revelando aos ouvidos estrangeiros todo o encanto e toda a belleza da poesia brasileira.

Ao terminar, foi alvo de uma estrondosa ovação.

Em seguida, o sr. Alberto Róo deliciou a assistencia, cantando, ao piano, cantigas typicas chinas e argentinas, que foram ouvidas com agrado geral. Finalizou o espectaculo o sr. Guilherme Thompson, cujo talento bizarro, em imitar bailarinas e estrellas de cinema, cantando e dançando, despertou a admiração de todos que tiveram o prazer de vêl-o e ouvil-o nas suas engraçadissimas interpretações.

Hoje á tarde, houve corridas e brinquedos no tombadilho e á noite haverá distribuição de premios para os vencedores de differentes pareos.

E assim vão passando os dias e o termo da viagem se approxima para satisfação de muitos e tristeza de alguns. Pois nessa convivencia diaria, sob o mesmo tecto, deante do céo e do mar, tão grandes, e tão poderosos, os pequeninos corações humanos como que se procuram, talvez sem o saber, e depois todas as despedidas, mesmo as de mera cordialidade, têm o sabor agri-doce da separação.

Partir é morrer um pouco; viajar é ter sempre nos labios, prompta para ser dita sem esforço, a palavra adeus. E é sempre um pouco triste dizer adeus; é um prenuncio de saudade, é um pequenino espinho que o destino reserva para nos ferir quando menos o esperamos...

Emquanto rabisco esta chronica desenxabida, alguem, ao meu lado, canta, em surdina e brejeiramente:

Meu Bem não chora,
Arruma a trouxa, diga adeus
e vá s'embora...

Juventude feliz, que parte cantando, vendo, no fim da viagem, uma esperança da terra que em breve nos acolherá...

Corações em flor, para os quaes a saudade não passa de um sorriso da distancia ou de uma lagrima que o primeiro raio de sol, em terra estranha, enxugará.

Corações em flor, que dizem adeus como si dissessem *até breve*, porque a esperança, eternamente nova, abre sobre as torturas da ausencia as suas azas que não conhecem a distancia e que zombam de todos os impossiveis...

Mas, para certos corações, os adeuses têm a significação de uma sentença e têm, mesmo ditos num sorriso, o trago amargo do nunca-mais.

Para certos corações, a separação existe, e para esses o adeus é differente da linda saudação que os allemães, sempre alegres, têm nos labios quando se separam: *Auf Wiedersehen!*...

COLOMBINA.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

SELLA DE SORTE

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Ainda ha quem aprecie este genero tão cançado de filme de *far-west*. Gostos não se discutem. Não é que scenicamente elles sejam desagradaveis. O que faz banal este trabalho é a falta de variedade, de pittoresco que o regionalismo americano, tão falho de caracter, lhe empresta. Não vamos contar o enredo. Para que? E' sempre o mesmo, ou quasi o mesmo. O que ha a notar é o valor do interprete. Ken Maynard é, sem sombra de duvida, dos *typos* mais agradaveis no genero.

Cotação — SOFFRIVEL

ALLIANÇA DE AMOR

DA FIRST

Cinema IMPERIO — Parece que a Paramount pegou no cesto de papeis amarrotados que a C. B. C. pôz de parte. Não lhe damos os parabens. E' certo que entre esses papeis ordinarios se esconde por vezes uma joia. Mas tambem é verdade que essa joia não compensa os papeis sujos que são Casa de Orates, Canção do Deserto Paris... esta Alliança do Amor e muitas outras. E examinemos. Estamos em presença dum argumento fragil. Duas irmãs, uma de caracter limpido, outra leviana. Esta rouba áquella os noivos e os cigarros que fuma. Mas é a primeira que ri melhor, porque ri por ultimo. Como se vê é um argumento sem consistencia, sujeito a prolongamentos de situações, sem andamento, sem vida. A par disto, é manifestamente immoral. A censura não teve o cuidado de lhe impôr o aviso para a prohibição da entrada de menores. A interpretação: tres famosas figuras: Lois Wilson, Warner e Olive Borden. Esta com a preoccupação de sempre: o mostrar a formosura do corpo, que, por signal, está feio de magro; Warner perfeitamente *fané* para um galã amoroso; Lois Wilson a unica que se salva em duas ou tres situações. Agora imagine o leitor que este filme é todo elle dialogado. Passamos o tempo a vêr os personagens continuadamente movendo os labios, sem nada percebermos, porque os letreiros, por signal muito defeituosos e descuidados, não são sufficientes para seguirem a falla do dialogo. E a proposito de letreiros, para que se não diga que avançamos no ar affirmações vagas, devemos lembrar que a expressão *Oh!*, exclamativa, não vem nunca seguida de virgula, como ali se vê dezenas de vezes; que em portuguez, como em todas as linguas, o sujeito con-

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

corda com o verbo. Assim se deve dizer *Eva Conseguiu* e não *Eva Consegui*; que a expressão *vou fazer-lhe dar-me* é cassange puro; que... Basta. Se o leitor foi, por desgraça sua, vêr o filme, deve lembrar-se das outras. O espaço falta-nos. O que nos merece estranhesa é que a censura não veja estas cousas. Estavamos quasi a jurar que o filme não lhe passou sob os olhos. E', finalmente, um filme fraco. Isto explica a razão por que na tarde em que ali estivemos não havia nem um terço de casa. E o nosso bom amigo Frankel a coçar a cabeça. Venha outra para a queima.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL

QUE BOA VIDA!

DA METRO

Cinema ODEON — Dá-se com este filme o que, já em outras occasiões, temos notado: as irmãs Duncan são duas artistas popularissima na America do Norte. Populares e queridas. Na realidade não lhes fazem favor nenhum, porque são duas artistas notaveis. Essa popularidade, porém, não chega até ao nosso publico e as irmãs Duncan não estão na tela como authenticos valores no mundo dos astros. Em todo o caso, esta pellicula da Metro agradou pelos duettos das referidas cantoras, por algumas scenas de revista, de accentuado bom gosto.

Cotação — SOFFRIVEL

GENERAL CRACK

DA WARNER BROS.

Cinema CAPITOLIO — As melindrosas certamente não gostaram deste John Barrymore com os seus modos bruscos, seus ares sensuaes e effiminados, em que tem apparecido em outras pelliculas. Nós gostamos e muito. O aspecto viril deste personagem, que não deixa de ter uma boa dose de sentimentalidade, é um trabalho de alta observação psychologica, com traços definidos e certos, de modo a dar-nos da figura historica e lendaria que representa uma idéa o mais approximada possivel do real. O filme da Warner é uma pellicula romantica. Nem o podia deixar de ser, dado o caracter dos typos e de ambiente. O que sobretudo nella realça é a montagem, o scenario. E' simplesmente monumental. Quando em 1929 (este filme é producção do anno passado) as revistas norte-americanas nos annunciaram esta grande obra de arte, affirmaram que ella era toda dialogada. No Rio não manteve esse caracter, accrescendo que os letreiros não foram cuidadosamente tratados. Tudo isso se esquece em frente da direcção admiravel de Alen Crosland, que fez desta pellicula, de tão difficil realização, uma verdadeira obra de arte. A indumentaria e tudo quanto pode dar do momento historico redivivo uma precisão exacta, são trabalhos merecedores de todos os encomios. A par da interpretação de Barrymore, cabe pôr a de Lewel Sherman, que é dum rigorismo absoluto. Não gostamos da artista escolhida para realizar a encantadora figura da cigana.

Cotação — MUITO BOM

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

O MODELO

LEON MARTIN

— Sabes? — disse aquella tarde Magdalena a Felippe, seu marido. — Germana e Claudio separaram-se...

Ella disséra isso em um tom tranquillo, entre duas colheradas de sopa. Felippe sobresaltou-se:

— Como é lá isso? Germana e Claudio? E' impossivel! Elles são casados ha mais de quinze annos e são um casal modelo. Depois, Claudio me teria falado.

— Justamente, elle veio aqui hoje para t'o dizer. Então, como estavas ausente, elle me confiou... Além disso, elle sabia a pena que isso te causaria e... procurou assim te poupar...

Felippe escarneceu:

— E elle contou comtigo, não é? Acertou. Tu tens um geito de lançar as novidades como bolides! Dahi, apesar de tudo, custa-me acreditar...

Magdalena deu de hombros e começou a narrativa.

Havia muito tempo já que ella desconfiava da historia. Germana não era a mulher séria que se julgava. Até então, Magdalena se furtara de fazer commentarios devido á affeição que Felippe dedicava a Claudio; mas agora, a verdade apparecêra. Claudio tinha nas mãos as provas dos deslises de Germana. No momento tratava-se de uma acção de divorcio, sem duvida, mas...

Felippe ouvia sua mulher, que provisitalmente repisava a indignidade da outra. Sentia-se tomado de uma forte tristeza.

Claudio era seu amigo, o amigo que elle collocava sempre como padrão, como modelo.

Desde os tempos de collegio que o admirava, chegando mesmo a ponto de procurar imital-o. Quando chegára a época de optar por uma carreira, elle escolheu a de Claudio; depois haviam feito o serviço militar juntos. Estudantes, haviam habitado o mesmo quarto, e quando um dia Claudio lhe annunciou o seu casamento, elle correu logo a imitál-o e tambem casou-se.

Uma unica differença havia entre elles: Claudio tinha um filho, ao passo que elle possuia uma filha. Elle, porém, até nisso via uma coincidencia providencial, e pensava secretamente num futuro casamento entre essas crianças.

Mas ahi estava! Claudio deshonrado, o Claudio fraternalmente amado era infeliz.

Felippe pontuava as palavras de sua esposa com suspiros e com gestos mais ou menos exaltados.

Por vezes, recusava crêr no que ouvia:

— Não; não é possivel!

Ou então esbravejava, indignado:

— Trahidora! Indigna!

Por fim, elle não se conteve:

— Eu corro á casa de Claudio.

Magdalena protestou:

— E' ridiculo isso! Tú nem comeste!

Elle atirou com o guardanapo.

— Que importa! Claudio é infeliz, e tem necessidade de mim.

No "taxi", Felippe tremia de impaciencia. Imagens sombrias povoavam-lhe o cerebro; elle via Claudio assoberbado pelo desgosto, no seu lar deserto; Claudio desesperado, talvez escrevendo algumas linhas, tendo ao lado uma gaveta entreaberta, a gaveta do revólver...

Felippe sóbe os degráos quatro a quatro e pergunta á creada que lhe abre a porta

— Seu patrão?...

— Na sala de jantar.

Elle precipita-se.

Claudio, sentado á mesa, lê tranquillamente o seu jornal.

Não era esse, positivamente, o quadro que Felippe pensara ver, mas, a onda de affeição que o impellia não deixava que elle notasse essas minudencias que destruiam o seu diagnostico. Elle correu para Claudio, com os braços abertos:

— Meu pobre velho, meu pobre velho!...

Claudio se levantára para receber o abraço e disse simplesmente:

— Tua mulher contou?...

— Sim... Como deves soffrer com isso, meu amigo!

Claudio fel-o sentar.

— Ora, vamos! Calma, calma, meu amigo! E' preciso não exaggerar.

— Não ha duvida; sei bem que tu não te lamentarás! E's tão superior!

Claudio sorriu.

— Não, não. Tu estás fazendo romantismo, meu caro.

E, novamente sentado, recomeçando a comer:

— Como tu vês, isso é um sério aborrecimento. Eu passo sobre o classico golpe no amor proprio, que é fructo de uma outra idade. Torna-se um incommodo devido ás accommodações materiaes necessarias, ás visitas ao advogado, disposições a tomar; nem sei! Mas, afinal, não é caso para grandes afflicções. Entre Germana e eu, os sentimentos eram sobretudo de amizade, de camaradagem mesmo. Então?

Então, eis-me livre: livre de estar calado, á mesa, sem ouvir phrases assim: "Por que não falas?" Livre de quando estiver pensando, ouvir: "Em que estás pensando?" Livre de agir e manobrar, sem que me perguntem: Que estás fazendo?"

Queres que eu te diga? Eu tenho quarenta e cinco annos, mas parece-me que passei bruscamente a ter sómente trinta.

A vida é tudo, meu amigo.

Felippe ouvia, estarrecido.

Redemoinhavam, no seu cerebro, idéas que elle jamais tivéra e que agora lhe pareciam brilhantes e desejaveis, idéas de independencia, de liberdade, de acção!

Felippe voltou para a sua casa, mais devagar do que sahira.

Sua mulher esperava-o:

— Então? Estivesse com Claudio?

— Estive.

— Tu estás com um ar esquisito...

Elle sacudiu a cabeça.

— Claudio está penalizado, não é?

Novamente, elle sacudiu a cabeça; Magdalena approximou-se e, consolando-o:

— Está ahi, "seu" tôlo! E tu que ás vezes tinhas inveja delle! Agora não vês que tu és o mais feliz? —

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Directoria: 2-0277. — Administração: 2-4126

Caixa Postal 97

RIO DE JNEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1421.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 22, Ludgate Hill, Londres.

Donas de casa caprichosas insistam sempre em ter em suas casas o puro, secco, finissimo e economico
SAL DE MESA
Cerebos

ESPIRITO ALHEIO

AS FESTAS INTIMAS

Como as imaginamos...

...e como o são em realidade.

Callos o imprisionam?

Porque permittir que os callos interfiram com o seu trabalho e com o seu prazer? Umas tantas gôtas de "GETS-IT" e aquella dôr palpitante será alliviada. Depois de um ou dois dias o callo pode ser facilmente extrahido e acabar-se-hão as suas pênas. Milhões de pessôas que soffriam de callos recommendam altamente "GETS-IT".

"GETS-IT"

Chicago, E.U.A.

SENHORA

na sua toilette intima use Agermol é a sua garantia. Delicioso, adstringente e perfumado

---

Licções de lingua Italiana

pelo Proff. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139

(Copacabana)

Tel. Ipanema 6315

TOSSE?

Está rouco? Dóe a garganta? Soffre de bronchite? Quer ficar bom sem tomar Xarope? Use

AXOL

---

um agradavel SABOR de FRUCTAS

Peça sempre

WRIGLEY'S

(LEIA-SE RIGLIS)

DISTRIBUIDORES:

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA.

RUA THEOPHILO OTTONI, 44 - Caixa Postal 564

RIO DE JANEIRO

Tachygrapho por força

O conde de Affonso Celso, titular da cadeira 36 da A. B. L., notavel escriptor, poeta impressivo, harmonioso, cuja sinceridade de sentimentos dispensa o artificio para compôr os seus poemas, por lhe ser innata a espontaneidade das imagens poeticas, é fidalgo no trato com as Musas, como fidalgo por descendencia e por mercê da Santa Sé.

Filho de um visconde — que, sobre ser de fidalguia conferida pelo segundo imperador do Brasil, fôra ainda mais nobre, mais brioso pela firmeza do caracter, consoante o confirmara elle proprio, quando no periodo revolucionario da inauguração do governo republicano brasileiro estranhou, ao aguardar conducção para bordo do vapor "Montevidéo", que o senhor senador Dantas houvesse perguntado a alguem como se tinha portado na prisão, porquanto sua excellencia lhe conhecia, ha muito, o caracter, para saber que se portava sempre e sempre bem, julgando ser isso um motivo para o rompimento das relações, e correspondendo, ao embarcar, ao abraço do citado senador, após explicações negativas acerca da arguição — o conde de Affonso Celso, que presenciara o facto aqui referido, nunca praticou um só acto por que se diminuisse ante a heraldica figura do altivo visconde de Ouro Preto, e pelo qual se desmerecesse á memoria do honrado genitor.

* * *

O doutor Raul Soares culminou na politica mineira com o talento e a cultura que lhe deram enorme realce na vida publica, com a energia e a coragem que lhe conferiram certa distincção entre os correligionarios.

Antes de ser deputado e senador federal por Minas, ministro da Marinha do governo Epitacio e presidente das Alterosas, fôra advogado e professor particular de preparatorios em Campinas, quando o bamburrio ainda lhe não sorrira, annunciando-lhe melhor fortuna.

* * *

O immortal Alberto Faria, jornalista aos quatorze annos — edade em que, na cidade paulista de São Carlos do Pinhal, fundara a "Alvorada" — literato *folklorista*, em cuja formação artistica mais tarde influira o cathedratico de Historia Universal e perfeito orador, Cesar Bierrenbach, que conhecia bem a literatura de diversos paizes, e de quem o povo de Campinas er-

HORMINO LYRA

uera o busto esculpido em bronze numa praça pu-
lica da sua cidade natal e cujo nome dera a Prefei-
ira a uma rua dali, tudo em homenagem modesta á
iemoria do modesto e erudito campineiro; ao cul-
var a belletristica, o jornalista procedia sempre á
itura dos seus trabalhos, para ser ouvida pelo refe-
do professor, que, por vezes, lhe suggeria alvitres
lativamente a um ou outro ponto, porventura mo-
ficavel, collaboração de amizade sempre muito grata
espiritos, como os seus, destituidos de soberbias.

* * *

Achava-se Alberto Faria no Centro de Sciencias,
tras e Artes da princeza do Oeste, do qual era en-
o director-presidente, quando ali chegou Raul Soa-
s a insistir com aquelle para irem ambos á Socie-
de de Cultura Artistica assistir a annunciada con-
rencia do conde de Affonso Celso, que fôra até á
imosa cidade paulista especialmente com o fim de
realizar.

Alberto recusou-se terminantemente a acompanhar
amigo Raul.

Este insistiu. Chamou-lhe casmurro, chamou-lhe
rguez; em seguida pediu, rogou...

E Alberto, nada! Não queria, não podia ir. Era cas-
irro, era burguez, era alguma cousa mais; porém
o ia! Desejava, sim, prestasse Raul muita attenção
conferencia, afim de redigir boa noticia para o "Cor-
o de Campinas".

No dia seguinte, chegava o conferente ao Centro
Sciencias a procurar Alberto Faria, redactor-chefe
referido jornal, para lhe agradecer a fineza de ter
ndado um tachygrapho apanhar-lhe a palestra.

Não tinha mandado tachygrapho, asseverara o re-
tor, depois de se darem a conhecer, de se corte-
sm.

Pois a noticia dada pelo "Correio de Campinas" era,
s verbis, o que havia dito na palestra o conferente.
larrou-lhe, então, Alberto Faria tudo como se
1... E, depois da conferencia, voltara o doutor
ul Soares ao Centro e pedira algumas tiras de papel
a escrever o que retivera em mente. Mostrou-lhe a
a em que escrevera aquelle homem de memoria
ilegiada.

, a cravar os olhos no interlocutor, o conde de
nso Celso apostaria, consoante affirmara, como
nhor doutor Raul Soares tinha de ser tachygrapho
força!

Parábola do véo rosa

De AGOSTINHO OBREGON

E Lucrecia, esmagada sob o peso de seus peccados, abandonou o castello e foi impetrar ao santo monge seu milagroso auxilio. E quando chegou ao cimo do monte, onde se erguia o sombrio mosteiro, bateu repetidas vezes em suas portas. Mas as pesadas portas não se abriram, talvez porque o santo monge, que havia cem annos morava na casa millenar, estivesse immerso em um de seus prolongados extases. E então Lucrecia, desesperada, cahiu de joelhos sobre as agudas pedras, e começou a proferir, em voz alta:

— Abre-me, o' santo padre! Abre-me as portas de tua sagrada mansão! Eu sou a mais infeliz das peccadoras do mundo!

E sua voz, que batia no lagedo, resoava na vasta soledade do monte. E implorando assim, e gemendo lastimosamente, deu uma volta em torno do mosteiro. E, quando de novo chegou deante do portão, cahiu desfallecida, pois certamente suas pernas e suas mãos estavam dilaceradas. E eis quando appareceu o santo monge, e vendo que ella se desangrava no solo, como uma cerva ferida, lhe disse:

— Que desejas de mim, pobre mulher?

E ella, atrevendo-se apenas a olhal-o, desabafou seu peito:

— Sou uma pobre peccadora — disse-lhe. — Todos os peccados que possas imaginar, eu os commetti. Não retrocedi deante de nenhum peccado. Mas sinto-me angustiada pelo peso de minhas culpas, e venho a ti, o' santo padre!, para que me faças digna de apresentar-me deante de Deus.

E, cruzando as mãos sobre o peito, o santo monge lhe respondeu:

— O peccado nunca póde ver a virtude, a si alguma vez a vê, foge della. E como tu, a maior peccadora da terra, podes saber que gozo eu, o mais indigno dos servos de Deus, do poder do céo?

E então Lucrecia lhe respondeu:

— Tua fama percorre todo o paiz, de bocca em bocca, dizendo que és um santo varão, e que, como pódes ver as almas através dos corpos, fugiste da sociedade dos homens. Salva-me, o' santo padre! Faze com que eu seja digna de apresentar-me deante de Deus!

E, olhando-a nos olhos com immensa piedade, lhe disse o monge:

— Certamente, ainda terias que dilacerar muito teu corpo para que se parecesse com tua alma. Toma este espelho. Nelle poderás mirar-te a alma uma vez ao anno, e quando ella estiver tão branca como a neve, e diaphana como o ar desta montanha, talvez sejas digna de apresentar-te deante de Deus.

E, assim falando, fechou atraz de si as portas do mosteiro, e tornou a mergulhar na soledade espantosa de seus claustros.

E Lucrecia regresosu a seu castello, e logo que ali chegou, se mirou no espelho. E lançando um grito de horror, cahiu por terra: vira a imagem de seus peccados, terrivelmente ulcerada.

Mas como queria se fazer digna da presença de Deus, atirou ao campo suas magnificas joias — seus brilhantes, suas perolas, seus enfeites sumptuosos — e desmantelou por completo seu castello. E entre suas paredes gris e frias, fez penitencia. E ao cabo de um anno se contemplou ao espelho. E viu que sua alma já não tinha a côr da terra, e que muitas feridas já se haviam cicatrizado. E então atirou tambem ao campo suas recordações, as quaes, como uma rêde de finas serpes, lhe cingiam o coração. E como visse, ao cabo de outro anno, que sua alma estava bem longe de ser branca como a neve, e diaphana como o ar da montanha, tomou um punhado de estrellas que pestanejavam ainda fracamente em um longinquo recanto de sua alma, e as atirou fóra: eram suas velhas illusões. E seus joelhos estavam chagados, e seu corpo, mais que sua alma, era branco e transparente como uma folha de marfim. E, não tendo mais de que se despojar, atirou fóra sua ultima illusão: a illusão de se fazer digna da presença de Deus.

E então o martyrio e a oração começaram a encher de gozo o vaso de seu coração, e como este transbordou, ella teve um extase. E nelle julgou sentir que os primeiros lampejos de Deus a illuminavam divinamente. E assim que havia fenecido outro anno, tremendo de medo e de ansias, mirou-se novamente no espelho. E viu que sua alma, que já era diaphana como o ar da montanha, se tingia de rosa. E como tambem no anno seguinte sua alma se encarnava, banhando-se na côr das rosas, abandonou de novo o castello, e subiu ao monte.

E as pesadas portas do mosteiro se abriram deante della logo que ali chegou e as roçou com a ponta de seus dedos. E ella, atirando-se aos pés do monge, lhe disse:

— Minha alma é diaphana como o ar desta montanha, mas não é branca como a neve! Salva-me, o' santo padre! faze com que minha alma seja branca como as neves immaculadas desta montanha!

E o santo monge olhou-a nos olhos, e seus olhos irradiaram, deslumbrados. E como a montanha estremeceu, os velhos sinos, rompendo seu mutismo centenario, tangeram docemente, e os hortos do valle floresceram.

E erguendo-a deante delle, o monge lhe disse:

— Em verdade te digo, minha filha, que logo que tiverem cahido de teus olhos todas as imagens do mundo, e elles forem tão virgens como em seu primeiro contacto com a luz, talvez possas ver tua alma em sua divina nudez. Poucos olhos pódem ver a casta formosura das rosas, e são poucos os ouvidos que ouvem o canto celestial do rouxinol. Porque, certamente, Deus deita sempre um véo sobre tudo aquillo que é uma imagem de sua Divindade, e são muito poucos os que pódem descerral-o.

E, assim falando, a abençoou, e de novo mergulhou nas frigidas sombras.

E Lucrecia desceu a montanha, e, emquanto atravessava o valle pontilhado de fragrantes flores e fructos deliciosos, ia repetindo as palavras do monge que resoavam estranhamente em seu espirito: "Quando houverem cahido de teus olhos todas as imagens do mundo"... E pensando que seus olhos retinham ainda, a seu pesar, muitas das infinitas imagens amaveis com que o mundo os havia seduzido, apertou o coração. E então apressou o passo, pois desejava despojar-se dellas quanto antes. Mas, quando ia transpôr os altos portões do castello, ouviu que alguem lhe dizia:

— O' Lucrecia, a mais bella, a mais adoravel das amantes da terra! Onde occultas o thesouro divino de tua belleza e de teu amor inesgotavel? Teus amantes gemem, e eu, o mais desgraçado de todos, arrasto minha desesperação por toda a terra!

E Lucrecia ergueu para elle os olhos, e sob uns cabellos grisalhos, e uns olhos lugubres, e uma bocca exangue, viu o mais viril, o mais fino de seus antigos amantes. E, estremecendo, fugiu delle e penetrou no

PRECO 4$000

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54

RUA DA CARIOCA

ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

Crème Simon

Uma massagem com o Creme Simon é tão agradavel para o rosto como uma caricia. Não seca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos póros da pele,

O CREME SIMON

vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.

MODO DE USAR. - Espalhai-o sobre a pele ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos póros por meio de uma leve massagem, secando-o depois com uma toalha. Ele tornará mais aderente o vosso pó...

o PÓ SIMON

PARIS

FERRO QUEVENNE

APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

é a medicação mais poderosa a empregar nos casos de

ANEMIA·FEBRES·DEBILIDADE

Emprego Facil mesmo para as Crianças

Encontra-se em todas as Drogarias

26, Rue Petit, St-DENIS (Seine)

O orgulho foi maior do que o amor

Beatriz da Costa Amaral.

QUANDO Hilda entrou no seu pequenino quarto de solteira para trocar o vestido de noiva pelo traje de viagem, Rogerio, da sala contigua, disse-lhe:

— Não te demores, minha querida; o trem que nos levará a São Paulo partirá daqui a duas horas e ainda jantaremos antes do embarque.

Hilda estava tão nervosa e meditativa, que nem prestou attenção ás palavras do marido. Tirou vagarosamente a grinalda de flôres de laranjeira e o véu, e os poz em cima da cama. Depois, abriu a gaveta do guarda-vestido para procurar umas roupas que desejava levar e deparou-se-lhe o seu diario, que se esquecêra de guardar na mala de viagem. Agarrou-o e foi lêl-o no vão duma janella que dava para o pomar, onde o perfume das flôres das laranjeiras se misturava com o das rosas e jasmins. Esse diario, que começára a escrever quando contava quinze primaveras, lembrou-lhe os acontecimentos e os ideaes da sua primeira mocidade. No seu começo Hilda leu:

"8 de Janeiro de 1922. — Faço hoje quinze annos e, apesar de ter ganho muitos presentes e recebido as visitas das minhas amiguinhas, estou nervosa e triste; — a briga de manhã do papae com a mamãe estragou-me o dia. Essas constantes desavenças dos entes que mais amo puzeram minha alma doente.

"Mamãe aconselha-me sempre que não me case; — diz-me que os homens são máus e, como exemplo, aponta-me papae. Acho que ella te mrazão e nunca me casarei."

Hilda suspendeu a leitura e, tristemente, passeou o olhar no pomar. Anoitecia. Entre os galhos das arvores, os passaros voavam á procura dos ninhos. O sino duma egrejinha que havia perto repicava chamando os fieis para a reza do mez de Maria. Hilda enxugou duas lagrimas, que lhe escorriam no rosto, e continuou a lêr as paginas do diario que mais a interessavam:

"27 de Dezembro de 1926. — Fui hontem ao baile que os paes de Rogerio deram para festejar sua formatura. Encontrei-me lá com Carmen e Dalva, minhas excollegas do Sion, e, com ellas conversando e lembrando as nossas travessuras do collegio, passei horas bem agradaveis.

"Rogerio dançou muito commigo, fez-me uma declaração de amor e perguntou-me si eu queria ser sua esposa. Apesar de o amar loucamente, respondi que não; mamãe convenceu-me de que eu não devo casar, e o meu medo duma vida igual á que papae lhe dá, é maior do que o meu amor.

"15 de Janeiro de 1928. — Mamãe morreu, e eu, triste e sózinha, não tenho mais gosto para viver. Com a companhia de papae não conto; elle passa os dias no escriptorio e as noites quasi inteira nas pandegas. Como são egoistas os homens!

"29 de Fevereiro de 1929. — A pedido de papae, tia Clara e prima Amelia vieram morar comnosco para me fazer companhia. Entristece-me a convivencia com essas parentas que não me estimam. Amelia é perversa e, hontem, após insultar-me bastante, disse-me: "E's muito orgulhosa e não casas porque não achas rapaz nenhum, por melhor que seja, digno de ti. Teu orgulho desmedido já fez com que o dr. Rogerio não te amasse mais. Hontem, no baile da casa da Laura, elle me namorou e dançou bastante commigo. A moça que passa dos vinte annos sem se casar é solteirona, e já tens vinte e dois, Hilda. Queira Deus que, quando te arrependeres de sêr tão orgulhosa, não seja tarde."

"Que feiosa petulante é a Amelia! Ter coragem de dizer que Rogerio a namorou! Elle, que ainda hoje de manhã disse á minha madrinha que me ama loucamente e só será feliz si commigo se casar! Como é triste a vida, meu Deus! Si a mulher não se casa, chamam-na solteirona em ar de escarneo e si se resolve a dar esse passo, está arriscada a encontrar um marido perverso, que a martyrize a vida inteira. "Amelia inveja-me, porque sou bonita e ella é feia, e, por não encontrar em mim nenhum defeito para zombar, allega-me, constantemente, a minha idade, como si eu, com vinte e dois annos, já fosse velha. Apesar de ter medo do casamento, vou dizer ao Rogerio que estou disposta a ser sua esposa. Não quero que me tornem a chamar solteirona; sou orgulhosa e soffri muito ao escutar esta palavra dita em ar de zombaria. O meu orgulho é maior do que o meu immenso amor; foi elle que conseguiu fazer-me pensar em me casar."

Hilda escutou Rogerio chamal-a e suspendeu a leitura. Depois, ao olhar um relogio, viu que faltava pouco tempo para partir o trem que os deveria levar a S. Paulo. Levantou-se, abriu a porta do quarto, mandou o marido entrar e disse-lhe:

— Rogerio, desculpa-me o não ter ainda mudado o vestido; lendo meu diario, distrahi-me e atrazei-me.

Elle beijou as pequeninas mãos da esposa e lhe falou:

— Desculpo-te, minha querida, apesar de não termos mais tempo de tomar o trem.

Hilda, muito nervosa, abraçou-se ao marido, chorando. Rogerio levantou-lhe o rosto, deu-lhe apaixonados beijos nos lacrimosos olhos, e disse-lhe:

— Não te entristeças, minha mulherzinha; eu te prometto que farei sempre todo o possivel para seres feliz...

PARABOLA DO VÉO ROSA

(Conclusão)

castello. E, espantada por essa visão horrivelmente grotesca, e ainda perturbada pelas palavras do santo monge, arrancou os olhos e os atirou tambem ao campo.

E eis que a luz, como si penetrasse pelas orbitas vasias, lhe innundou o coração, ineffavelmente.

E quando, ao cabo de outro anno, se contemplou novamente ao espelho, viu que sua alma era diaphana como o ar da montanha, e branca como suas neves immaculadas.

— Talvez agora — pensou — eu seja digna da presença de Deus.

E, assim falando, se dobrou em silencio sobre si mesma, como um pallida flor em sua haste, e exhalou docemente sua alma.

— E' que realmente sou digna da presença de Deus? — perguntou depois ao anjo que lhe abriu as portas do céo, e que resplandecia de gloria.

— Certamente — respondeu-lhe o anjo. — Por isso, porque és digna, eu te abro estas portas.

E ella lhe disse:

— Eu tinha um véo rosa: não o trago commigo?

E então o anjo, sorrindo diaphanamente de sua grande candidez, e apontando com o indice para baixo, lhe respondeu:

— Queres referir-te áquillo?

E Lucrecia olhou para baixo, e viu que seu bello corpo, prostrado ao pé de uma imagem, e ainda quente, parecia um ligeiro véo rosa ali abandonado.

Aos fracos
dos bronchios
Não deveis temer o frio, nem a chuva, nem o nevoeiro, se souberdes proteger as vias respiratorias, não acumulando sobre o corpo espessas vestimentas, nem envolvendo o pescoço em mantas ou peliças, mas enviando directamente e profundamente aos bronchios, aos pulmões, os antisepticos e os balsamicos protectores. Ora, só o verdadeiro
Goudron-Guyot
Realisa scientificamente este impregnação perfeita, que assegura aos orgãos da respiração uma completa protecção. O uso d'este producto universalmente estimado previne a constipação e a bronchite e faz rapidamente desapparecer todas as manifestações recentes ou antigas. Entrava muitas vezes a tisica e exerce uma acção profunda em todos os gráos da tuberculose.
Exigir o verdadeiro Alcatrão-Guyot (licôr, capsulas, pasta peitoral). Todos estes productos trazem a etiqueta em tres côres : rôxo, verde, encarnado e o endereço da Maison FRERE, 19, Rue Jacob, Paris (6e). Não fazer confusão com certos productos similares.
A venda em todas as boas Pharmacias